

S U E H E C K E R

MAIS DE 16 MILHÕES DE LEITURAS NA INTERNET

Brincando com fogo

EPÍLOGO

A SEQUÊNCIA DE O LADO BOM DE SER TRAÍDA UM LIVRO DA SÉRIE MOSAICO

 HARLEQUIN[®]



Table of Contents

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Sumário

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Agradecimentos

Sobre a autora

Confira os outros livros de Sue Hecker

S U E H E C K E R

Epílogo



Rio de Janeiro, 2017

Copyright © 2017 por Sue Hecker.

Todos os direitos desta publicação são reservados por Casa dos Livros Editora LTDA.

PUBLISHER *Omar de Souza*

GERENTE EDITORIAL *Renata Sturm*

ASSISTENTE EDITORIAL *Marina Castro*

ESTAGIÁRIO *Bruno Leite*

COPIDESQUE *Fernanda Maria Silveira*

REVISÃO *Thamiris Leiroza e Débora Dutra
Vieira*

CAPA *Denis Lenzi*

DIAGRAMAÇÃO E CONVERSÃO PARA E-BOOK *Abreu's System*

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

H353e

Hecker, Sue

Epílogo [recurso eletrônico]: brincando com fogo / Sue Hecker. – 1. ed. – Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.
recurso digital

Formato: ebook

Requisitos do sistema:

Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788595081260 (recurso eletrônico)

1. Ficção brasileira. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

17-42751

CDD: 869.93

CDU:

821.134.3(81)-3

Harlequin é um selo da HarperCollins Brasil, uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Contatos:

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Dedico essa história especial aos anjos que a ajudaram iluminar, em primeiro lugar meu marido e filho, que aguentaram todas as pontas para que as coisas pudessem acontecer. Danilo Barbosa, querido JOB, obrigada pelo profissionalismo e dicas preciosas. Suzete Frediani, Livia Salmazo, Mari Sales, quantos foram os capítulos enviados na madrugada para leitura crítica? Não... não! Vocês não são críticas, na verdade são grandes amigas, queridas e disponíveis sempre. Cleide Natal Alcantâra, a revisão final foi muito especial. Amo vocês.

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Confira os outros livros de Sue Hecker](#)



Prólogo

A alta velocidade do carro cortando o tráfego de São Paulo leva meus batimentos cardíacos a acelerarem descontroladamente e me faz sentir um frio na barriga. O imenso susto de ter sido introduzida, mesmo que educadamente, dentro do carro faz com que uma indesejável descarga de adrenalina se eleve a níveis que jamais imaginei. Sei o que sinto: é medo...

Debato-me, grito, tento abrir a porta traseira do carro, mas as tentativas são em vão.

— Vocês estão enganados, eu não sou quem devem estar pensando. Por favor, me soltem! — grito exaurida. — Sou pobre e, se acham que conseguirão algum dinheiro comigo, garanto mais uma vez que estão enganados, não tenho um centavo.

Eles me fitam de forma taciturna, eu os encaro esperando qualquer resposta.

— O que está acontecendo, vocês podem me responder? Eu nem estava aqui no país. Acabei de chegar! Não existe nenhuma chance de ser eu quem vocês procuram. Por

acaso isto é um sequestro relâmpago? Se for me liberem, porque não vou ter nada para vocês. Posso mostrar minha bolsa, não tenho cartão de banco.

— Não queremos seu dinheiro.

— Não?

— Não — responde o homem grisalho que me puxou para dentro do carro.

Claro que eles não querem dinheiro. Em choque, esbravejo, pensando no que acontecerá comigo.

Como pude ser tão ingênua a ponto de me aproximar de um carro preto com vidros escuros que parou para me pedir informações? Será que todas as advertências que recebi quando eu era criança para não me aproximar de carros para dar informações, porque eles sequestravam crianças e mulheres, não foram suficientes para eu aprender? Droga! Fui muito relapsa... Onde foi parar a malícia que aprendi sendo garota de programa? Droga! Isso não pode estar acontecendo, deve ser um pesadelo. Justo agora que arrumei um emprego na minha área de formação como psicóloga em uma escolinha para poder juntar dinheiro e montar minha clínica de sexologia! Pior que não deixei nenhum contato meu no emprego... Deveria ter deixado o contato do Caio. Pensando bem, por que eu deixaria o contato dele? Não estávamos mais juntos, não fazia sentido.

O coração aperta e tento reprimir a lembrança de ter deixado o homem da minha vida no passado. Um passado

muito próximo, é claro, mas deixei-o. Fiz isso por amá-lo demais, não queria manchar sua reputação nos negócios. Eu sabia o quanto poderia ser constrangedor para ele se algum cliente seu me reconhecesse, assim como aconteceu quando estávamos chegando ao Brasil e um fornecedor dele me viu. Na ocasião, Caio tentou ser o mais imparcial possível, mas eu sabia que ele estava fazendo um esforço danado para não mostrar o quanto estava constrangido.

Meu corpo é jogado para o lado conforme o carro faz uma curva à esquerda. Os dois homens sentados nos bancos da frente não são uma miragem. Há dias vinha sentindo que alguma coisa estava errada, tinha a sensação de estar sendo observada o tempo todo. Ignorei as evidências e preferi acreditar que o que eu sentia era saudade do homem que mais amei nesta vida. Ele foi a única pessoa que conseguiu enxergar minha alma e fazer que eu me sentisse tocada apenas pelo seu olhar.

A ânsia que chega à minha garganta não é apenas do enjoo que sinto pela forma como o motorista está conduzindo o carro; ela vem junto com a incerteza e o medo do que está por vir.

— Eu tenho o direito de saber para onde estão me levando — exige, alterada.

O homem se vira para mim no banco traseiro.

— Acredito que deve ter perdido seu direito quando fugiu. Se eu fosse a senhora, pouparia sua energia, acho

que terá muito a explicar.

— Isso é um absurdo. — Quem em sã consciência mandaria me sequestrar? — Você pode refrescar minha memória e falar de quem eu fugi?

— Saberá em breve.

As palavras e o tom de voz gélido têm um quê de ameaça. Aquela insinuação parece trazer o passado para o presente. Determinado, o homem se vira para a frente com postura ereta, não demonstrando dar a mínima se estou desesperada ou não. Ele está interessado apenas em seguir com sua missão. Covarde! Não me importo se ele liga para meu bem-estar ou não, quero apenas escapar desse carro. Rezo para ele ter de parar em um farol, ou reduzir a velocidade, para que eu consiga fazer algo.

O carro freia. Instintiva, aproveito a deixa e chuto o vidro, na tentativa de quebrá-lo e gritar por socorro.

— O carro é blindado, moça. Agora, é melhor parar de lutar contra o inevitável e colocar o cinto de segurança, antes que se machuque.

Estúpida. Obviamente era blindado. Histeria nunca fez parte da minha personalidade, mas a frustração me deixa somente essa opção. Totalmente enfurecida, surto e começo a ofendê-los para conseguir mais informações, porém os dois homens que me aprisionam não se deixam atingir.

— Não vou fazer o que estão mandando. Aliás, ordeno que me soltem, agora.

— Como mencionou antes, você não tem um centavo, e por mais que tenha a esperança de mudar algo, aqui só recebemos ordens de quem paga muito bem e, neste caso, não é a dona.

— Tenho o direito de saber para onde estão me levando, pelo menos.

— Guarde suas perguntas para daqui a pouco. Só quem tem as respostas é o chefe. Não vamos dizer nada. Desista!

Busco dentro de mim um motivo para estar vivendo esse pesadelo. Outras lembranças começam a surgir e me assustam, engulo em seco e meus olhos se enchem de lágrimas.

Não... Isso não seria possível. Ou seria? Richard? Um arrepio sobe pela minha espinha. Bastardo! Ele tinha um acordo de cavalheiros com o Juarez e tinha que ter honrado. Eu devia imaginar que não podia confiar naquele homem. Por que, quando decidi sair da boate, não segui minha vida em frente e sozinha? Por que fui aceitar ajuda do Juarez? Será que ele sabia quem estava me indicando? Certamente não.

— Dona Natally, vamos pegar a rodovia e é prudente que coloque o cinto de segurança para não chamarmos atenção. Porque, se acaso a polícia rodoviária perceber que tem um passageiro sem cinto e tentar nos parar, temos ordem para fugir e, como sabe, eles costumam ser

impetuosos. Não hesitarão em atirar contra um carro em fuga e nem querem saber se a bala está indo no alvo certo. A polícia não saberá que temos uma refém — o motorista me adverte, com o mesmo jeito brusco com que dirige.

Nesse instante, eu tenho certeza de que a situação é mais séria do que pensava.

— Não vou voltar para a vida que eu tinha antes. Entenderam? Podem me matar se quiserem.

Se nem Caio foi capaz de me fazer abrir mão de tudo para ficar mendigando amor e respeito, não será Richard a fazer isso, se achando meu cafetão. Ele estava ciente de que quando vim trabalhar com ele, não aceitaria ordens e nem mesmo seria novamente garota de programa; nossa transação comercial se limitaria apenas a eu entreter alguns clientes, como acompanhante. Decidi que minha profissão será psicóloga e não há nada e ninguém que me fará mudar isso, a não ser a morte.



Capítulo 1

Natally

Nasci e cresci dentro dos camarins de uma boate. Minha mãe era dançarina e muitas vezes não tinha com quem me deixar. Por isso, me levava junto a seus ensaios. Juarez, dono do lugar, nunca se opôs a essa condição. Dotado de um enorme coração, todos sempre souberam que ele nutria uma preferência por ela: minha mãe era sua estrela preferida. Eu, por outro lado, era como uma filha para as dançarinas. Muitas delas não tinham família e minha mãe era a única que tinha filha. Ali eu me sentia querida.

Nunca estive na boate com a casa em funcionamento; sempre sonhei em me achar lá quando os clientes estivessem transitando. Queria ver a cara de admiração da plateia enquanto assistia a minha mãe. Amava vê-la nos ensaios, o brilho nos seus olhos quando estava em cima do palco era irradiante. Ela trabalhava dia e noite para me proporcionar o melhor.

Com o passar dos anos aquele brilho nos olhos que tanto me fascinava foi se apagando. Ela passou a ser gerente da boate, até que adoeceu e parou de trabalhar. Nessa época, eu tinha acabado de completar 18 anos e estava no primeiro ano de psicologia. Ansiava por ser o seu orgulho, sabia que não era apenas da dança que ela vivera. Para nos sustentar, ela foi além e eu a admirava muito por isso; nunca me envergonhei de quem era minha mãe e muito menos do que ela fazia.

Um dia, chegando em casa depois da faculdade, encontrei-a inconsciente no chão. Ela havia tido um AVC e as sequelas foram tão agressivas que paralisou todo o lado esquerdo do seu corpo. Os médicos não davam perspectiva de melhora e nossas economias foram se acabando em tratamentos. Para ajudar em casa, eu fazia brigadeiros para vender na faculdade, mas o que conseguia no final do mês era insuficiente. Eu precisava de um trabalho e as ofertas exigiam tempo integral.

Não tinha com quem deixá-la. Éramos apenas nós duas e um mundo para sobreviver. O que ofereciam como salário era muito pouco. Os dias iam passando e eu a via cada vez mais doente. Sua pressão não estabilizava. Eu morria de medo de perder minha rainha.

O fato de ela ter trabalhado a vida toda até altas horas da noite fez com que seu organismo se acostumasse a acordar por volta do meio-dia, e isso acabava me possibilitando

seguir cursando a faculdade. Sem condições de continuar vivendo como estávamos, cansei de bater em portas fechadas e pulei pela janela aberta que vi: Sex Club Floripa. Procurei pelo Juarez e disse a ele que eu precisava de um emprego.

A partir daí uma coisa levou a outra. Primeiro comecei como dançarina; essa foi a condição que Juarez impôs para que eu trabalhasse lá. Como dançarina, não me envolveria com os clientes da casa. No início aceitei, porque o cachê era suficiente para pagar a faculdade, as contas de casa e uma enfermeira para cuidar da minha mãe. Porém, as coisas complicaram e ela teve outro AVC, que a deixou totalmente paralisada. Desesperada, procurei novamente Juarez para dizer que precisava dar um passo à frente e que não aceitaria um não como resposta.

Era a minha vez de retribuir à minha mãe todo o sacrifício que ela fez durante a vida para me educar. Foi com ela que aprendi a não desistir. Eu não era nenhuma menina inocente, que não sabia o que aquilo significava. Lembro até hoje de como ele tentou retrucar e me fazer mudar de ideia.

- Estou disposto a pagar o tratamento dela.
- Agradeço, mas não precisamos do seu dinheiro. Sou capaz de dar conta.
- Você não pode ser tão orgulhosa e não aceitar. É sobre a vida dela que estamos falando. Sinto-me em dívida

com ela.

Não ia discutir sobre os sentimentos dele. Jamais poderia julgar qualquer envolvimento que ele e minha mãe tiveram, mesmo Juarez tendo um filho com necessidades especiais com a esposa problemática. Várias vezes eu o vi na minha casa com minha mãe, também a presenciei chorando quando ele ia embora, porém ela nunca me disse nada que o desabonasse.

— Irônico você dizer isso. Não foi o orgulho que o impediu de assumir a paixão que sentia por ela? — Com o olhar perdido, Juarez pareceu refletir com mágoa cada palavra que eu dizia e eu acrescentei minha deixa. — Agora, no que se refere a sua dívida com ela, não sei se haverá tempo de pagar. E quanto a me julgar orgulhosa, acho que essa é a palavra certa. Ficarei eternamente orgulhosa de retribuir o que ela fez por mim.

— Você não sabe o que está falando — ele virou as costas. Doeui saber que eu pretendia fazer certas coisas. — Vender o corpo não é algo para se orgulhar...

— Não diga algo para tentar me convencer que contradiz o modo como você sempre ganhou a vida — interrompi-o.

Ele não ia dizer o que eu podia ou não fazer. Não depois de ganhar a vida à custa das mulheres que trabalharam para ele. No que se refere ao meu corpo, eu dito as regras.

— Desculpa, só não posso — ele murmurou.

— Você sabe que já recebi propostas, não sabe? — Estava tão decidida que até ameacei.

Se ele não podia, sem problemas, era grata por ter me estendido a mão quando precisei, mas eu realmente precisava ir além.

— Você vai ficar aqui — disse, derrotado. — Só me prometa que vai dar mergulhos rasos e não se jogar de cabeça. As águas parecem profundas, mas acredite em mim, elas são rasas. Já vi muita gente quebrando a cara.

Entendi o que ele quis dizer e assenti. Não me deslumbraria com nenhuma promessa de cliente. Seria uma ótima profissional, como a minha mãe, e jamais me envolveria emocionalmente. Os homens saberiam que só teriam meu corpo enquanto eu permitisse.

— Já disse que você é o melhor patrão que já tive? — Pulei em seu pescoço, feliz. Encabulado, vi suas pestanas grossas levantarem.

— Não sabia que já tinha trabalhado em outro lugar.

— Nunca trabalhei, mas já posso imaginar que jamais terei um patrão como você.

Tive muita sorte, ou, como as línguas invejosas da boate diziam, eu era a “princesinha”. Meus clientes eram escolhidos a dedo pelo Juarez, que só permitia que os melhores e os que ele investigava pessoalmente tivessem envolvimento comigo.

Não deixei que ninguém me fizesse desistir. Acreditei, lutei e conquistei o respeito de todos. Não olhei para trás em nenhum momento. Tive como modelo a história da Cinderela: não voltei para pegar o sapatinho de cristal. Logo me tornei dançarina principal da casa e a mais cobiçada entre todas as outras.

Recebi propostas e declarações encantadoras de clientes, mas não era iludida. Aprendi a observar todos a minha volta. Descobri que quem vivia de palavras bonitas eram os poetas. Eu estava ali pela minha mãe. Fiz o que pude por sua saúde, paguei os melhores especialistas, mesmo ouvindo de todos os médicos que sua cura seria impossível. Quando ela se foi, minha profissão já não fazia mais sentido, eu não precisava mais sair com clientes para ajudar no orçamento. Apenas o que eu ganhava com a dança seria o bastante para me manter financeiramente.

Foi então que propus para o Juarez continuar trabalhando na boate somente como dançarina e ele, sem contestar, atendeu prontamente ao meu pedido. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde eu sairia da boate, era apenas uma questão de meses até eu me formar na faculdade de psicologia, que eu insisti em continuar em honra à minha mãe.

Alguns clientes fixos não entenderam e insistiram em um encontro após minhas últimas apresentações. Sutilmente,

Juarez inventou desculpas para me privar de constrangimentos.

Estar em cima do palco sempre me fez entender por que minha mãe se sentia feliz: era libertador. Durante a apresentação eu fazia o que queria, era dona do meu mundo. Podia explorar meu corpo e minha alma da forma que a música me levasse. Ninguém conseguia invadi-lo ou mudá-lo. Pelo menos, era assim que eu acreditava. Até o dia que, depois de ser anunciada para um dos shows, meus olhos pararam em um cliente que mal olhou para o palco durante a apresentação.

Senhoras e senhores, no palco do Sex Club Floripa, apreciem o show da nossa estrela da noite... Natally Lambert.

Os acordes da música reverberaram através das caixas amplificadoras e as cortinas se abriram. Lentamente passei os olhos pela casa e reparei, satisfeita, que estava lotada. Entre os clientes ovacionando minha aparição havia uma mesa de executivos que tinham cadeiras cativas, por prestigiarem meu show todas as quintas-feiras, assobiando e me aplaudindo. Cumprimentei-os e, para minha surpresa, junto deles vi um engravatado, alto, aparentemente forte e moreno, muito bonito, que mal me olhou, nem mesmo acenou como os outros. Achei seu gesto repulsivo e me lembraria da sua falta de educação quando fosse à mesa

deles depois do show. A única concessão que eu fiz a Juarez desde que decidi parar com os encontros foi, depois dos shows de quinta, tomar uma bebida com esse grupo. Eles faziam questão de pagar pela minha companhia, alguns deles já tinham sido clientes privados, porém nunca me faltaram com o respeito quando estavam reunidos e eu nunca me opus a sentar-me com eles para receber seus elogios depois das apresentações. Não entendia muito essa preferência e quem seria eu para julgá-los. Se achavam que o dinheiro podia comprar status de garanhões, o problema era deles.

Nunca me iludi e nem me excitei com os olhares de desejo dos homens que me admiravam; podia usar a fantasia que fosse, fazia o meu melhor, afinal eles estavam pagando para assistir ao melhor show de suas vidas. Como estudante de psicologia e curiosa, sempre soube que meus espectadores esperavam de cada show um espetáculo. Assim, não importava que fantasia eu usasse, apresentava-me explorando o maior desejo masculino dentro deles: se me vestia de enfermeira, fazia com que sua imaginação viajasse e quisessem brincar de médico, por exemplo. Naquele show eu estava vestida de executiva, com camisa transparente e saia lápis, até o joelho, com uma fenda até a virilha que só se abria conforme eu afastava a perna para um movimento mais ousado. Incorporei o papel de dominadora, despejando em cada movimento o poder que

os excitava. Em tese, toda vez que me apresentava como executiva, sabia que os homens me achavam mais sexy. Mulheres com cargo de destaque em uma empresa sempre foram objeto de desejo deles. O brilho nos olhos dos meus expectadores mostrava que mesmo gostando de ser alfas, sentiam-se atraídos pelas mulheres poderosas na cama em vez das submissas. O desafio de domá-las os excitava ainda mais. É como se as mulheres poderosas tivessem embutido dentro do seu kit de sensualidade a submissão conquistada pelo seu macho.

Início de show e eu estava tentando dar tudo de mim, sem entender o verdadeiro motivo. Nunca vi a plateia tão animada sem eu ao menos tirar uma peça de roupa; até algumas notas de dinheiro já fluíam no palco para me incentivar. Meus olhos correram agradecidos e pararam no almofadinha que em vez de me olhar pedia à garçonete mais uma garrafa de uísque. Nunca algo tão frio representou para mim um desafio tão grande. Minha pulsação disparou e o desejo vibrou meu sangue. Eu sabia que deveria continuar o show para quem estava interessado, mas parecia que quanto mais ele evitava olhar para o palco, mais aumentava minha capacidade de me superar e chamar sua atenção.

Será que ele nunca havia assistido a um show de *strip-tease*? Ou me desprezava por eu ser uma dançarina? Talvez fosse um enrustido? Duvidei dessa possibilidade, o

homem transpirava masculinidade. Seu rosto tinha traços marcantes, definidos, sobrancelhas retas e escuras, exalando poder e magnetismo sexual.

A música subiu dois tons e o homem que parecia imune a minha apresentação se dignou a olhar, prendendo seus olhos no palco onde eu estava louca para exercer o domínio da minha fantasia e medir forças com ele. Movimentei o quadril em um balançar sexy e só não sorri por ver seus olhos se arregalarem, quase perdendo o globo ocular, porque meu desafio era começar uma competição em prender sua atenção. A briga de poderes para saber quem poderia ser indiferente a quem seria boa. De despretenso, seu olhar passou a atencioso e caíram nos meus seios. Uma descarga de excitação intumesciu meus mamilos que imediatamente enrijeceram tocando o tecido de seda que os encobria. Senti-me tocada por ele, mesmo com a distância entre o palco e a sua mesa.

Sem querer dar o braço a torcer, joguei o corpo para a frente, como se ele tivesse dobrado uma mulher durona, que sabia se curvar a um homem que merecesse. Vitoriosa, percebi que ele levou a cabeça à frente, como se estivesse seguindo meu movimento. Para judiar um pouco, comprimi minha cintura delgada voltando o movimento, recuando o tronco para ficar ereto.

Envenenada com o próprio veneno, me pego com o coração batendo violentamente, vendo dentro dos olhos

dele a chama eclodir. De repente, eu não sabia mais lidar com o desejo de ter sua total atenção.

Ele ergueu o copo de bebida fazendo um brinde imaginário e eu percebi que estava dando crédito demais para o homem que há pouco tinha me ignorado.

Descaradamente, exalando confiança em meu show, separei as pernas deslizando a mão sobre seu comprimento, descendo o corpo e a cabeça junto, e preendi meu tornozelo entre os dedos da mão. Respirando fundo, lentamente levantei a cabeça e deixei meus olhos seguirem o caminho certo e lá estava ele me encarando encantado; podia vê-lo conter o fôlego. Tudo a nossa volta se tornou isolado e de repente me vi presa com ele, dentro de uma bolha. Senti calor e fraqueza nas pernas. Ele exalava poder e magnetismo sexual. Sua mandíbula trêmula mexeu comigo, lascivamente. Apesar da minha extrema confiança e da segurança de saber que ninguém podia me tocar no palco, me vi querendo quebrar as regras e puxá-lo para dançar com meu corpo colado ao dele.

Conforme a música rolava, meus movimentos seguiam mecanicamente, sem que eu prestasse muita atenção. Na plateia, só via o homem misterioso. Cada peça de roupa que eu tirava era para ele. Eu me despia sentindo queimar cada parte do corpo que ele encarava. O magnetismo daquele homem agia como detonadores implodindo cada

barreira que eu havia até então levantado entre os clientes e o palco.

Seus olhos pareciam me sugar, convidando-me a ir até ele. Eu não me acovardei diante do combate de desejo que emanava entre nós, ousando cada vez mais. Sentia-me poderosa ao saber que estava mexendo com ele tanto quanto ele estava mexendo comigo. O desejo de provar ao meu corpo que um homem seria capaz de me levar ao êxtase, como levei a todos que já haviam se deitado comigo, me dava indícios, a cada olhar trocado, de que o homem certo seria ele.



Capítulo 2

Caio

Abrir uma filial em Florianópolis está tirando o meu sossego, tomando meu tempo, deixando-me longe de casa. Tudo porque não adiantou eu delegar essa atribuição ao bando de funcionários iludidos que tenho; fui obrigado a assumir a frente do projeto e ficar as últimas semanas na cidade.

Os corretores de imóveis que contatei em Florianópolis pareciam uma corja de abutres, querendo me enfiar goela abaixo qualquer imóvel com o valor bem acima daquele do mercado. O pior era ver o meu pessoal de apoio acreditando em tudo o que eles ofertavam.

Enfim, consegui encontrar um imóvel que atendesse todas as necessidades da empresa. Aluguei um conjunto de salas para poder passar mais tempo trabalhando aqui. Já estou esperançoso com os resultados, pois sei que esta já é uma sucursal de sucesso, devido ao número de clientes que o departamento comercial captou.

Meu telefone toca e na tela aparece o nome da única pessoa que me dá tranquilidade.

— Oi, meu amor — interrompo o tabelião no meio da leitura da escritura. Ele torce a boca, mas eu não me importo. Afinal, paguei bem caro para que ele viesse até o meu escritório improvisado, e ficaria ali o tempo que fosse necessário para suprir as minhas necessidades. Bárbara era minha prioridade e pronto. Sinalizando com a mão em silêncio para que ele esperasse, saio da sala.

— Oi, estou com saudades.

— Também estou. Você podia estar aqui comigo.

— Caio, sinto muito por ainda não ter conseguido ir conhecer o imóvel que você escolheu. Você sabe que está uma loucura aqui no escritório.

Sei o quanto ela sente, mas não me conformo. Bárbara vem trabalhando nos fins de semana e todos os dias até tarde por conta dos fechamentos das declarações de imposto de renda dos seus clientes. Porém, fico *emputecido* que, além disso, ela aceita fazer declarações de pessoas físicas também, cobrando uma mixaria para atender a todos. Eu digo a ela que isso é dinheiro de esmola e ela diz para mim que é de grão em grão que sua empresa está crescendo.

— Estou lavrando agora a escritura.

— Parabéns por mais essa conquista, amor. Você volta hoje para comemorarmos?

— Não conseguirei, Babby. Aproveitei que estou aqui e marquei com o engenheiro uma reunião para amanhã, no fim do dia.

— Tudo bem, então. Nos vemos no fim da semana. — Sua voz soa saudosa.

— O que acha de fugirmos um pouco assim que eu voltar? Desligarmos do mundo?

— Ótimo! Estou contando os minutos.

— Te ligo mais tarde.

— Caio... Parabéns mais uma vez.

— Obrigado, meu amor.

Volto para sacramentar e lavrar a escritura. Minha mente está sempre um passo à frente e, por mim, falaria ainda hoje com o engenheiro, porque sei que um único encontro não será o bastante. É o que faço assim que termino a reunião: envio um e-mail para marcarmos um jantar.

O cara é um excelente profissional e nossa reunião rendeu boas ideias. Ele, além de se prontificar a facilitar as coisas para mim, ainda se comprometeu a agilizar toda a parte burocrática e cuidar pessoalmente da contratação de um arquiteto para cuidar da obra. Isso muito me satisfaz, já que faço questão de ter um profissional cuidando de tudo de perto porque, para mim, é quase impossível vir para Floripa com frequência.

Ele é rápido em buscar soluções. Com menos de vinte e quatro horas volta para a reunião seguinte com uma

apresentação prévia de um esboço de projeto. Percebo que ele captou certinho o que eu tinha em mente.

— Vai embora hoje, Caio? — Ele me questiona assim que acabamos a reunião.

— Não, Jethro. Vou amanhã, logo depois do almoço.

— Estou indo beber com uns amigos, caso queira se juntar a nós. Também são empresários, em sua maioria, e reservamos as quintas-feiras, quinzenalmente, para nos encontrarmos em um momento descontraído, com o devido aval das esposas.

Que mal poderia ter em sair para uma bebida? Liguei para a Bárbara a fim de contar sobre os progressos do projeto e combinamos de nos falar pela manhã para ela me pegar no aeroporto. Depois fui encontrar Jethro e seus amigos.

Não sou puritano e também não posso falar que o ponto de encontro do Jethro com seus amigos me desagrade, só não imaginava acabar a noite em um clube de shows de *strip-tease*.

Uma garrafa de Chivas Regal 18 anos é deixada na mesa, como cortesia de Jethro, que faz questão de fazer as honras. Sorvendo algumas doses, conheço um pouco mais das atividades das empresas de cada um.

— Bem-vindo a Florianópolis, Caio. Aproveite a estadia com o que há de melhor da cidade. — Levantando o copo em um brinde, todos o acompanham. Os caras parecem

legais e até troquei cartões com a maioria deles para possíveis parcerias corporativas.

As luzes do palco piscam, escurecem e a acústica do ambiente começa a tocar baixinho os acordes de *Straight to Number One*, do *Touch & Go*. Enquanto conversávamos, várias apresentações de dançarinas já tinham acontecido, mas nada de grandioso que pudesse me chamar atenção. Mulheres desfilavam seminuas servindo as mesas, outra coisa que não me seduziu, porque nenhuma tinha a sensualidade da minha noiva. Eu estava ali participando de um encontro de cavalheiros. Porém, algo muda e sou surpreendido quando a próxima dançarina entra, sua presença ocupando todo o palco. Meu olhar fica preso à mulher com olhos de lince, em cima do palco, onde há apenas uma luz de holofote em cima dela.

Senhoras e senhores, hoje no palco do Sex Club Floripa, o show da nossa estrela da noite... Natally Lambert.

Os acordes da música reverberam através das caixas amplificadas.

— Essa é a nossa Natally. — Gilberto, o mais velho da turma, diz, todo orgulhoso.

— Pensar que somos privilegiados por ter a sua companhia em nossa mesa todas as quintas é de dar inveja a qualquer um dos frequentadores da casa — completa Otávio. Esse foi o único cara que não me desceu muito. Muito dono de si para meu gosto. A cada cinco palavras

que trocamos, três delas eram “sou maior, sou melhor”. Tudo dele tem grandes proporções. Típico do empresário que se acha.

— Caio, como anfitriões da noite, hoje o apresentaremos à dançarina mais cara, gostosa e dona da melhor rebolada no cacete de todas. Nat, a delícia. — Gentil, Cortez Jethro fala enquanto eu nem pisco, fascinado por aquele corpo.

— Vamos apreciar o show. — Tomo o último gole.

Faço sinal para uma garçonete sexy.

— Mais uma garrafa, por favor.

A mulher solitária no palco se mexe lentamente. Seu papel é claro: ela interpreta uma executiva.

Só de ver a sua vestimenta, eu já me sinto conquistado. Meu pau se mexe dentro da cueca, despertando para toda aquela sensualidade. Meu Deus, essa noite só melhora! A camisa transparente evidencia que não veste nada por baixo, e o reflexo da luz mostra que ela gosta da atenção que está recebendo de todos. Os bicos de seus seios despontam no tecido. Ela parece muito confiante e livre, mesmo dentro de uma saia lápis até o joelho, com uma fenda até o meio da coxa, próxima da virilha.

E seus sapatos...

Ah! Os sapatos são impertinentes, vermelhos e altos, aqueles que despertam em um homem o desejo lascivo de senti-los cravando em seus músculos.

Seus quadris balançam em círculo, parando lentamente, fazendo com que o seu ventre e a cintura delgada se movimentem na batida certa da música. Tenso, travo a mandíbula por estar fascinado, conseguindo ouvir os estalos no ouvido.

É como uma guerra, da minha consciência contra a minha visceral insanidade.

Inferno! Que mal há em olhar?

Não há um homem em volta do palco ou em suas mesas que não tenham se rendido a Natally. Quando ela levanta a perna ao alto da cabeça e a fenda da saia se abre, toda a magnitude de suas belas formas é revelada, expondo aos meus olhos sua sensualidade. Aquela mulher deveria ser reverenciada. Isso foi demais! Oh, meu pai, não sei mais quem sou eu.

Nossa mesa é de frente para o palco. Daqui conseguimos ver tudo claramente. Ela provoca segurando a saia aberta entre as pernas quando a música eclode no tom mais sensual. Acompanhando a batida, ela puxa a saia de frente para trás, esfregando o tecido na sua intimidade.

Encontro-me vidrado.

Ela joga a cabeça para a frente junto com a saia, que vai para o chão do palco. Seus cabelos se soltam fazendo uma cortina na sua cabeça baixa.

Com seu quadril empinado para o fundo do palco, fico curioso para saber como é a forma da sua bunda.

Mexendo-se e levantando o corpo, seus cabelos longos e negros começam a se espalhar pelos ombros. Meu pau pulsa e nossos olhos se encontram.

Ela provoca cada espectador no vaivém da dança, insinuando-se e olhando diretamente para mim, como em um show privado.

Putaque me pariu! Eu posso ir para o inferno, mas eu quero essa mulher na minha cama!

— Floripa também tem as maravilhas do mundo. — Um dos homens comenta.

— Estou achando que virei para cá mais vezes do que imaginava.

Ela gira o corpo e, como eu esperava, tem uma bunda linda, firme e redonda, boa o suficiente para tomar uns bons tapas até se curvar aos meus pés e implorar para ter meu pau dentro do seu cuzinho. Mal consigo me controlar. Meu pau precisa dessa mulher!

Ainda de costas dando seu show, suas mãos se apoiam no tornozelo deixando-a exposta, arreganhada. Mais uma vez, seus olhos procuram os meus.

Ela coreografa cada arrepio que passa pelo meu corpo. A mulher é a tentação em pessoa. Tento aliviar a tensão do meu corpo e dos músculos que se contraem. Minhas bolas doem como se chocassem uma na outra.

Quando penso que ela já fez todo o seu show, mais uma vez a música amplifica seus acordes e ela puxa a camisa

com força, mostrando para todos enquanto dança os seus seios robustos, siliconados, mas ainda assim desejáveis... muito desejáveis.

— Acho que você é o cara da vez, Caio. — Jethro levanta o copo em direção ao palco e eu finjo estar surpreso, mostrando a aliança.

— Só se vive uma vez, rapaz. Retribua ao charme da moça, já que estamos todos aqui com inveja de você. Esquece o coração no sudeste e se aqueça com uma sulista. Não há uma esposa que imagine que nossos encontros são aqui — incentiva o conselheiro Gilberto.

Ele tem razão, rolou o lance com a loirinha e ficou por isso mesmo... Essa então, daria menos problemas e nossas vidas não mudariam em nada.

Pequena e sorrateira, ela demonstra a todos qual é o homem com quem quer apagar todo o seu fogo.

E eu não recusei.



Capítulo 3

Natally

Dentro do camarim, despida da fantasia e sentada de frente para o ventilador, com a cabeça jogada para trás, recebi todo o ar frio para tentar esfriar meus hormônios. Ouvi passos mansos se aproximarem e uma sombra parar na soleira da porta. Meu coração disparou. Eu já sabia quem hesitava em bater.

— Pode entrar Juarez.

Colocando o rosto timidamente entre o batente e a porta, ele não precisava dizer o que estava fazendo ali para eu saber o que tinha para falar. Enquanto agradecia a plateia, no fim do show, vi o homem misterioso se levantar e caminhar até ele. Nunca soube como ele conseguiu fazer o Juarez vir falar comigo. As regras eram claras: eu não fazia mais programas.

— Não estaria aqui perguntando sobre o que fará depois da apresentação se não tivesse visto o show particular que deu — Juarez chegou dizendo.

Uma pontinha de constrangimento ruborizou minha face. Não imaginava que Juarez fosse ser tão direto e ainda tivesse percebido quanto o engravatado tinha mexido comigo. Sempre fui o mais discreta possível.

— Creio que veio me perguntar se eu faria uma concessão?

Ele deu de ombros.

— Achei que deveria ao menos dizer que tem um admirador muito interessado por mais um show particular.

— Falou para ele que não saio com clientes?

— Fui claro o suficiente para ele entender que se insistisse o colocaria para fora.

— Deduzo que não.

— Preferi arriscar a descartar a possibilidade logo de cara.

Insanamente, tomada por um calor latente, fechei os olhos e respondi:

— Diga que saio em vinte minutos.

— Tem certeza disso?

Eu não tinha certeza de nada, apenas sentia o que meu corpo estava pedindo. Eu precisava viver esse desejo.

— Nós dois sabemos que sim.

— Lembre-se do mergulho, menina — Juarez me advertiu.

— Mergulhar em águas rasas? Jamais. Costumo seguir o conselho de um grande amigo: boiar sempre, *mon chéri* —

pisquei para ele.

— Espero que saiba o que está fazendo. Gosto quando você incorpora Victorine Meurent.

Lembro-me até hoje de quando, em um dos meus primeiros encontros, ele me contou sobre Victorine. A noite acabou antes do esperado e, em vez de ir para casa e ler nos olhos da minha mãe perguntas que não estava preparada para responder, voltei à boate e entre um copo e outro de *dry martini* afoguei meus desabafos. Juarez aproximou-se de mim engatando um bate-papo amistoso. Foi ali que me contou a história dessa famosa prostituta, filha de um modesto casal de artistas franceses. Victorine sonhava em se tornar pintora e, aos 16 anos, começou a trabalhar posando como modelo. No entanto, a necessidade levou-a à prostituição, e a moça acabou indo trabalhar em um dos bordéis mais famosos de Paris. Na época, ele disse que nossas histórias tinham semelhanças e que o meu futuro estava apenas em minhas mãos; que agora eu poderia ser uma cortesã, mas meu destino estava traçado para ser uma grande psicóloga. Depois dessa história, encarnei a prostituta francesa e sempre que ele me indicava um cliente eu brincava com palavras de carinho em francês.

— Também espero. Agora vá, tenho um cliente engravatado me esperando. Louco para ser enforcado.

— Não queria estar na pele dele. Ou melhor... Acho que o Sex Club inteiro esta noite gostaria de estar na pele dele.

Parada e impaciente na saída de emergência, onde sempre marcava com os clientes da casa que fossem me encontrar, contava os segundos mentalmente prometendo a mim mesma, com um leve arrependimento, que se ele demorasse mais míseros cinco segundos eu viraria as costas e desistiria daquela sandice, mesmo que ele tivesse despertado em mim o desejo mais libidinoso que já havia vivido. Por um breve momento em cima daquele palco eu entrei inteiramente na personagem, domada por aquele olhar. Sem ao menos ter tempo de contabilizar o segundo seguinte, parei de pensar ao sentir mãos firmes e quentes tocarem meu pescoço, os dedos deslizando lentamente pela minha nuca. Naquele momento, não precisava me virar para saber que aquele toque só poderia ser do homem da apresentação. O simples contato foi capaz de me fazer fechar os olhos com o peso preguiçoso das minhas pálpebras, deleitando-me em cada movimento até fazê-lo ouvir da minha boca a dúvida que mais me perseguia, o que ferira o meu ego no início do show:

— Você não parecia tão interessado no show no início da apresentação.

— Não estava.

Incisivo, ele soprava cada letra no meu ouvido.

— Posso saber o que o fez mudar?

— Sua performance ousada.

Isso soou sexy, juntamente com sua outra mão, que laçou minha cintura e me puxou para sua massa muscular, aproximando a boca quente ainda mais do meu ouvido.

— Ousada? — Mal consigo sibilizar a dúvida.

— Ousada a ponto de me fazer esquecer o mundo e mesmo quem eu sou.

Sua ereção prensada a meus quadris também me fez esquecer o mundo.

— Sempre é tão direto quando quer alguma coisa?

— Sou prático. Dou a quem quero o que me pedem.

— O que acha que estou pedindo?

— Além de alguns dígitos que deixei com seu amigo, talvez isto...

Apesar de quase romper a magia que seu toque estava causando no meu corpo, sua resposta me fez parecer uma mercenária. Caio me girou de frente para ele, sem que eu tivesse tempo de processar tudo. Meu peito se apoiou em sua muralha rígida de músculos. Seus olhos me encararam de perto, tão escuros devido a sua pupila dilatada que cheguei a ficar curiosa para descobrir a cor real. Inspirando fundo, ele absorveu todas minhas defesas. Pressionando seu corpo ao meu, me fez acreditar que me desejava mais do que qualquer valor que tivesse pagado. A forma como meu corpo respondia insanamente me deu vontade de dizer que iria ao fim do mundo com ele e não cobraria um

só centavo. O choque desse pensamento me impediu de fazê-lo, lembrando que essas eram águas mais rasas do que as que eu costumava enfrentar, que um mergulho poderia não só quebrar minha cabeça, como também meu coração.

— Sempre ouvi dizer que garotas como você não beijam, mas quer saber, quero que todo esse mito se exploda porque eu vou beijar você.

Levei a mão ao seu peito para empurrá-lo e dizer para enfiar seus cifrões no diabo que o carregue. Ele me calou e ficou difícil rejeitá-lo. Fui aplacada por sua língua com sabor de malte, tocando levemente meus lábios que, receptivos, se entreabriram para recebê-lo e senti-lo esmagando-os. Meu desejo era tão intenso e ávido por mais que não deu lugar a exigir dele gentilezas.

Por um instante, recuperando o fôlego, nossas bocas se afastaram.

— Se você se referir a mim mais uma vez como o último presentinho que alugou, juro que as mesmas bolas que anseiam ser tocadas com carinho receberão um chute que as deixarão doloridas pela vida toda.

Sentindo-me apertada com mais força por seus braços, percebi que sua respiração sibilava quente contra meu rosto. Lutei vigorosamente para não fechar os olhos e cair na tentação de beijá-lo mais uma vez. Resisti, esperando sua resposta.

— Não será necessário, peço desculpas por minha indelicadeza.

— Não se desculpe de algo que você já tem preconcebido na sua cabeça, limite-se apenas a me respeitar e nos daremos bem. Para sua informação, estou aqui porque desejei você, *mon chéri*, não saio com clientes há alguns meses.

Notei o traço sensual dos seus lábios retorcerem.

— Juro que não foi minha intenção.

Seus olhos vagavam para o meu peito, que subia e descia desenfreadamente devido a sua proximidade e ao calor se espalhando por todo o meu corpo.

— Você costuma tentar enganar todas as garotas que pega ou somente a mim?

— Primeiro, não estou tentando enganá-la, minhas desculpas foram sinceras. Segundo, nunca saí enganando ninguém, porque você é a primeira.

Voltando os olhos para os meus, ele parecia responder sinceramente.

— Você não quer que eu acredite nisso, *mon chat*?

Por um instante tive a necessidade de saber seu nome e não o chamar carinhosamente em francês. Ele abriu um sorriso predador e eu senti algo se soltar dentro de mim.

— Miaria à noite inteira para fazê-la acreditar em mim, mas no estado que você me deixou estou mais para um animal selvagem louco para abater sua presa.

Seu comentário combinado com seus lábios desceram aos meus, agitando-me perigosamente por dentro. Se não estivesse presa em seus braços me esborracharia no chão, como uma gelatina de tão mole que me sentia. Com meus clientes anteriores sempre determinei para onde seria levada, porém, nos braços dele me senti perdida, e deixei que ele me levasse para onde quer que fosse.

— Eu ainda não sei seu nome.

— Caio.

Caio e ponto, é assim que ele se apresenta... Foi também o que aconteceu comigo assim que ele me levou para o seu quarto de hotel.



Capítulo 4

Natally

Olhando para o tão sonhado diploma de graduação em psicologia em minhas mãos, perguntei-me qual direção tomar quando há pessoas com as quais gostaria de dividir esse momento de alegria, mas infelizmente não as tenho em minha vida. O tão significativo papel me fez tremer, sentindo um misto de felicidade e medo. *E agora, que passo dar?* Fiz um bom curso, em uma ótima faculdade, tirei nota máxima no TCC e até coube a mim a honra de ser oradora da turma. Tudo isso sem ninguém saber onde eu trabalhava para me manter na instituição. Nunca contei. Não por medo do preconceito ou por me sentir pior do que qualquer um que estava ali, pois sabia que meu dinheiro vinha do meu suor; eu só não dei oportunidade a ninguém de se aproximar de mim para saber sobre a minha intimidade. Talvez seja por isso ou por não ter essa aproximação com os outros alunos da turma que eu estava

completamente perdida e assustada com o futuro profissional que o destino me reservava.

Deixando o auditório onde foi realizada a cerimônia de graduação, olhei em direção à porta e, para minha surpresa, lá estava Juarez com um sorriso orgulhoso me esperando. Timidamente respondi ao sorriso. Havia duas pessoas que eu gostaria muito que estivessem ali com ele: uma delas era a rainha que me fez sentir como uma princesa a vida inteira, e não estava mais entre nós, já a outra... Bom, essa outra pessoa não me fez sentir como uma princesa; aliás, me fez sentir como um nada...



Acordar ao lado do Caio naquela manhã, depois de ter passado a noite mais linda da minha vida nos seus braços e ouvi-lo conversar com a noiva ao telefone, todo amoroso, como se eu fosse apenas um átomo perdido no ar, doeu minha alma. Foi uma prova cabal do quão trouxa era a mulher que acreditava ser capaz de entrar na vida de um homem comprometido com apenas uma chave de pernas. Era para a noite ser uma coisa mais carnal e real, mas o bichinho do sentimento me pegou.



Cheguei perto de Juarez e abri os braços.
— É bom ver você por aqui.

— Não perderia por nada ver você graduada.

Sem jeito, ele retribuiu o abraço. Sábio, Juarez sempre se mostrou um bom conselheiro, mas nunca foi afetuoso; a maior demonstração de proximidade com seus funcionários era um tapinha nas costas.

— Estou feliz que esteja aqui. Não contava que você viesse, mesmo sabendo o que isso significa.

— Você caminhará em novos horizontes, logo teremos uma substituta.

Juarez se soltou do breve abraço indiferente, contrastando com o clima paternal.

— Duvido que ela será tão boa como eu, *mon chéri*.

— Boa talvez não, mas ninguém é insubstituível — sua troca de farpa rendeu uma piscada. — Agora chega de ser pretensiosa e aceite jantar com este velho amigo para comemarmos seu passaporte para o inevitável.

Ele saiu andando e eu adiantei o passo.

— Você às vezes quase me convence com sua encenação.

— Vou me lembrar disso e ser mais persuasivo com as próximas estrelas quando elas partirem.

— Ei, ainda não parti.

— Falaremos sobre isso no jantar.

Juarez é um verdadeiro lorde, educado e gentil; tratava-me como uma dama: de abrir a porta do carro a me levar para jantar em um restaurante de alta gastronomia, cinco estrelas, chamado Dolce Vita. Entre trivialidades e

banalidades, falamos sobre assuntos pessoais e sonhos que nunca conversamos antes. Bem à vontade, desabafei sobre todos os meus receios quanto ao futuro.

— Considerando que você quer ter uma carreira de sucesso atuando na psicologia, como profissional liberal ou empreendedora, a primeira coisa que deve saber é em qual área quer atuar.

— Pensei em terapia de casais ou fazer uma pós em educação sexual, sexologia ou terapia sexual. Como você sabe, a monografia que apresentei foi sobre essa temática e eu acabei me envolvendo de uma forma muito prazerosa com o assunto.

Ele ergueu a sobrancelha esquerda e atirou à queima-roupa:

— Está querendo ajudar seus pacientes ou resolver algo retraído?

Ele levou na esportiva a minha decisão. Porém, entrelinhas, ele manteve um pé atrás, preocupado com as razões dessa escolha.

— Sou bem resolvida sexualmente, para sua informação. Acontece que, muitas vezes, enquanto trabalhava atendendo clientes no Sex Club, fui mais conselheira do que parceira. Muitos deles me procuravam para desabafar e pedir conselhos, em vez de passar a noite comigo.

— Agora está explicado o seu segredo — ele sorriu. — Considerando essa informação valiosa, como bom

empreendedor acho que ampliarei os serviços prestados pela boate e não permitirei que você vá embora. Se soubesse desse adendo aos seus atendimentos teria aumentado um pouco seus cachês.

Sei que ele estava brincando, porém, no fundo, desconfiei que se eu aceitasse, ele não hesitaria em ampliar realmente seus negócios. Acontece que eu queria ir além. O curso de psicologia me deu condições para oferecer terapia a pacientes nas bases que estudei.

— Vou considerar o tempo que está aí pensativa como sinal de ponderação sobre o que eu falei.

Sorri; ele não tinha jeito.

— *Mon chéri*, você é o pai que sempre sonhei para mim.

Pousei minha mão sobre a dele na mesa e o sorriso que estava em seu rosto desapareceu; sua expressão tornou-se tensa.

— Não confunda uma possível questão de negócios com bondade. Não estaria fazendo algo para ajudá-la sem saber que lucraria com isso.

— Se estivéssemos em uma sessão de terapia, poderia dizer que você coloca os negócios sempre na frente para não demonstrar o coração maravilhoso que tem.



Trabalhei quase dois meses em apresentações depois disso e economizei todo o dinheiro que ganhei. Às quintas,

esperava encontrar Caio, mas ele não aparecia; por mais que eu pensasse nele. Acabei, no final das contas, me conformando que isso era apenas um sonho. Era estranho pensar que quanto mais longe você está de uma pessoa, mais necessidade você tem de estar perto dela.

Alguns encontros desconfortáveis com clientes perambulando pela cidade, em shoppings e restaurantes, me ajudaram a tomar a decisão: inscrever-me em uma pós-graduação em São Paulo, longe dali. Não que tenha acontecido qualquer situação desagradável ou insinuações. Era uma questão minha. Queria começar em um lugar diferente, sozinha, sem ter de recorrer ao Sex Club, caso algo não desse certo.

No entanto, um incêndio provocado por um curto-circuito no quarto que era de minha mãe fez com que eu perdesse quase tudo o que tinha juntado. Naquele momento, vi meu sonho ir por água abaixo literalmente, enquanto os bombeiros apagavam as chamas que saíam pela janela. Juarez, meu “padrinho”, no consolo do momento disse que nada estava perdido. Eu só pensava em minhas economias e em como faria para me sustentar em São Paulo sem contar com o aluguel daquele que um dia fora o meu lar.



Cheguei a São Paulo por intermédio de Richard, amigo do Juarez, que gentilmente me incluiu em seu *casting*. Eu poderia ter tentado algo na minha área até conseguir a especialização, porém as coisas foram acontecendo tão rapidamente que quando vi já fazia parte da agência e estava conseguindo me sustentar muito bem.

Ao contrário do que as pessoas pensam, uma agência pode abarcar profissionais para os mais diversos eventos, de acompanhantes a modelos para exposições. Estava ciente de que na agência de Richard isso ia além dos eventos. Ainda assim fui clara sobre ser apenas acompanhante, nada além disso. O que estava ganhando era mais do que suficiente para pagar minhas contas e a pós. Juarez se encarregou da reforma do apartamento em Floripa. O dono da agência já havia tentado algumas vezes passar dos limites de intimidade comigo, e eu mesma cuidei da situação, sem precisar recorrer a ninguém. Venho administrando tudo com excelência.

O último *briefing* que a agência me enviara por e-mail informava que meu cliente era um empresário no ramo de telecomunicação e que o almoço seria para eu fazer as vezes de sua acompanhante. Identificado como sr. Sampaio, ele receberia um cliente com sua esposa. As observações no *briefing* com suas exigências me enojaram, dizia que era imprescindível que minha vestimenta fosse clássica, sem exagero de decote ou roupa curta. Deveria me

portar como uma dama, falar apenas quando me perguntassem algo e não inventasse relacionamento entre nós. Exigia ainda diversos outros absurdos sobre como me portar. O que esse esnobe estava pensando sobre acompanhantes? Por acaso ele achava que acompanhantes eram mulheres desclassificadas e sem educação? Pois nesse encontro ele saberia que eu era muito mais educada que qualquer uma que já tivesse estado ao seu lado.

O carro que eles indicaram, uma BMW preta, estacionou no meio-fio e um manobrista abriu a porta do motorista — ao menos era pontual. Geralmente a agência enviava uma foto de identificação, porém, desta vez, ela não conseguiu porque foi tudo agendado de última hora. Aquele encontro parecia tão vago que cheguei a questionar a secretária do escritório se era seguro o tal compromisso, e ela garantiu que tinha se certificado de todos os dados fornecidos pelo contratante.

O homem desceu do carro e meu coração disparou.

Não era possível... Nervosa e trêmula, o encarei. As novas barreiras reconstruídas em torno do meu coração nos últimos meses, levantadas devido à desilusão de nunca mais vê-lo, desmoronaram com os abalos sísmicos que meu corpo sentiu. Virando-me de lado, tentei ganhar tempo para não cumprimentá-lo no estado em que eu estava.

— Como vai, srta. Lambert?

Ouvir novamente sua voz grave e impactante atrás de mim foi muito pior do que eu imaginei, drenando o resto das forças que sustentavam meu corpo sobre as pernas.

Será que ele também me reconheceu? Estávamos nos encontrando mais uma vez, e ele sendo apenas meu cliente, não como um encontro casual ou romântico, e isso me ajudou a buscar forças para encará-lo. Não podia evitá-lo mais e me virei.

— Sr. Sampaio.

Retraio o corpo evitando o toque e tentando estabelecer um campo de proteção. Atrevidamente ele ergueu as sobrancelhas e deu um passo ao meu encontro com a mão estendida. Sua proximidade forçou-me a levantar os olhos e encará-lo. *Na luz do dia ele é ainda mais lindo*, eu podia ver nitidamente de perto os olhos cor de mel que sonhei por noites estarem em cima dos meus. Sua postura de homem sério e de negócios era diferente daquela do homem descontraído que tive nos braços. Observei seus cabelos penteados, perfeitamente delineados com todos os fios no lugar; meus dedos formigavam com a saudade de entrelaçá-los. Diante de mim tenho um homem estranho pelo qual me apaixonei, e não são apenas as roupas elegantes, diferentes da casual que vestia naquela noite que me fez cair em mim, mas sim a indiferença com que ele me olhava. O que eu poderia esperar de um homem que tinha

pagado para ter horas de prazer com uma garota de programa?



Capítulo 5

Caio

Quando Alfredo, um possível futuro parceiro de Minas Gerais, me mandou uma mensagem dizendo, de última hora, que levaria a esposa no almoço de negócios, amaldiçoei-o em pensamento. Eu não poderia ir sozinho; mas quem levaria? Nicole? Não, ela estava fora de cogitação. Além de ser vulgar demais, eu nunca lhe daria esperanças convidando-a para me acompanhar. Eu ainda estava procurando um meio de mandá-la de volta para o sul e desmanchar o mal-entendido sobre nosso “noivado”.

A única mulher que desempenharia bem esse papel era minha ex, Bárbara; mas eu a perdi. Perdi não, preferia acreditar que só estávamos separados temporariamente, mesmo depois de ela ter descoberto o suposto noivado com Nicole pelas redes sociais. Mas agora Bárbara tinha um novo namorado e estava internada em um hospital após sofrer um acidente de carro. Os pais dela formaram uma

muralha em volta da filha, a qual eu não tinha a menor chance de ultrapassar.

Sem opção, recorri a uma agência de acompanhantes indicada por um grande amigo, que elogiei em um encontro de negócios. Ele havia contratado sua acompanhante dessa agência e tinha dado muito certo. Na ocasião, ele me deu o contato do lugar e eu acabei guardando para uma futura necessidade.

A ideia de contratar uma acompanhante não me agradava muito, duvidava de que pudessem ter uma mulher a minha altura e que convencesse como uma dama. Fiz milhares de exigências durante a solicitação. Eles informaram que tinham a profissional certa e disseram o nome da mulher com quem eu me encontraria. Ele não me pareceu estranho... Logo logo a lembrança veio. Como eu me esqueceria dela?

Nataly era tudo o que eu precisava para me distrair dos problemas que estava enfrentando. Linda e elegante, ela era perfeita para me acompanhar no almoço e, quem sabe, ser a sobremesa. Na noite que estivemos juntos, no início me questioneei se aquela pose de mulher poderosa ainda fazia parte da fantasia que ela tinha representado no palco. Todos na boate se curvaram diante do seu poder. Conforme a noite foi passando, ela me surpreendeu cada vez mais. Era poderosa em todos os sentidos: falava muito bem, era muito educada. O sexo foi selvagem e sensual, ao

mesmo tempo. Essa mulher podia ter sido minha perdição. A noite que passei ao seu lado me afetou mais do que eu gostaria. Mas havia Bárbara, e quando eu estive em Florianópolis mergulhei ferozmente no trabalho, não dando espaço para outras coisas.

Menos para Nicole, a arquiteta. A pessoa errada.

Estacionei o carro e agradei ao manobrista, que gentilmente abriu a porta. Um sorriso astuto surge no meu rosto ao ver Natally à minha espera, dona das curvas mais deliciosas e tentadoras que já tive o prazer de ter em minhas mãos.

Quem diria que nos encontraríamos novamente srta. Natally Lambert. O que está fazendo em São Paulo?

Cumprimentei-a e ela se manteve de costas para mim. Esperei alguns segundos e então ela se virou e me cumprimentou formalmente, me chamando pelo sobrenome.

Minha reação momentânea diante da sua beleza sensual e tímida é instintiva e eu estendo a mão para tocá-la pelo menos em um cumprimento. Seus olhos vagueiam no meu movimento de levar sua mão aos meus lábios em um beijo. Sua análise faz com que meu maxilar tencione chegando a travá-lo ante as lembranças ardentes do nosso tempo íntimo. A roupa de Natally é estritamente adequada para o almoço, mostrando pouco da sua pele translúcida: vestido preto, de corte reto, valorizando seu corpo discretamente.

O decote superficial é um verdadeiro afrodisíaco, deixando-me com vontade de ver seus seios livres. O desejo de estender nossa permanência juntos até depois do almoço me faz romper as formalidades entre nós dois.

— É um enorme prazer reencontrá-la, Natally. Você se lembra do meu nome, não é preciso se referir a mim com tanta formalidade, afinal já fomos íntimos o suficiente para nos chamarmos por nossos primeiros nomes.

Por mais passageiro que tivesse sido nosso tempo juntos, foi íntimo e intenso. Não fui um canalha com ela, como se fosse uma virgem que seduzi e depois dispensei. Tivemos um encontro entre adultos, foi gostoso para ambos.

— Estou aqui para acompanhá-lo e não vejo problema em chamá-lo como desejar. Mais alguma instrução, sr. Caio?

A aura de poder que irradia dela me faz ciente do sarcasmo de sua resposta. Sua mão delicada e gelada toca a minha, fechando um acordo de negócios, e meus dedos quentes a encobre. Posso afirmar que a química explosiva entre nós ainda está ali. Encaro-a, deslizando o polegar na mão sedosa. Um arrepio percorre meu corpo ao sentir sua unha comprida tocar de leve a minha pele, e o desejo de tê-la arranhando minhas costas me faz sentir um calor intenso. Ela tentou puxar a mão como se tivesse se queimado, mas eu não permiti, imaginando aqueles pequenos dedos ágeis em outras partes do meu corpo.

— Não seria uma instrução, apenas um desejo. Que tal se despir dessa mulher de gelo e trazer a mulher doce e quente que conheci? Quanto a me chamar de senhor, não cairá bem se reportar a mim dessa maneira perante meus convidados.

Afrouxei os dedos, deixando-a puxar a mão para assimilar o que eu havia dito e o que acabávamos de sentir ao nos tocarmos.

— Você está sugerindo... — completamente perplexa diante da minha insinuação, faltavam-lhe palavras.

Sorrindo, concluo:

— Estou sugerindo que não seja tão profissional e demonstre um pouco de afeto em reencontrar um velho amigo.

— Você deve estar brincando. Quando fomos amigos?

— Não fomos porque as circunstâncias não permitiram, porém fico feliz que o destino tenha cooperado e nos dado uma nova chance. Tenho a impressão de que seremos bons amigos.

— Acho difícil. Não costumo me relacionar com clientes.

A rejeição de Natally contradizia a forma como seu corpo reagia. Ela tentava deixar claro que tudo era uma questão comercial, mas não havia problemas. Ela tinha um valor a cobrar e eu, o dinheiro para pagar. O que essa transação seria capaz de promover só dependia de nós dois. Por que não poderíamos ser amigos?

— Não duvide do destino. Ele prega peças. — A risada conhecida de Alfredo me chama atenção e a puxo em um abraço pela cintura. — Desculpa ser rude a ponto de abraçá-la sem o seu consentimento, fui obrigado a fazer isso, pois o casal caminhando em nossa direção é o nosso convidado.

— Devo deduzir que sua ousadia forçada era necessária? — retorquindo entre os dentes, ela falou sorrindo, com cara de paisagem. Ela inspirou o ar profundamente e eu gostei de saber que estava apreciando nosso contato tanto quanto eu.

— Dessa vez foi forçado. Nas próximas, eu prometo somente abraçá-la quando implorar.

— Não conte vantagens.

— Não estou contando vantagens. Estou profetizando. — Inspiro alto o suficiente para ela perceber que estou sentindo sua fragrância doce nos cabelos.

— O quanto esse almoço é importante para você? — Ela muda de assunto, manhosa.

— Vale alguns milhões.

— Então é melhor conter sua mão, porque se continuar me apertando como está, a profecia de que seu negócio pode dar certo irá por água abaixo com o escândalo que vou fazer. Você não quer arruinar sua imagem, eu acho.

Toda a nossa conversa era entre dentes travados em sorrisos. Alguém que olhasse para nós dois pensaria que

somos um casal de propaganda de pasta de dente.

— Não diga que não está gostando do meu carinho. Jurava que tinha ouvido um suspiro seu.

— Quando viaja de avião paga taxa extra para levarem junto seu ego? O suspiro que achou ouvir era som de lamentação por estar me forçando a abraçar você.

Sua língua afiada me fazia rir de verdade. Há quanto tempo eu não me divertia tanto? Aproveito que ela me olha de lado para apertar sua cintura delgada mais um pouco.

— Você arruinou minha autoestima.

— Continua com sua audácia em me apertar que arruinarei suas bolas também.

Seu tom ameaçador não foi convincente, e sem oportunidade de continuar provocando-a, somos interrompidos com a chegada do casal.

Após os inevitáveis apertos de mãos, me impressionei com a desenvoltura e elegância de Natally. Caminhar ao seu lado foi prazeroso. Apesar de sua postura discreta, ela era muito sensual. Eu pude notar o olhar de todos à mesa voltados a ela. Natally se mostrou uma ótima companhia, não apenas para mim, como também para Lorena, esposa de Alfredo. Chegou a ser perturbador me pegar sorrindo vendo-a se divertir com algumas piadas. Por vezes fiquei imaginando que se a tivesse conhecido em outras circunstâncias, não teríamos tido algo além de apenas uma

transa. Ela tem uma aura leve, uma inocência contraditória à mulher ousada que sei que é.

O almoço transcorreu melhor do que o esperado. Inteligente, Natally opinava sobre vários assuntos, quando lhe cabia. O casal ficou encantado com ela e estava tão animado que fechei o negócio imediatamente.

— Alfredo, mandarei o departamento jurídico preparar a minuta do contrato — levantei-me para me despedir dele.

— Aguardo, mas desde já saiba que só o assinarei quando vocês forem nos visitar na minha fazenda.

Estava tudo muito fácil, obviamente ele ainda se reuniria com o departamento jurídico.

— Se acha necessário, posso pedir para meus advogados me acompanharem. Se bem que eles podem tirar as dúvidas por e-mail ou telefone.

— Caio, não falo dos seus advogados. Estou convidando você e Natally para passar um final de semana conosco e lá aproveitamos para sacramentar o negócio.

— Nós dois?

— Nós?

Simultaneamente respondemos ao convite.

— Não façam cerimônia. Lorena e Natally se deram bem e vocês foram excelentes anfitriões no nosso almoço. Foi uma tarde agradável. É nossa vez de retribuir.

Realmente a tarde se estendeu, o almoço demorou mais que eu esperava e mal percebi o tempo passar. Procurei os

olhos de Natally, pedindo ajuda com alguma desculpa. Mas ela estava mesmo se divertindo com a situação. O problema estava todo em minhas mãos.

— Diga que está tudo certo e estaremos lá com muito... prazer.

Enfatizei o prazer piscando para ela, satisfeito com sua cara de espanto.



Capítulo 6

Natally

Por que Caio tinha de ser tão legal, educado, divertido e gentil? Por que ele me tratou carinhosamente na frente dos seus convidados? Para causar boa impressão? E aquele lance de colocar meu cabelo atrás da orelha, enquanto eu falava, parecendo interessado em me ouvir? Jurava tê-lo visto piscar para mim, satisfeito e admirado, durante todo o almoço.

Despedi-me de Lorena com a certeza de que foi muito agradável fazer companhia a ela no evento. Discreta, ela não me perguntou nada sobre mim e Caio; por minha vez, também não comentei o quanto estava admirada com o carinho de Alfredo para com ela. Os dois eram um casal de dar inveja com tamanha troca de cumplicidade. Peguei minha bolsa da cadeira, sem me sentar novamente, já que o casal havia ido embora e meu trabalho estava encerrado.

— Foi ótimo o almoço — estendo a mão e Caio me contém.

— Natally, espera um pouco aqui na mesa, preciso ir ao banheiro antes de sairmos.

— Caio, não é necessário esperar, já está tudo certo.

Em meias palavras deixei claro que não precisávamos de formalidades, meus serviços já haviam sido pagos por ele na agência.

— De jeito nenhum vou deixar você sair sozinha do restaurante, também tenho um assunto para falar com você.

Sem me dar chance de contestar, ele saiu andando enquanto falava. Esse homem é muito esperto, mas também muito gentil. A desculpa de precisar ir ao banheiro e pedir que eu o esperasse à mesa não me cheirava bem. Será que ele quer falar sobre o compromisso que firmou com Alfredo sobre visitá-lo? Arrependi-me de não ter atendido ao seu pedido de socorro quando Alfredo o abordou e seus olhos me procuraram pedindo ajuda. Na hora achei tão divertido vê-lo vulnerável, acreditei que ele daria uma boa desculpa. Ingenuidade a minha... Claro. Era óbvio que se vingaria.

Desde que vi Caio saindo daquele carro tentei escorar minhas muralhas de todas as maneiras, fazendo barreiras, impedindo-as que desabassem. Eu já tinha mergulhado naquelas águas rasas e quebrado meu coração. Já havia aprendido a lição.

Ele voltou do banheiro e pediu um minuto. Acompanhei seus gestos e percebi um detalhe que tinha passado

despercebido: ele não estava mais usando aliança. Não consegui tirar meus olhos do seu dedo anular. Curiosa, tentei encontrar alguma marquinha para me certificar de que ele é um verdadeiro cafajeste, que deixa a noiva em casa enquanto desfila cada dia com uma mulher diferente, mas não encontrei marca nenhuma. A ausência de sinais deixava claro que ele já não a usava havia semanas ou até meses. Um sorriso de esperança se abriu nos meus lábios. Relaxada, desencostei das escoras e as muralhas sederam um pouco. Ele tinha razão? Será que podíamos ser bons amigos? Um breve pensamento de advertência desfez instantaneamente minha esperança, avisando-me de que a aliança poderia ter ido parar em outra mão. Casado?

Não tive coragem de desviar meus olhos para a outra mão, senti um aperto no peito. Mas como nunca fui covarde, resolvi encarar os fatos. Meus olhos brilharam. Não havia aliança... Admirada, observei sua mão masculina, os dedos compridos, as unhas bem tratadas. Um arrepio subiu pela minha espinha. Saudosa de sua carícia ousada, meus seios e o lugar íntimo entre minhas coxas queimavam de desejo por seu toque. Minha face esquentou, e não precisei me ver diante de um espelho para saber que esses pensamentos me ruborizaram. Subitamente ele chamou minha atenção. Distraída, em um primeiro momento não entendi o que ele dizia.

— Desculpa, estava distraída. O que você disse?

— Perguntei se você tem parafilia por mãos.

— Não entendo a relevância dessa pergunta — *mon Dieu...* Será que ele percebeu que eu estava procurando sinais de aliança em seus dedos?

— Vendo a mudança da sua expressão de desejosa para espantada, também me pergunto qual a relevância dessa pergunta agora. Juro que me arrependi de fazê-la, afinal estava sendo divertido vê-la se deliciar encarando minhas mãos, cheguei até a me excitar por ver você ruborizada fantasiando algo com elas.

— Acredito que está vendo coisas onde não existem... — retruquei, ainda mais vermelha diante da situação.

— É mesmo, deveria ter registrado o momento em que mordeu o lábio inferior enquanto olhava para minha mão esquerda.

— Com licença... — Salva pelo gongo, peguei meu celular que vibrava sobre a mesa, agradecida por não ter que responder nem ter de me levantar e fugir dali parecendo uma tola.

Natally, o sr. Sampaio precisa que o acompanhe em um compromisso no período de 16 horas até o final da noite; verificamos a disponibilidade na sua agenda e já acertamos o cachê.

Levantei meus olhos e ele deu de ombros.

— Estava falando sério quando disse que podemos ser grandes amigos.

— Eu também estava falando sério quando disse que não sou amiga dos meus clientes.

— Se prefere assim, peço que me acompanhe até meu apartamento para tomarmos um drink.

— Como a agência deve ter mencionado, não faço programas. Posso acompanhá-lo, mas o máximo que conseguirá de mim é um bate-papo.

— Não sei qual é o tipo de amizades que você anda tendo, mas quando disse amigos, não estava pensando em nada que fosse além de bate-papo. Ir ao meu apartamento não significa que farei com você algo que não seja de sua livre e espontânea vontade. Vamos?

Cavalheiro, ele puxou a cadeira para que eu me levantasse. Em nenhum momento ele me tratou como frágil e desprotegida, mas sim com gentileza e admiração. De pé, atrás da minha cadeira, senti emanar o calor do seu corpo. Tocada levemente no ombro, acabei me atrapalhando e me desequilibrei, sendo amparada por ele. O contato tão íntimo do seu corpo contra o meu causou uma destruição em minhas defesas, devastando-as como um fenômeno natural causado por um enorme tsunami em ondas de desejos.

Com o coração acelerado, tentei me orientar afastando-me a uma distância boa o suficiente para me recompor.

— Obrigada!

— Foi um prazer.

— Prazer? Só se foi prazer para você, porque para mim foi muito constrangedor.

— Quanto drama — ele estendeu o braço e colocou dois dedos embaixo do meu queixo, levantando-o. — Confessa que fez de propósito. Percebi sua respiração ofegante de encontro ao meu peito.

— Você é muito pretensioso. O que corre nas suas veias?

— Meus exames apontam sangue. Creio que em nosso encontro no passado você mesma pôde comprovar que tenho, modéstia à parte, veias bem sobressalentes, mas caso não tenha conseguido um diagnóstico preciso não me oponho a repetir o teste.

— Não, muito obrigada, quero distância de você. Você é um lobo em pele de cordeiro. Quando penso que está sendo gentil, logo vem com segundas intenções ou indiretas.

Espantei-me com sua gargalhada.

— Sou um lobo muito mal. Mas prometo ser muito legal com você na minha casa. Vamos?

— Caio, eu preciso que saiba que levo muito a sério meu trabalho como acompanhante e não quero que você pense que porque fui...

— Srta. Lambert, estou muito ciente dos meus direitos e deveres. O que aconteceu no passado ficou lá. Se para ficarmos juntos hoje, amanhã ou em qualquer outra ocasião você tiver que cobrar e estivermos de comum acordo e atraídos um pelo outro, não vejo mal algum. Não precisa se sentir ofendida como se estivesse aceitando um pedido de casamento por interesse. A noite que tivemos juntos foi muito especial.

Suas feições ao dizer isso pareciam verdadeiras. Ele fazia tudo parecer tão simples. Ouvir suas palavras era como receber uma chacoalhada para acordar no meio de um sonho de conto de fadas. Por que eu estava querendo parecer indiferente a ele, e com vergonha de quem fui ou era? Por que era tão difícil ser racional quando se envolviam sentimentos?

O bom senso me iluminou. Eu poderia concordar com ele sobre nossa realidade, mas não diria nada e nem me humilharia afirmando que ele estava certo; que eu era uma boba por estar me comportando assim, por ter me apaixonado por ele em apenas um encontro e por estar agora agindo de modo impulsivo e nada profissional.

— Você tem razão. Vamos. Não quero falar sobre o passado.

Em silêncio saímos do restaurante e só voltamos a falar para decidir em qual carro seguiríamos. Se ele era teimoso, mostrei ser muito mais. Esperando os manobristas

trazerem os carros, não houve meio de Caio me convencer a ir de carona com ele. Eu precisava de espaço, recuperar um pouco da minha sanidade e organizar meus pensamentos.

Ele fez questão de me acompanhar até a porta do meu carro. Achei um exagero seu cuidado em vigiar meus passos. Será que ele não confiava no meu profissionalismo?

— Estou contando que você me seguirá até em casa — debruçado na janela da porta, ele quase enfiou a cabeça dentro do carro.

— Posso ligar para a agência e dizer que o almoço não me caiu bem e pedir uma substituta.

Suas sobrancelhas se uniram em uma expressão de censura e eu pisquei para ele divertida.

— Não aceitaria substituição e ainda os processaria se me ligassem sugerindo esse absurdo — ele sorria enquanto falava.

— Imagino que você tenha um departamento jurídico a sua disposição para processar quem o contraria.

— Não duvide disso.

— Não duvido, mas não acho que é tão cruel a ponto de querer prejudicar uma pessoa convalescente. Ainda mais quando essa pessoa se mostrou uma ótima companheira no seu almoço de negócios.

— Vejo que não sou o único pretensioso.

— Aprendo fácil, tive um ótimo professor.

— Estou me sentindo o pior dos homens.

— Acredito não ser muito fácil ter que viver chantageando as pessoas para conseguir o que quer.

— Você sabe que eu estava brincando.

— Sendo assim, fico feliz por me dar o direito de escolha.

— Não sei se essa foi uma boa ideia — ele endireitou o corpo e deu um tapinha de leve na porta. — Está em suas mãos.

— Péssima ideia — brinquei com ele dando partida no carro. — Decidi que o almoço não me caiu bem.

— Natally... — Ponho o rosto para fora da janela a fim de ver por que ele me chama. — Farei-me tão presente em sua vida que se lamentará por isso.

— O que quer dizer?

— Que pedirei para todos os meus amigos agendarem encontros com você e quando chegar lá serei eu a sua espera. Você vai ter que me engolir.

Fiz cara de pavor, arregalando os olhos.

— A agência me informou que tenho um horário marcado com você até o final da noite. Sendo assim, vamos logo antes que me convença de que você não estava brincando quando disse que me ia me chantagear. Estou começando a ficar com medo do que é capaz quando quer alguma coisa.

— Você nem imagina como a quero.

Fingi não ter ouvido o que disse, fechando o vidro. Disfarcei olhar no retrovisor para retocar o batom e o vi entrar no seu carro.

Como vou me livrar desse homem? Será que é isso que eu quero?



Capítulo 7

Natally

Diante da vista para a ponte estaiada, fico impressionada e encantada com o tamanho da arquitetura peculiar e imponente, suspensa por cabos sustentados de um só mastro que formam seu tabuleiro; posso dizer que é uma imagem bela para ilustrar um grande poema. Passei por ela diversas vezes e em ocasiões diferentes, porém, do alto, tenho a amplitude para ver as importantes avenidas às margens do Pinheiros e elas cruzarem o rio no bairro do Brooklin. Encanto-me com o pôr do sol retalhando o concreto e dando boas-vindas para a cidade.

Comparando minha vida confusa com a ponte, é consolador pensar que assim como ela foi construída para oferecer soluções ao caótico trânsito da cidade, eu também venho dia após dia arrumando soluções para toda a confusão que existe em mim.

— Quando comprei este apartamento fui convencido por esta vista antes de conhecer as outras dependências.

Eu estava de costas para ele, encostada no parapeito da sacada, mas o sentia muito perto de mim.

— Essa ponte é linda.

— Linda! — Congelei ao sentir seu hálito quente soprar o elogio próximo do meu pescoço enquanto nossos corpos quase se tocavam. Ouvi-o inspirar em um ritmo fora do normal seguido de um silêncio total. Consciente do sangue pulsando pelo meu corpo, me senti vulnerável e virei de frente para ele, em uma atitude camicase, prendendo meus olhos nos dele. Sempre foi um infortúnio ser alta, mas naquele momento estava sendo um prazer. Percebi algo de errado no seu olhar, aquele brilho de homem todo poderoso que ele sustentava agora estava opaco. Ele parecia incomodado com algo. Quando chegamos, ele já havia atendido uma ligação, da garagem do prédio, continuando no elevador até entrarmos na sua casa. Caio só se dirigiu a mim acenando que aguardasse um pouco enquanto ele terminava de falar. Será que ele se arrependeu de me convidar? Com quem ele falava tanto ao telefone? Mulher não era, porque no pouco que ouvi da conversa ele se reportou ao seu interlocutor chamando-o de João.

— Problemas?

— Nos últimos tempos eles vêm fazendo parte do meu dia a dia.

Ele ficou sério, parecendo refletir por um momento. Soltando o ar preso na garganta, consegui respirar aliviada por perceber que não era eu o motivo da sua angústia.

— Se quiser falar sobre eles, estou por aqui. Boas amizades começam assim, um amigo desabafando com o outro.

— Fico contente por estar considerando a ideia de sermos bons amigos. Mas hoje não quero pensar e nem falar de problemas, na verdade estou precisando esquecê-los.

— Já que não quer conversar, posso ligar para a agência e reagendar para nos falarmos outro dia. Se bem me lembro, foi por esse motivo que você renovou meu horário. Sendo assim, não temos por que mantê-lo — disse, sem me intimidar.

— Você leva sempre a ferro e fogo o que é falado — a entonação na sua voz mudou e voltou a ter uma conotação sensual.

— Costumo honrar com o que trato.

— Tudo o que você trata não pode ser negociado depois, srta. Lambert?

Caio virou o jogo e eu fiquei impressionada com seu dom de me deixar encurralada e sem resposta. O calor do seu corpo voltou a aquecer o meu. Por um momento queria ter forças para me mover e sair da sua frente.

— Deveríamos entrar. — Tentei me mover sem saber para qual lado sair, mas Caio me segurou até que eu não conseguisse fazer nada além de olhá-lo direto nos olhos.

— Não quero parecer um péssimo anfitrião, mas não vejo assim. Está tão bom aqui, nossa conversa está ficando muito interessante.

— Pensei que não quisesse mais conversar.

— Neste momento estou querendo muito mais do que conversar.

Sua mão queimava sobre meu braço, porém nada comparado ao calor que seu toque causava em minhas partes íntimas, seus lábios quase tocando os meus. Nunca conheci ninguém que fosse tão bom em contato visual.

— Uma pena desapontá-lo em dizer que não faremos mais do que conversar.

— Posso garantir que não é isso que seu corpo está me dizendo. — A ponta dos seus dedos trilharam em um gesto erótico pelo meu braço e meu pescoço, parando na minha face; lutei para não arquear a cabeça de lado.

— Imaginei que você não seguiria as regras.

— Não jogo de forma justa e nem sigo regras.

— Estou percebendo.

— No termo de prestação de serviços da agência que assinei, o que significa a cláusula que diz ter a acompanhante o direito de aceitar ou não as propostas do seu cliente?

Nós dois sabíamos o que isso significava.

— Que eu posso aceitar o que eu quiser. — Não tinha notado que ele estava à vontade sem o blazer, com as mangas da camisa dobradas e a gravata frouxa. Essa contestação me fez sentir que precisava de distância e eu levei a mão em seu peito na tentativa de empurrá-lo. Surpreendi-me ao vê-lo fechar os olhos como se meu toque fosse tudo o que ele mais desejava. Foi tão erótico e parecia tão certo que, em vez de empurrá-lo, deslizei meus dedos por seu abdômen rígido até a altura do cós da calça.

— Sei que posso me arrepender ao perguntar isso, mas preciso saber: o que você quer Natally?

Nathalia responderia “seu coração, que você se abra para mim e conte o que está tirando o lindo brilho dos seus olhos”, porém achei sensato ser prudente ante a situação e responder como Natally.

— *Pergunta errada, mon chéri.* — Insinuante, subi os dedos para a gravata até o nó e o afrouxei um pouco mais. — Não posso dizer o que quero quando você deve fazer a sua proposta, para que eu a aceite ou a recuse. Se você ainda não a fez, como posso dizer se a quero?

Seus braços soltos me envolveram em um abraço pela cintura, aproximando-me dele e fazendo eclodir dentro de mim um frisson.

— Quero você na minha cama.

Olhando-o através dos cílios perdi o fôlego ao ver seus olhos em chamas colidirem com os meus, repletos de ardor.

— Pensei ter ouvido você falar no restaurante que só me abraçaria se eu implorasse.

— Mudei de ideia. — Antes que eu pudesse dizer que não era uma boa ideia, ele cobriu minha boca com a dele e chupou meus lábios. — Doce como eu lembrava.

— Balas de morango costumam ter o mesmo sabor.

— Imagino que tenham o mesmo sabor, mas não é a isso que me refiro, já que ainda não penetrei sua boca com a língua para descobrir. Falo do sabor dos seus lábios cheios e deliciosos.

Obedientes e formigantes, eles se entreabriram com um propósito calculado, dando espaço para a língua dele penetrar minha boca. Aceitei sua invasão, correspondendo ao seu beijo com volúpia. Sua mão explorou minhas costas trilhando carícias da coluna à nuca até enlaçar os dedos no meu cabelo e ditar a regra do beijo. A firmeza no seu toque era tão excitante que me entreguei. Isso o afetou tanto que ele aprofundou o beijo sofregamente, tornando-o cada vez mais profundo e possessivo. Doeui sentir seu peito rígido pressionar meus seios túrgidos e suas mãos ágeis me apertarem. Sei que ele esperava uma resposta minha, mas não conseguia responder, absorvendo, hipnotizada, toda a química erótica entre nós dois. Ele insistiu em me mostrar

o quanto me queria, roçando sua evidente excitação masculina contra minha pelve. Meu corpo respondeu cáldo, queimando minha intimidade e me umedecendo a ponto de eu desejá-lo e implorar:

— Quero ir para sua cama, *mon chéri*.

— Aprenda uma coisa sobre mim, Natally — ele me pegou em seus braços, suspendendo meu corpo do chão e me ajeitando em seu colo, fazendo com que meu vestido subisse expondo minhas coxas —, sou um homem de honra e por mais que eu deseje levá-la para minha cama, só estou fazendo isso porque me pediu. Assim como foi no Sex Club, independentemente se estávamos envolvidos em uma transação comercial, só a tive sob meu corpo quando você consentiu. Sexo só pode ser feito para dar prazer aos envolvidos, de comum acordo. Nosso corpo nasceu para sentir prazer, do jeito que quisermos, sem preconceitos e totalmente libertos de qualquer padrão estabelecido, mas ainda assim somente quando quisermos. A mulher armada que chegou hoje, pronta para me atacar sem eu saber o motivo, nunca mais precisará fazê-lo novamente... Porque, Natally, você só estará nos meus braços quando quiser. Entendeu? O dinheiro não tem nada a ver com o que estamos sentindo agora.

Entender? Tudo o que eu sabia é que estava pronta para provar ao meu coração que esse homem não era uma boa opção.

— Entendi, agora me beija, *mon chéri*.

Ele preferiu me torturar, levando a boca ao meu pescoço.

Estava entregue.

Eu o desejava...

Estar nos braços de Caio novamente parecia tão certo e ao mesmo tempo tão errado. Como meu cliente, eu não deveria estar indo para a cama dele, essa era a minha condição para trabalhar na agência, deixar claro aos clientes que meu trabalho se limitava acompanhá-los e nada mais. Então eu estava ali, nos braços do Caio, seduzida e disposta a transar com ele.

Como se adivinhasse o que eu estava pensando, ele olhou dentro dos meus olhos enquanto seus lábios roçavam minha pele, abrindo caminho para o calor úmido da sua língua me lambar lentamente do pescoço ao ombro. Puxou com os dentes a alça fina do vestido. Parei de pensar, suspirando excitação e cravando os dentes no seu ombro. O braço que sustentava meus quadris deu liberdade para sua mão habilidosa entrar entre minhas pernas e seus dedos brincarem sobre minha calcinha, pressionando minha vulva.

— Será que tenho uma cadelinha precisando ser adestrada? — Ameaçou de forma duvidosa sem aliviar a pressão dos dedos.

— Oh... — Arfei e me contorci de prazer em seu colo, agarrando os músculos com as unhas. — Sou uma cadelinha adestrada, *mon chéri*. — Optei por entrar no seu jogo e encarnar minha musa inspiradora, Victorine Meurent.

Ele me pegou no colo, caminhou comigo e eu soltei um grito surpresa.

— Então creio que é uma leoa que tenho que domar.

Caio chutou a porta do quarto entreaberta, escancarando-a. Tentei formular uma resposta que fosse além da minha ansiedade.

— Eu ainda nem mostrei minhas garras. — Próximo à cama, eroticamente, ele me encarou deslizando meu corpo pelo seu, nos deixando frente a frente. — É assim que pretende me domar? — Desafiei.

— Não pretendo domar você vestida.

— Não? E o que acha disso? — Soltei as alças do vestido pelos braços, deixando-o deslizar pelo meu corpo febril, indo parar direto nos meus pés. Seus olhos acompanharam meus movimentos. Enquanto suas mãos puxavam a gravata pela cabeça, aproveitei a oportunidade e o ajudei a abrir os botões da camisa. Passei dias e noites apenas com a lembrança de ter minhas mãos em sua pele e agora não perderia um só segundo para tê-las ali o quanto fosse possível.

— Adoro sua ousadia. — Sua boca cobria a minha e suas mãos foram direto para minha bunda, amparando-a. — Sua

bunda é muito gostosa, não sei se suportaria ficar mais um segundo sem as minhas mãos sobre ela. — Ele a apalpa, a aperta, esfregando sua ereção em minha intimidade.

— Também gosto quando você me pega assim...

Sua língua invadiu minha boca e não me permitiu concluir o que ia falar. Oh, como gostaria que o beijo dele não fosse bom, seria tão mais fácil para eu esquecer que estive novamente em seus braços...

Mas o que ele desejava era ação. Suas mãos abriram o fecho do meu sutiã libertando meus seios, fazendo-me senti-los doloridos ao tocar seu peito rígido. Não sei se esse gesto carinhoso era intencional para evitar ouvir que eu senti falta dele ou porque ele queria aproveitar cada segundo ao meu lado, mas meus desejos gritavam que eu estava excitada demais para pensar enquanto sentia sua ereção pressionada no meu corpo. Abri o cinto e o botão da calça dele, encarando-o. Abaixei suas calças junto com a cueca e sua masculinidade me saudou imponente. Despudoradamente, envolvi minha mão por todo o seu comprimento e o senti duro, ereto e úmido entre meus dedos. A gota viscosa que vazava por sua glândula me dava uma vontade libidinosa de abaixar a cabeça e prová-lo, mas ele voltou com as mãos ao meu quadril, me guiando, para laçar com minhas pernas a sua cintura. Sua boca me abandonou e eu a procurei, sentindo a ausência do seu beijo.

— Grande, grosso e imponente como eu me lembrava. — Pude ver a satisfação nos seus olhos com o elogio. Encaixando seu membro devidamente entre minha fenda coberta pela calcinha, senti-me encorajada a provocá-lo em um vaivém delicioso, estimulando meu clitóris com sua rigidez. — Você é demais e me deixa toda molhada.

— Natally — Ele chamou meu nome como se estivesse suplicando para eu continuar e eu fiz o que ele pedia, me esfregando. Se não tivesse estado com ele um dia, duvidaria que caberia dentro de mim. Quase não conseguia falar de tanto tesão. — Mal posso esperar para estar dentro de você.

— Sou todinha sua.

Inclinei a cabeça e o beijo foi do mesmo jeito que sonhei... Assumo que senti falta desse homem. Ele me recompensou com habilidade enquanto nos movíamos lascivamente, nos excitando.



Capítulo 8

Caio

Eu estava arfando e sussurrando para ela o quanto era bom senti-la e me dei conta de que, em vez de domá-la, eu estava sendo domado. Então caminhei com ela no meu colo se esfregando e sentei na ponta da cama, perto do criado-mudo, para pegar na gaveta uma camisinha. Observá-la durante o almoço com os meus convidados, tão refinada, me excitou muito. Só consegui lidar com minha ereção porque estava sentado e a toalha de mesa encobria minha falta de pudor.

Contei os segundos para tê-la em meus braços, se bem que, confesso, por vezes me questioneei se isso seria possível ainda hoje. Eu sabia que nosso encontro se restringia somente a ela me acompanhar, as cláusulas no termo de prestação de serviço se repetiam por diversas vezes, claramente como se frisando que a srta. Lambert não estava disponível para nada que ultrapassasse seus limites. Ela, por sua vez, em palavras tentou me convencer de que

estar nos meus braços estava fora de questão, enquanto seu corpo... Ah, seu corpo deixava claro que a química entre nós era evidente. Ligar para a agência renovando sua permanência ao meu lado me pareceu o certo a fazer e agora só agradecia por vê-la tão determinada a se entregar para mim. Sem interromper o beijo nem impedir que a luxúria cessasse entre nossos corpos, olhei de soslaio a gaveta e procurei uma camisinha guardada. Quando encontrei a tesourinha na gaveta bem ao lado da camisinha, não pensei duas vezes: cortei aquela linda calcinha preta e minúscula. Quero liberdade, sentir sua carne úmida e quente envolver meu pau antes de penetrá-la.

— Prontinho, não temos mais nada que nos separe.

— Oh... Seu ato de rebeldia não ficará impune — ela disse ofegante, excitando-me muito com sua língua afiada, que eu imaginava lambendo meu pau inteiro.

— Não quero impunidade e não me importo em ser castigado perversamente.

— Seu castigo pode ser minha partida, por ter me magoado cortando minha calcinha preferida.

Desencaixando seu quadril do meu colo, Natally se afastou e se posicionou entre o vão das minhas pernas. Aproveitei a deixa e rasguei com os dentes a embalagem laminada.

— Se fizer isso estará castigando a nós dois. — As mãos cruzadas no meu pescoço dão apoio a ela para aproximar

seu rosto do meu.

— Tenho que dar o braço a torcer que desta vez você tem razão.

— Vai me deixar mal-acostumado, tem sido muito boazinha. — Com as mãos livres, a coloquei sentada novamente nas minhas pernas, aproximando seu centro quente do meu pau, e apertei-a com mais força.

— Vou me lembrar de ser muito má futuramente — ela sorriu e piscou para mim.

— Qual é a medida da sua maldade? — Desci a boca para seus seios, estimulando-a a dizer o quanto poderia ser má, e o que ouvi foram somente gemidos.

Já estive com ela antes e sei que não tem limites, ela sabe explorar meu corpo perfeitamente e minhas bolas se contraem latejantes, ansiosas por estarem à sua mercê. Circulei a língua nos seus mamilos rosados, intercalando de um para o outro. Ofegante, ela jogou o tronco para trás e sua abertura deslizou diretamente para a ponta do meu pau... Preliminares ficariam para depois porque eu precisava estar dentro dela, temia gozar antes. Posicionado, impulsionei-me, penetrando-a e deixando entrar somente a cabeça do meu pau, brincando com sua entrada até a glândula. Ela deixou escapar um gemido gutural, implorando por mais e pressionando o corpo de encontro ao meu. Eu a detive, me retirando por completo.

— Estou esperando uma resposta.

— Tudo isso é para saber o quanto serei má?

— Sempre tenho segundas intenções, e como você é muito perspicaz vou recompensá-la. Com os dentes, puxando seus mamilos para cima, incitei-a a se erguer, e ela acompanhou levantando o corpo. Aliviei a mordida, abaixando-a com força até que seu corpo abrigasse todo o meu comprimento, que deslizou para dentro da sua vagina quente e úmida até o fim.

— Isso, me receba, abra essa bocetinha gostosa — eu disse entre investidas. — Você me torturou por horas a fio, por isso nossa primeira vez será assim. — Retraí meu pau até a borda e estoquei fundo. — Eu a recompensarei pelo resto da noite, de madrugada, pela manhã, mas agora precisa ser assim.

— Seu tempo acaba no final da noite.

— Renovarei nosso tempo juntos enquanto nossos corpos não estiverem saciados.

A verdade é que eu não sei o quanto precisarei dela para me saciar, depois de ter sentido meu pau tão dolorido o dia todo. Conforme me movimentava, ela ia seguindo brilhantemente com cada vez mais volúpia. Desacelerei, penetrando-a lentamente, curtindo seus gemidos manhosos. Era como se meu pau fosse explodir, e então não me contive mais, acelerando as arremetidas e aumentando o ritmo. Sem perceber me peguei investindo

fundo e rápido, enquanto escandalosamente ela chamava meu nome.

— Isso, *mon chéri*, me pega gostoso.

Adoro sua língua safada, sua entrega. O vaivém frenético e sôfrego a deixava trêmula. Ela se movia junto comigo, rebolando, me sugando e engolindo cada centímetro do meu pau intensamente, fogosa... Era prazeroso foder com ela. Eu via dentro dos seus olhos o quanto Natally estava gostando e apreciando a arte. Tomando seu seio macio e cálido na boca, ela estremeceu, mostrando que pelo seu corpo passavam volts de prazer. Seus gemidos eram imbatíveis: ela gemia sem moderação. Envaidecido, senti o calor do seu sexo e o prazer percorrer dentro dela. Espasmos se aproximavam, arrebatando-a e fazendo seu interior me comprimir.

— Isso é bom demais...

Nunca tinha ouvido algo tão sexy quanto aqueles gemidos altos e sinceros. Ela me fez sentir adorado, desejado, e para uma pessoa que só havia me visto uma vez na vida, ela tinha o dom de me fazer acreditar que amava poder estar nos meus braços.

— Oh... Oh... — Ainda conflagrando, Natally cravou as unhas nas minhas costas e arranhou toda a superfície da minha pele, sentindo que eu também gozaria logo.

— Você é muito gostosa; sinta meu pau esvaziar dentro de você. — Bruto, fundo e forte explodi dentro do látex

que nos protegia, trazendo-a para um abraço úmido pelo suor que encobria nossos corpos. — Machuquei você? — Questionei ao ouvi-la murmurar algo que não consegui decifrar.

— Se me machucou? — Ela me olhou espantada. — Você foi perfeito.

Essa mulher ia me levar à falência. Imaginei que somente mais uma transa com ela seria suficiente, mas ali estava um problema. A mulher era muito gostosa. Não sabia quanto mais dela eu precisava.

Foda-se o dinheiro! O que Natally tinha me proporcionando a instantes não havia no mundo o que pagasse. Eu me senti idolatrado. Nunca me senti assim. Eu vi nos olhos dela que não era por estar sendo paga que estava fazendo aquilo. Natally estava mesmo gostando de estar comigo.

Não havia mais Bárbara como noiva sendo motivo para não procurar Natally novamente... Certamente eu tinha a Nicole, mas essa se vendia muito barato. Por instantes desejei ver Bárbara outra vez, mas enquanto isso não acontecesse, um arranjo comercial com Natally era perfeito. Deixei meus pensamentos e olhei para ela, que me encarava.

— Um banho para tirá-lo dos seus pensamentos.

— Consentido. — Dei um beijo em sua boca, e sem maiores explicações, puxei o preservativo e dei um nó. —

Estava pensando o quanto você é perfeita.

Levantei-me da cama e puxei-a pela mão.

— Sempre pronto, não é mesmo, *mon chéri*? — Ela sorri, encarando minha ereção.

— Isso é porque você me enlouquece de tesão. Agora venha comigo, no chuveiro vou provar o quanto sua teoria está correta.



Capítulo 9

Natally

Caio era incansável!

Eu estava sorrindo na frente do espelho enquanto me arrumava. *Nathalia, que sorriso bobo é esse?*

Parei por um instante, tendo finalmente a dimensão do que acabara de acontecer.

No fundo, eu sabia que Caio nunca foi só um cliente para mim. Ele era o homem por quem me apaixonei em um dia. Claro que isso era algo que eu jamais diria a ele.

Fiquei mais séria, menos iludida, enquanto terminava de colocar o vestido. O certo a se fazer era ser profissional e ir embora, deixando-o jantar sozinho. Ele não podia exigir nada de mim, nosso horário havia se esgotado, passava da meia-noite. Mas eu estava enfeitiçada. Decidida, abri a porta do quarto, ralhando comigo mesma. *Nat, você deve ter uma enorme disfunção química no seu organismo com propensões a suicídio.*

— Hum! O cheiro está bom.

Distraída em meus pensamentos, disse a primeira coisa que me veio à mente ao entrar na cozinha, mas me surpreendi ao ver Caio ao telefone. De costas, ele estava com o braço estendido e a mão espalmada na porta de vidro do armário. A cabeça estava encostada no antebraço. Respirei aliviada por ele não ter notado minha presença e minha empolgação.

— Que filhos da puta. Não tire os olhos deles um só segundo. — Seu tom de voz me assustou e dei um pulo desajeitado, derrubando um enfeite que estava sobre a mesa, repleto de bolinhas.

Agachando para apanhar as bolinhas que se espalharam e rolavam pelo chão, senti-me envergonhada por ser tão desastrada e intrometida. Ouvi quando se despediu do seu interlocutor enquanto, de joelhos, eu engatinhava, pegando as bolinhas que insistiam em rolar por todo canto.

— Eu poderia passar a noite toda olhando você catar essas bolinhas. Está sendo um belo espetáculo. — Tirei os olhos do chão e me virei para ele, que maliciosamente me encarava. — Esse vestido marcando sua bunda é muito sexy.

Seu tom de voz ainda estava alterado, mesmo ele querendo manter um humor na sua brincadeira.

— Desculpe! Estava vindo para me despedir e acabei esbarrando desastradamente no seu enfeite.

— É mesmo? Pensei ter ouvido dizer que o cheiro estava ótimo. Quase não me contive quando ouvi seu suspiro de prazer.

O triunfo satisfeito em sua voz por me pegar desprevenida me fez ruborizar.

— Você sabia que eu estava na cozinha?

— Ouvi o som dos seus sapatos desde a hora que saiu do quarto e caminhou para cá.

— Elogiar a comida não quer dizer que ficarei para jantar. Lembrei que acordo cedo e preciso ir embora.

— Deixe-me ajudá-la a pegar essas bolinhas. Isso já aconteceu comigo algumas vezes. — Ele se abaixou perto de mim e seu perfume embriagou meus sentidos. — Não sei por que insisto em manter esse enfeite que a decoradora colocou sobre a cantoneira. E nem pense em ir assim: não vou deixar minha convidada ir embora sem estar completamente alimentada.

O que acontece com esse homem? Como ele pode mudar seu tom de voz em tão poucos segundos de algoz para gentil?

— Você é muito insistente.

— Devo ser mesmo. Pegar todas essas bolinhas, coisa que eu já fiz, deveria ter sido suficiente para tirar esse enfeite daqui na primeira vez — ele fingiu não ter entendido o que eu disse.

— Não estava me referindo a isso.

— Não?

— Estava dizendo que não vou ficar para jantar. Não adianta insistir.

— Então isso será um problema.

— Não vejo por quê.

— Eu vejo, porque não como sozinho, e se não ficar terei que ir dormir faminto.

— Assim você me faz parecer a pior das pessoas.

— Eu diria que é a melhor se ficasse.

— Pare de falar e me ajude a pegar essas bolinhas. Não quero ser acusada de matá-lo por inanição.

Ao seu lado, não sentia como se fosse meu cliente. Para falar a verdade, parecíamos dois velhos amigos. Embaixo da mesa, peguei a última bolinha e nossos olhos se encontram. O clima envolvente me fez emotiva e por segundos fantasiei como seria bom tê-lo ao meu lado sempre. Seus olhos me hipnotizavam; ele tinha as feições mais lindas que já vi. Seus lábios bem delineados e carnudos estavam convidativos.

— Achei que não acabaria nunca — tentei romper o silêncio erótico.

— Não precisa acabar.

Por mim não acabaria mesmo. Mas eu sabia que ele estava se referindo apenas àquela noite. Eu precisava comer e ir embora. Depois eu ligaria para a agência e dobraria o valor do meu cachê caso ele me procurasse outra vez. Eu não suportaria mais um encontro com ele

sem me envolver. Desde que o conheci, ele preenchia meus dias e perseguia minhas noites, alimentando uma ilusão; sei o quanto paguei por ela quando ele nunca mais me procurou.

— A comida deve ter esfriado.

— Com o calor da cozinha, duvido ter acontecido isso.

Seus olhos predadores me olhavam como se eu fosse uma caça acuada no canto da parede, presa sob a mesa. Ele ameaçava se aproximar de mim, e em defesa me levantei rapidamente, batendo a cabeça no tampo da mesa. Lágrimas tomaram meus olhos pela dor e embaçaram minha visão. Tonta pela batida, mal me equilibrei e fui amparada por ele.

— Deixe-me ajudá-la, srta. Lambert. Onde foi a batida?

Seus braços me envolveram firmemente, causando-me uma reação elétrica tão intensa que mal consegui responder:

— A pancada não foi tão forte.

— Vou pegar gelo, sua testa está vermelha. Também não quero ser acusado de violento.

Ele sorriu e me ajudou a sentar na cadeira.

Segurando uma bolsa de gelo, esperei que ele servisse o jantar. Lindo, vestindo apenas uma calça jeans desbotada, pensei que ele seria a última distração que precisava na minha vida. Minha pós-graduação está por acabar e eu não pretendia ter que enfrentar horas a fio de terapia para

resolver aquela emoção. Ainda mais depois de ouvir sua recente ligação. Era muito assustador vê-lo tão ameaçador tendo em vista a perseguir alguém. Quem seria? Sua ex-noiva? Uma amante? Algum cliente?

— Passou a dor?

Vi Caio sentado à minha frente após servir nossos pratos.

— Já passou. Foi apenas de raspão. — Tirei a bolsa de gelo sentindo a batida anestesiada.

— Vinho ou água?

— Água, por favor.

Gentil, ele me serviu sem tirar os olhos de mim; eu, por outro lado, acompanhei seus movimentos para não encará-lo. Coloquei a mão na taça de água e ele pousou sua mão sobre a minha. Meu corpo formigava, sentindo seus dedos longos massagearem minha mão carinhosamente em deleite.

— O que faz aqui em São Paulo?

Deliberadamente ele me olhava curioso.

— Trabalhando.

— O que a fez sair do estrelato para atuar no anonimato? Era brilhante como dançarina. — Ele levava o garfo à boca e meus olhos acompanhavam seus movimentos.

— Talvez eu não fosse uma dançarina de verdade.

— Como? — Percebi que ele engoliu a comida sem mastigar. — Você era a melhor que já tinha assistido.

Extremamente sexy.

— Isso ficou no passado. Agora, vamos comer? Esse strogonoff parece estar ótimo.

Mudei de assunto radicalmente. Não queria falar sobre o que estava fazendo em São Paulo.

— Helena, minha assistente, cozinha muito bem. — Inteligente, ele entendeu o recado.

— Gosto da sua sinceridade, poderia ter me enganado dizendo que você mesmo o preparou para receber elogios.

Ele sorriu.

— Em outras épocas faria isso. Atualmente estou preferindo ficar invisível.

Notei sua distração momentânea e parei para observá-lo. Ele parecia reflexivo.

— Você parece preocupado.

— Estou sendo chantageado.

Encarei-o, pensando que ele desabafou por distração, mas o que vi foi um olhar sério.

— Isso sim é um problema. E eu pensando que deixá-lo passar fome seria um problema... — Brinquei para tentar tirar a ruga que aparecia entre suas sobrancelhas.

— Você chantagearia um amante por conhecer algum fetiche não muito convencional dele? — Ele falava naturalmente enquanto levava outra garfada à boca, como se ser chantageado fosse algo comum na sua vida.

Aonde ele queria chegar com aquele assunto? Respirei fundo antes de questioná-lo. Alguns anos de psicologia me davam a impressão de que o problema dele não era eu, mas outros muito maiores.

— Primeiro, eu não chantagearia ninguém em hipótese alguma. Segundo, para mim, o que acontece entre quatro paredes fica entre quatro paredes. Era sobre isso que falava ao telefone?

— Estava falando com um investigador particular.

Sua expressão ultrajante parecia sobrecarregada.

— Se está sendo chantageado, por que não procura a polícia?

— Porque é minha noiva que está me chantageando.

— Sua o quê?

E então finalmente eu soube de tudo. De sua grande paixão, Bárbara, que o deixou após descobrir seu caso com a arquiteta, Nicole, a qual o chantageava para voltar com ela, caso contrário deixaria escapar a todos que ele era adepto ao beijo grego. Academicamente, o assunto me chamava atenção. A voz de Caio proferindo os motivos da chantagem demonstrava um alto nível de estresse. Seus olhos, arregalados, pareciam paralisados. É incrível como o machismo impede os homens de sentirem, de se permitirem ou admitirem muitas coisas. Machista, ele tinha medo do que poderia acontecer caso descobrissem que ele e Nicole praticavam anilingus. Particularmente, nunca

realizei em ninguém carícias anais e nem mesmo ele tinha me pedido ou dado indícios de que gostava.

— Você tem preconceito por sentir esse desejo, Caio?

Peguei-o desprevenido, e ele me olhou surpreso. Parecia estar preocupado com qualquer julgamento meu por seu comportamento.

— Não é uma questão de preconceito, só não vejo necessidade de algo tão íntimo ser revelado.

— Então não tem problema para você sentir tesão no ânus? Isso não o deixa em dúvida sobre a sua masculinidade?

— Claro que não. Não sinto tesão por homens.

— Então mostre a ela que esse assunto não o incomoda. O que está dando a ela são as armas para usar contra você. É preciso primeiro aceitar que isso é algo que seu corpo deseja. Se ela ameaçá-lo, não dê grande importância.

— A sociedade é hipócrita, srta. Lambert. Você, mais do que eu, sabe disso. Não quero meu nome envolvido em nenhum escândalo.

— Se quer me ouvir dizer que você tem um problema, não vai conseguir, Caio. Você está sendo chantageado porque quer.

— O que acha que devo fazer?

— Aceite que ninguém tem nada a ver com sua vida sexual. Enquanto você estiver preso como escravo às regras que a sociedade dita, nunca estará livre para viver e sentir o

que quer. Essa Nicole já provou o tipo de pessoa que é, cabe a você dar um basta nessa situação.

— Você fala de um jeito que parece simples.

— Falo como vejo a situação. Não estou aqui para julgá-lo. Você gosta dela?

Depois que fiz a pergunta entendi por que estava sendo tão dura com ele. No fundo, eu queria saber se existiam outras mulheres na sua vida.

— Sempre foi sexo.

— Porque sempre foi só sexo não dá o direito de envolver sentimentos, respeito ou carinho?

Não conseguia disfarçar. Mesmo que o sexo fosse apenas sexo, ainda assim as pessoas precisavam nutrir respeito por seus parceiros.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Bom, acho que falei demais... Obrigada pelo jantar, estava ótimo. — Levantei-me em direção à sala para pegar minha bolsa e ele me seguiu até a porta. — Cuide-se, *mon chéri*.

Antes de ultrapassar a soleira da porta, Caio colocou a mão quente sobre meu ombro e cada poro do meu corpo ansiou por mais. Senti todo o magnetismo e o puro poder que seu toque exercia sobre mim. Eu deveria ir embora sem olhar para trás, depois do que ouvi dele sobre as mulheres, mas o desejo de me despedir me fez virar e encará-lo.

— Foi bom nosso tempo hoje — disse ele, sorrindo.

— Foi ótimo.

— Queria ver você mais uma vez. — Em um tom de voz suave e rouco ele mexeu com minhas estruturas e, percebendo que amoleci, ampliou o sorriso, tornando-o malicioso.

Seu corpo estava tão próximo ao meu, como se cada parte dele me tocasse. Eu lutava com compostura para não agarrá-lo.

— Você sabe onde me encontrar.

Por intermináveis segundos ficamos nos encarando sem dizer uma só palavra.

— Não vá embora. Passe a noite comigo.

Emudeci. Seu olhar me transmitia um inegável calor e eu tentava ignorar a onda quente que me envolvia. Ficar com ele ultrapassaria nosso acordo profissional e, para manter minha saúde mental, eu sabia que esse era um limite rígido para mim. Engolindo em seco, sustentei o olhar.

— Não posso. Logo cedo tenho um evento com um cliente.

Despedi-me com um beijo demorado demais no seu rosto.

Contei os segundos para o elevador chegar enquanto o sentia me tocar com os olhos, parado na porta. Não olhei para trás com medo de não suportar a ideia de partir. Aquele mergulho seria profundo. Se existir uma próxima

vez entre nós, ficarei no raso, apenas molhando os pés para não sentir essa angústia de querer mais.



Capítulo 10

Caio

— Caio, preciso do seu perdão, ou vou enlouquecer! Não paro de pensar em você. Eu o amo, você precisa acreditar em mim.

— Nicole, não é possível que seja tão cara de pau a ponto de me procurar e, ainda por cima, dizer que me ama! Será que não se tocou de que o vídeo que tem em mãos não é suficiente para me prender a você?

Eu não poderia mais continuar preso a ela, não depois do que ouvi de Natally.

— Eu liguei porque não aguento de saudades de você! Preciso sentir seu cheiro, seu gosto, seu sabor. — Chorosa, ela tenta ser sensual.

— Aconselho-a a seguir com sua vida porque eu já segui com a minha — falei, sem paciência.

— Você não sente falta dos meus beijos gregos? — Ela gemeu ao falar.

— Francamente, Nicole, você já foi melhor do que isso!

— Você quer dizer que não tem mais volta?

— Volta do que, criatura? Eu não sou e nunca fui nada seu.

— É ela, não é? Você ainda não a esqueceu? — Chorando ou fingindo, ouvi suas fungadas.

— Existe ela, sim, mas não quem você está acreditando que seja — pensei na garota que estava fodendo com minha sanidade. — Então, agora que já sabe que estou comprometido, não temos mais nada a nos falar.

Tudo em que mais tenho pensado é tentar ser feliz ao lado dela, da Natally. Mas não tem jeito, a mulher é arredia, prefere o dinheiro e uma vida independente do que a mim.

Mal desliguei o telefone e já teclei o número que conservo na memória, o da agência de Natally. De início a atendente, que já me conhece, disse que ela está indisponível. Meu sangue ferveu. Eu estava sentindo ciúmes de uma mulher que me repudiava, que me via apenas como um cliente. Desde a noite em que fizemos amor, ela nunca mais me permitiu ser carinhoso, desviava sempre dos beijos quentes que tentava dar. Quando se entregava, eu sentia uma pontinha de esperança, mas, logo em seguida, vinha a hostilidade. Sempre tinha pressa para encontrar outro cliente. A última vez que ficamos juntos, há duas noites, eu estava cansado de dividi-la com seus clientes, roxo de ciúmes por imaginá-la longe de mim,

atendendo alguém. Cheguei a fazer uma proposta insana de exclusividade durante duas semanas, para uma viagem a Nova York. E foi a última proposta que fiz a ela.

Eu estava entrelaçado nela, exausto depois de um sexo selvagem, mas desesperado ao perceber os minutos passarem, sabendo que ela diria que estava indo embora.

— Nat, quero fazer uma proposta a você — levantei e a encarei, esperançoso.

— Nat? Agora eu tenho um apelido carinhoso, sr. Caio?

— Ela me encarou de nariz empinado como uma altiva aristocrata. — Que proposta é essa?

— Tenho que viajar por duas semanas e precisarei de uma acompanhante. Acredito que você é a pessoa perfeita para isso, pois, além de linda, é educada.

Passei a mão por seu rosto macio, sua pele bronzeada, todo romântico.

— Pode parar — ela se esquivou. — Você quer uma namorada por duas semanas e não sou a pessoa indicada. Esse tempo todo longe dos meus clientes causaria um prejuízo enorme para mim.

— Não é nada disso! — Simplifiquei. — Faça seu preço. Não estou procurando uma namoradinha. Sei muito bem que nossa interação é toda baseada em dinheiro.

Pela primeira vez eu não sabia como me comportar com uma mulher. Não podia ser romântico porque ela fica agressiva, mas se a tratava como um cliente usando seus

serviços, eu via a dor em seus olhos! Definitivamente, ela não me dava segurança nenhuma sobre como eu deveria agir. Então, o que me restava era atirar no escuro, rezando para acertar.

— Começamos a falar de negócios — ela falou baixinho, com a voz um pouco embargada. — Como exatamente vai precisar dos meus serviços?

Para derrubar seu receio de achar que seria minha puta exclusiva, além de tentar fazer com que se sentisse segura quanto às minhas intenções, eu ditei minha proposta, inventando tudo na hora.

— Você terá que se comportar como minha namorada nos locais públicos, pois sou muito conhecido por lá. Não quero que ninguém pense que contratei uma mulher para me acompanhar, então, teremos que representar um casal romântico.

Menti, uma vez que não conhecia quase ninguém em Nova York. É certo que tinha algumas reuniões agendadas e alguns eventos para comparecer, mas, na realidade, a única pessoa que conhecia era meu fornecedor. Além dele, nem mesmo sua esposa ou qualquer outra pessoa. Minha intenção era tentar derreter aquele coração de gelo e a convencê-la a me acompanhar.

— Defina romântico. — Pelo brilho dos seus olhos e sua boca molhada, tive certeza do conceito que ela tinha em mente.

- Beijos na boca, abraços apertados, carinho na nuca...
- Encarei-a, sabendo que ela havia gostado da ideia, embora disfarçasse.

Constrangida, Natally reagiu como se tivesse uma arma em punho.

- Não acho que precisamos ficar nos agarrando em público e trocando beijos de língua para provar que somos um casal.

— Mas eu não falei beijos de língua! Falei? Serão apenas beijos ternos, sem desejo, puros.

Sem jeito, ela me olhou nos olhos, perceptivelmente vulnerável. Continuei com minha tentativa por meio de sedução e elogios.

- Você precisa me ajudar a convencer meu fornecedor também.

— Não imagino como fazer isso, não sei nada de negócios! — Surpresa, ela me encarou.

— Não duvide de seus talentos profissionais, eles mostram que você entende muito mais de negócios do que mostra. Além disso, nada melhor que uma dupla penetração envolvendo você, meu fornecedor e eu. — Apertei os olhos enquanto falava, não querendo magoá-la e ao mesmo tempo me mordida de raiva. — Assim, ele ficará bem generoso e concederá um belo desconto.

Novamente me veio uma dor no coração por ter usado um fingido tom profissional. Na verdade, pelo que eu

sentia por ela naquele momento, eu podia afirmar que jamais a dividiria com ninguém, a não ser com um vibrador, para que ela nunca mais desejasse outro homem na vida.

— Você pretende me afastar dos meus clientes e, de bandeja, me usar para alegrar os seus? Você pode ser considerado um gigolô por isso, Caió! — A repulsa na sua resposta fez meu coração acelerar. Voltei a ter a sensação de que ela sentia algo por mim.

— Minha linda, pretendo apenas dividi-la nessas duas semanas, entregá-la, jamais, claro! — Consertei, antes de ser pego na mentira. — Também vou exigir uma espanhola bem gostosa. — Olhei-a nos olhos, fazendo um movimento para tocar seu corpo. Já estava explodindo de desejo por ela de novo. — Pretendo usar seus seios redondos e pontiagudos para masturbar muito meu pau. — Mordo os bicos duros e arrepiados. Intumescidos, seus mamilos a entregam, mostrando o quanto me queria, e chegam a ficar vermelhos de desejo.

Aquilo tudo parecia loucura, mas foi a única tática que encontrei para convencê-la a viajar comigo.

— Só isso? — Mordendo o lábio inferior, sua voz demonstrava sua sede de desejo. Essa é a minha garota.

— Não! Pretendo também realizar alguns fetiches.

Não aguentei o desejo lascivo que me corroía só de falar a palavra fetiche e pensar nisso; afoito, tomei seus seios arrepiados e convidativos em minha boca, chupando-os

com volúpia. Minha mão deslizou por seu ventre, chegando à pélvis e, lentamente, entre seus lábios túrgidos, enfiei apenas um dedo, invadindo-a com desejo. Ela respondeu arqueando o corpo em minha direção enquanto eu continuava falando e, simultaneamente, passando a língua em seu pescoço. — Vou adorar praticar *roleplay*, entrar mesmo no papel do personagem, principalmente quando for de chefe e secretária. — Deslizei os dedos por sua bocetinha encharcada, num vaivém gostoso. — Ou professor e aluna, ou médico e paciente... — mordo o lóbulo de sua orelha.

— Ahhhhh... — ela gemia.

— Ainda decidirei se visitaremos boates em que pratiquem *ménage à trois* — tentei provocar um pouco de ciúmes. — Excita você me dividir com outra parceira, srta. Lambert? — falei, encarando seus olhos, vendo neles uma pontinha de raiva.

Na loucura do desejo, perdi o controle e fiz menção de introduzir-me sem preservativo.

— Você está louco?

— Desculpe, acabei ficando muito excitado com a possibilidade de estar com duas mulheres ao mesmo tempo. — Tentei disfarçar a insanidade que me invadia. — Ainda vai querer me compartilhar com outras mulheres, Nat?

— Claro, Caio! Se eu aceitar, você estará me pagando, não se esqueça de que tudo é pelo prazer do meu cliente — ela ironizava, ofegante.

Tudo nela me excita. Seu jeito gracioso em querer me desafiar é seu maior charme.

— Não curto muito práticas de sadomasoquismo, mas, se você não se comportar direito, posso querer puni-la, sabia?

— Você não seria insano de me bater, seria? — Fingindo espanto, seus olhos a denunciavam. Percebi pela maneira como apertava as pernas que a ideia de ser punida a agradava.

— Seria esse tipo de louco, sim, caso você aceitasse minha proposta. E eu é que determinaria o valor dos seus honorários, de acordo com os meus termos, o que me diz? — Desta vez, apostei alto.

— Então a sua resposta é um não bem grande, do tamanho do seu ego — ela falou, firme, levantando-se da cama, quebrando todo o clima e correndo para o banheiro.

Minha ansiedade foi tão excessiva que me levou ao descontrole. Fiquei deitado na cama, com um braço sobre o rosto, lamentando não ser capaz de convencer a mulher que está mexendo com meus sentimentos a passar comigo ao menos duas semanas de sua vida. Cansado de lutar contra o que estava sentindo, resolvi ser direto e contar que tudo foi um plano para convencê-la a ir comigo. Fui até o banheiro e senti meu peito se comprimir com a cena

que vi ao abrir a porta devagar. Ela estava sentada no chão, com os braços enlaçando as pernas, chorando baixinho. Meu instinto de proteção foi acionado e rapidamente a segurei em meus braços.

— Desculpe, fui um idiota... — Falei baixinho, chateado comigo mesmo por ter sido tão covarde.

— Não sei se aguento isso, Caio — ela falou, fungando.

— Não diga nada agora. Vá para casa e pense com carinho a respeito do que lhe propus. A viagem é daqui a dois dias. Sei que seu passaporte está em dia e que seu visto ainda é válido, porque falamos disso certa vez. Quanto ao valor, o que você decidir eu pagarei com a maior satisfação — falei, derrotado.

Eu não tinha pressa para deixá-la ir, mas a mão dela tremia e seus olhos diziam para eu deixá-la sozinha. Por segundos travamos uma conversa silenciosa.

— Minha secretária entrará em contato com você para pegar os dados necessários para a emissão do bilhete e, depois, tomará as providências para que você receba sua passagem e os dados do voo.

Dei-lhe um beijo na testa e não disse mais nada, porque tudo o que falasse, no calor da emoção, poderia ser um caminho sem volta.

Depois disso, liguei para o celular de Natally diversas vezes, sem resposta. Na última tentativa, quis deixar

gravada uma mensagem assumindo o quanto errei e o que sentia por ela, mas a linha caiu.



Capítulo 11

Natally

Natally, nem sei se esse é seu nome verdadeiro, mas confesso que, a cada dia que passa, tenho mais vontade de saber sobre sua vida. Quando nasceu, quem são seus pais, se tem irmãos, como era quando pequeninha, se brincou de boneca, enfim, tenho desejo de saber tudo sobre você... Mas quero ouvir tudo isso da sua boca. Fui um covarde quando a convidei para viajar comigo, pois não tive coragem de assumir a paixão crescente que sinto por você e me acovardei diante de sua primeira objeção. Eu deveria ter sido mais corajoso e mostrado a você que...

A linha caiu.

Ouvindo pela vigésima vez a mensagem do Caio na secretária eletrônica, enxuguei as lágrimas no cetim da almofada que abraço desabafando.

Transformei a almofada em um avatar do Caio e a soquei. Por que ele esperou tanto tempo para me enviar

essa mensagem? Eu acreditei que aquele convite era mais uma contratação profissional. Eu estava me sentindo como uma mercadoria. Por que ele não disse que eu apenas era bem-vinda como sua convidada? Precisava dizer para eu fazer um preço?

Em uma das últimas vezes que saímos juntos ele foi tão romântico e intenso, me amou olhando fundo nos meus olhos, eu até me assustei. Fui insegura, tive dúvidas se ele estava me tratando daquele jeito só por estar carente. Eu permaneci arredia, tentando estabelecer uma barreira entre nós dois para eu não me iludir mais.

Vínhamos nos encontrando pelo menos três vezes por semana. Em alguns desses encontros saíamos apenas para jantar, em outros, eu o acompanhava a encontros de negócios e eventos beneficentes.

Minhas esperanças em relação a ele acabaram logo no início, quando indicou um cliente seu para eu acompanhar a um evento. Na verdade, eu fui apenas representar sua empresa em uma premiação no Uruguai. Thomaz, um senhor de meia-idade, foi muito bacana comigo, mas eu estava ferida com aquilo. Senti-me mal porque sabia que Caio não me via como nada além de uma garota de programa, e para mostrar a ele que estava coberto de razão, e não demonstrar que estava machucada com sua atitude, deixei que acreditasse que Thomaz e eu tínhamos ido muito além de uma simples companhia um para o outro.

Toda vez que a agência me passava um cliente e, ao conhecê-lo, eu recebia a informação de que Caio tinha me indicado, ficava dois ou três dias reclusa no meu canto, sofrendo como nunca.

Eu estava consciente de que o amor que estava sentindo tinha atingido somente a mim. Eu fui a única culpada por todo esse desgosto. Não foi fácil viver esse amor sem ser correspondida, mas eu vivi.

Quem vê aquele empresário poderoso, imponente e bem-sucedido, não imagina que por trás dele tem um homem falido em se tratando de relacionamento com mulheres.

Nós dois acabamos nos tornando verdadeiros amigos; sua vida estava um caos e eu fiquei muito feliz por me sentir útil. Vê-lo conseguir resolver parte dos seus problemas foi muito bom. Como sua confidente, derramei muitas lágrimas enquanto meu coração sangrava cada vez que ele admitia ter se encontrado com Nicole. Imaginá-lo com ela me magoava profundamente, eu não suportava a ideia. Sua desculpa era que buscava um meio de desmascará-la, mas no fundo eu sabia que ele a procurava porque gostava de transar com ela.

Fui capaz mesmo de aconselhá-lo a procurar Bárbara para ajudá-lo com o caso de Nicole, que além de chantagista era corrupta, desviando dinheiro da empresa. O investigador que Caio contratou foi eficiente em descobrir

que Nicole tinha um amante e que, juntos, tramaram contra Bárbara e ele. Nós dois estabelecemos graus de intimidade e nem percebemos. Quando uma acompanhante comum presenciaria seu cliente fazendo a barba?

Quando Caio começou a me requisitar quase diariamente, Richard, dono da agência, me chamou para um bate-papo. Ele queria saber qual era o grau de envolvimento entre nós dois, uma vez que eu havia alterado o valor do meu cachê a cifras inviáveis para um cliente assíduo, e Caio não tinha reclamado em pagar. Eu perguntei o que ele tinha a ver com isso, e ele me respondeu que estava apenas preocupado. Sabia bem qual era a preocupação de Richard, eu não era boba. Ele vivia me rondando e me cantando a cada reunião na agência, dizendo ser um grande admirador. Nunca dei esperanças a ele, minha vida pessoal já estava uma bagunça e eu não precisava de mais um problema. Tudo que precisava era conseguir me manter e pagar minha pós. Logo estaria longe de tudo aquilo.

Ouvindo mais uma vez a mensagem na secretária eletrônica, respirei fundo e tomei uma decisão: se Caio queria saber quanto eu cobraria para ir com ele a Nova York, então conheceria meu preço.



Capítulo 12

Caio

Não liguei novamente. Triste, me convenci de que havia perdido essa mulher. Já no aeroporto, tentando ler um livro, senti um perfume floral inconfundível, e de repente um envelope pardo caiu entre as páginas abertas. Levantei os olhos e, à minha frente, estava ela, linda, com um jeans escuro contornando suas curvas, os cabelos longos e negros caindo pelos ombros. Fiquei hipnotizado. Ela olhou para mim de uma maneira diferente, com o mesmo brilho nos olhos, mas com uma intensidade de quem quer tentar ser feliz.

— Esse é o meu preço — ela olhou para o envelope.

Com as mãos trêmulas, feito um adolescente, li baixinho.

— Vendo a você o meu coração, sem promessas e sem valores. Pague por ele com o seu respeito.

Meu mundo parou. Aquelas palavras ficaram tatuadas no meu coração.

— Vem cá.

Puxei-a para perto de mim, enlaçando-a e dando-lhe um beijo apaixonado.

— Quando você decidiu me acompanhar?

— Decidi hoje pela manhã.

— E a agência?

— Não tenho mais agente. Liguei para Richard e disse que não estou mais disponível no seu *casting*.

— Isso quer dizer que... — Ela colocou os dedos nos meus lábios me interrompendo.

— Quer dizer que sou toda sua nessas duas semanas.

Enquanto o motorista colocava a bagagem no porta-malas do carro, tentava ignorar as batidas frenéticas do meu coração. Eu quase não podia acreditar que Natally estava em Nova York comigo. No último momento ainda tentei ligar para a agência, solicitando sua companhia para a viagem, mas eles informaram que ela estava indisponível e, caso eu quisesse, tinham outras acompanhantes que poderiam atender todas as minhas exigências. Eu não queria ninguém, queria somente ela... E agora Natally estava aqui.

Eu estava empolgado, com medo e ansioso. Parecia um virgem indo para seu primeiro encontro. Ao fitar os olhos amendoados da mulher felina e altiva a minha frente, brilhando como nunca, pensava pela primeira vez em ser um homem diferente. Na verdade, eu já me sentia mudado.

Talvez porque nunca tivesse tido uma verdadeira companhia enquanto viajava a negócios pelo mundo. A prioridade de Bárbara sempre foi a carreira.

— O que foi? — Sorrindo, ela correspondia ao meu olhar, totalmente diferente da mulher que tive como acompanhante.

Quase sem ar, eu a admirava como se nunca a tivesse visto antes. Ela parecia mais leve, linda, elegante, uma verdadeira dama para a sociedade e uma devassa na cama. Durante todo o voo permanecera tranquila. Até falamos um pouco sobre sua vida pessoal, que era desconhecida para mim. Fiquei surpreso quando me contou que era formada em psicologia e estava se especializando como sexóloga, e por isso havia se mudado para São Paulo.

— Estou até agora sem acreditar que está aqui.

— É mesmo? — Ela cruza os braços. — Posso saber por que é tão difícil?

Não ter que pagar um cachê para estar com ela já era um bom motivo.

— A ideia de tê-la duas semanas inteiras somente para mim parecia boa demais.

Estendi a mão e a trouxe ao meu encontro. Ela correspondeu receptiva, me abraçando, sorrindo, totalmente relaxada. De perto, ela é ainda mais ativa e sedutora, difícil de resistir.

— Pensei que fosse uma viagem a trabalho.

Provocante, ela se esquivou da minha boca, causando dentro de mim emoções voláteis. Se Natally não tivesse vindo, eu não aguentaria ficar mais do que dois dias em Nova York. O único compromisso profissional que eu tinha duraria pouquíssimas horas, e depois eu estaria totalmente livre para ela.

— Trabalho é o que estou pensando em dar a você — encarei-a explicitamente e ela corou. Um desafio sensual pulsava entre nós dois. — Pode ficar despreocupada que não a forcerei a nenhum trabalho escravo.

Nat sacudiu a cabeça, sorrindo.

— Acho que caí em uma cilada. Pensei que seriam duas semanas de férias.

— Cuidarei para que não ache que foi uma cilada. — Seus olhos brilhavam tanto que ofuscaria qualquer cartão postal das luzes da Times Square. — E vou lhe mostrar agora o quanto estou sendo sincero.

Sem gentilezas, esmaguei minha boca na dela. Fui comedido dentro do aeroporto e no avião para não sermos detidos por atentado ao pudor, mas na rua, prestes a entrar no carro que contratei, não me contive. Eu precisava sentir sua boa colada à minha, nossas línguas entrelaçadas, envolvidas, cheias de promessas a serem cumpridas. Foi um beijo com um gosto diferente, de sentimentos puros.

Não havia nada a dizer um para o outro que os nossos abraços não mostrassem.



Capítulo 13

Nathalia

De braços abertos, me joguei para trás na cama espaçosa, com um sorriso de orelha a orelha, assim que Caio saiu do quarto para seu compromisso. Quem diria que eu estaria hospedada no Trump International de Nova York e ainda seria paparicada de forma tão especial. Olhando para o teto, lembrei-me de minha mãe, dedicada e empenhada, sentada à beira da minha cama contando histórias de princesas, príncipes, bruxas e seus finais felizes, enquanto tentava me fazer dormir. Ingenuamente eu pensava que quando crescesse iria ter uma história como aquelas. E aquele instante era o mais próximo dos meus desejos que já tivera.

Mas a vida real foi ficando muito diferente dos contos de fadas, e eu desacreditei que seria possível um final feliz. Se eu tivesse projetado expectativas no Caio, teria me decepcionado. Ele estava longe de ser um príncipe encantado. Mas no momento que decidi aceitá-lo como ele

era, foi fácil conseguir amá-lo. Bom, fácil, não. Eu estava tendo a chance de viver meu conto de fadas naqueles dias, e eu queria vivê-lo. Não esperaria para ser feliz somente no final.

Meu celular estava ainda em modo avião, não desativei quando pousamos no aeroporto para evitar o *roaming* internacional. Desempregada, não podia nem pensar em contas astronômicas de celular. Também, quem me ligaria? Se Caio precisasse falar comigo, teria que enviar mensagem. Conectei o wi-fi do hotel e logo pularam diversas notificações de mensagens. Juarez era o primeiro da lista. Não era de se estranhar ele querer falar comigo, decerto Richard já tinha avisado que não trabalhávamos mais juntos.

Juarez

Me liga quando puder.
O Richard me ligou.
Está tudo bem?

Quando liguei para Richard decidida a largar a agência para seguir minha vida em frente, não estava fazendo nada impulsivamente. Consegui juntar uma quantia de dinheiro suficiente para me manter até a formatura, ou até arrumar um trabalho na minha área. Porém, por mais que ele quisesse fingir que aceitava meu desligamento, tive que responder a seu questionamento se era pelo Caio que estava fazendo aquilo. Eu disse que não, mas é claro que

Caio tinha a ver com a situação, eu não viveria essas duas semanas ao lado dele sabendo que estava presa a um trabalho que o faria me repudiar em algum momento. Uma coisa era eu aceitar que ele me contratasse para acompanhá-lo a eventos, outra era querer viver um momento íntimo ao seu lado, colocando em dúvida se o nosso contato era movido pelo sentimento ou pelo dinheiro. Quando Richard quis contestar minha resposta, eu simplesmente disse que não poderia falar mais porque estava atrasada para um compromisso.

Nat

Estou bem, porém não sei se fico feliz por ter se lembrado de mim, ou triste por saber que meu velho amigo está me enviando uma mensagem somente para saber por que pedi desligamento de um trabalho.

Juarez

Assim, você fere minhas boas intenções. Faz tanto tempo que não nos falamos. Não é que, como você mencionou, eu deva ficar feliz ou triste por falar com você em uma circunstância como essa... Mas me sinto responsável por tudo que se refere a você.

Diante da ampla janela com vidro do teto ao chão e vista para o Central Park, tirei uma foto e enviei com a legenda.

Nat

Adivinha onde estou?

Juarez

Se não for montagem, bem longe. Arriscaria dizer Nova York.

Nat

Se o Guinness soubesse o quanto você já viajou pelo mundo, com certeza tirariam o título de Charles Veley e dariam a você.

Juarez

Não seja exagerada, não viajei o quanto queria.

Nat

Então faça como eu. Largue tudo e vá viver o seu sonho. Acredito que juntou dinheiro suficiente para dar duas voltas ao mundo.

Juarez

A ideia é tentadora, mas e você? Juntou dinheiro suficiente para uma aventura em Nova York ou está acompanhando alguém?

Essa última pergunta me fez pensar se Richard tinha insinuado para Juarez que eu estava lhe passando a perna. Ele certamente acreditava que eu receberia o cachê inteiro. E se Caio tivesse entrado em contato com a agência e tentado me contratar para essa viagem? Insistente, ele deve ter feito isso. Ninguém sabia dos meus sentimentos por Caio, então eu ia ter de lidar com qualquer tipo de julgamento.

Nat

Você se lembra do cliente a quem fiz uma concessão quando ainda trabalhava com você? Poucos meses atrás, por coincidência, a agência me indicou um cliente e quando fui me encontrar com ele, para minha surpresa, era o próprio. Tentei convencer meu coração de que era uma furada, acontece que ele não me ouviu. Estou apaixonada.

Juarez

Eu sabia que por trás dessa história tinha outra grande história.
Cuide-se.

Nossa amizade sempre foi baseada na verdade, aprendi com ele desde cedo que o valor excessivo que as pessoas dão à opinião dos outros não as leva a lugar algum, e que por meio da verdade encontramos a paz de espírito. Ele não precisava ser direto comigo para eu saber quando e onde ele queria chegar.

Nat

Venho me cuidando há bastante tempo, agora quero me arriscar.

Juarez

Então se arrisque sabendo que tem seu velho aqui. Para o que precisar. Não se esqueça disso.

Nat

Nunca... Já disse que se tivesse que escolher um pai, você seria sem dúvida meu escolhido?
Bjs

Juarez

Não vou ser repetitivo em afirmar que é exagerada.
Bjs

Sorri, jogando o celular na cama. Esse é meu velho amigo que sempre abominou a ideia da paternidade, mas que no fundo foi como pai para todas nós que vivíamos a sua volta.

Antes de sair, Caio me falou que tinha 557 metros quadrados de spa me esperando. Resolvi me cuidar e ficar linda para que esse vórtice de amor que vinha sugando tudo para dentro dele se revertisse em felicidade e eu vivesse intensamente aqueles dias ao lado do amor da minha vida, deixando fora da nossa redoma tudo que fosse frívolo.



Capítulo 14

Caio

A reunião com o diretor da WSCOM rendeu muito mais tempo que planejei. Consegui manter minha empolgação focada apenas no projeto durante a apresentação, já que vi ali várias oportunidades de aumentar os lucros da minha empresa em porcentagem reais e consideráveis. Passada a empolgação, quando vi que a reunião se estenderia por tempo indeterminado, pedi licença por alguns segundos e saí da sala, para enviar uma mensagem a Nat:

Caio

Nat, desculpa deixá-la tanto tempo sozinha, compensarei levando você para jantar no Jean-Georges. Temos reserva para as 20 h.

Sdd

Com o celular na mão, esperei um pouco para ver se ela me respondia e quase imediatamente chegou sua resposta.

Nat

Vida dura a sua. Resolvi seguir seus conselhos. Olha onde estou.

Abaixo da mensagem ela enviou uma foto em que apareciam apenas seu colo e rosto, praticamente seminua dentro de uma jacuzzi, me fazendo perder o fôlego.

Nat

Como já deve ter visto, para ficar melhor só você estando aqui comigo.

Sorri diante da sua provocação. Como eu queria estar com ela naquela jacuzzi fazendo toda a água se espalhar com nossos movimentos. Mensagens por celular podiam alimentar fantasias muito obscenas na cabeça de um homem. Se nossas preliminares eletrônicas estavam sendo assim, eu já podia imaginar como seria nossa noite.

Caio

Como imagina que vou conseguir encarar o resto de uma reunião chata agora?

Nat

Você está mesmo encrocado. Por outro lado, eu também estou, seu convite para jantar me deixou em dúvida, não sei qual lingerie usar. Ponho um fio dental vermelho ou não uso nada para o vestido não marcar. O que acha?

Eu não estava conseguindo pensar em nada, apenas sentia meu pau se esticar dentro da calça.

Caio

Você me deixou sem saber qual seria a melhor opção. Só consigo pensar o quanto meu pau está pulsando, implorando para estar dentro de você.

Nat

Uma pena, porque nas duas opções eu tinha recompensas bem safadas. Se fosse com o fio dental, por exemplo, eu passaria a noite gemendo baixinho, imaginando você tirando com o dente. Agora se fosse sem... Bom, isso vou deixar para a sua imaginação. Já que não sabe como enfrentar o resto da reunião chata, deixo que se divirta em pensamentos. Também tenho planos incríveis para esta noite.

Caio

Você é uma diabinha.

Nat

É exatamente assim que estou me sentindo pensando em você. Quente como em um inferno, mal conseguindo esperar para ter você de volta. E, a propósito, tenho uma surpresinha para você.

Caio

Definitivamente, você arruinou meus negócios. Vejo você daqui a pouco.

Nat

Não se subestime, tenho certeza que dará conta de conciliar seus desejos com os deveres.

Bjs

Caio

Beijos.

Depois disso eu já não sabia como voltar para a reunião e sanar todas as minhas dúvidas quanto aos produtos, pois a

ousadia da Nat havia me deixado louco. contei os minutos até o último aperto de mãos, para poder estar ao lado dela novamente. Se alguém me dissesse há algumas semanas que eu me apaixonaria por uma mulher que mal conhecia como nunca tinha me apaixonado antes, diria que era loucura, que poderia sentir somente tesão, que a única mulher perfeita para mim era Bárbara... Eu gostei muito da minha ex-noiva, mas nada comparado ao que sentia pela Nat. Ela fazia meu coração acelerar, minhas pernas tremerem, meu sangue esquentar. Eu desejava realmente ser um homem mais atencioso, priorizar meu tempo para ficar mais ao seu lado. Não é como se eu buscasse nos erros da minha relação com a Bárbara os meios para acertar com a Nat; existia uma diferença. Ela despertava em mim um desejo de balancear a paixão com o tesão, na tentativa de encontrar a medida certa para sermos felizes.

Não sabia quando começara a me sentir assim, mas há semanas não me via em nenhum evento, jantar ou festa sem ela. Onde quer que eu fosse, pensava em um meio de incluí-la. Essa história estava ficando cara, mas pagaria o triplo se fosse preciso para tê-la ao meu lado.

Esta viagem seria um divisor de águas entre nós. Estava disposto a propor a ela exclusividade, e quando ela me contou, ainda no aeroporto, que não fazia mais parte da agência, me senti aliviado. Foi como se tivessem tirado das minhas costas o peso do mundo.

Caminhando entre as várias lojas de roupas femininas, pensei em presenteá-la, mas não queria que ela pensasse que eu estava querendo comprá-la. Ao contrário, queria mesmo que ela acreditasse que eu a queria ao meu lado por quem ela é como pessoa e mulher, não uma mercadoria barata. Eu ainda não estava a par de toda a sua vida, seu nome verdadeiro, sua história, mas em se tratando dela era um erudito conhecedor de sua sensibilidade e integridade. Eu estava farto de arrastar nossa história como se fosse apenas um passatempo.



Nem ao menos sabia como entregar as flores que comprei para ela. Apertei o botão do último andar ansioso para encontrar a dona da minha excitação. Ainda no elevador do hotel, sentia-me encabulado, já que, de fato, aquele era o nosso primeiro encontro. Não sabia se entrava sem bater na porta, ou se batia e entrava: estava indeciso como um adolescente. Optei pelo jeito mais nobre, parando na frente da porta do quarto e apertando a campainha.

Atrapalhado, troquei de mão as flores e, no fim, decidi segurá-las na frente do rosto para disfarçar meu nervosismo. Quando a porta se abriu...

— Senhorita, me pediram para lhe entregar estas flores. Mas acho que errei de quarto, não me avisaram que

encontraria uma princesa nele.

Eu tinha imaginado vê-la de vestido, mas ela estava linda apenas com um conjunto esportivo simples e de tênis. Eu jamais havia notado sua estatura mediana; sempre que estive ao meu lado calçava saltos altos, ficando quase da minha altura. Ela é tão delicada. E o mais importante é que agora ela está aqui. Para mim. Largou tudo por mim. Fico paralisado, analisando como fica linda usando óculos. Parecia até uma colegial *nerd*, e mesmo assim ela não deixava de parecer uma verdadeira ativa aristocrata. Garboso, seu nariz empinado fazia toda a diferença, tornando-a atrevida e atraente o bastante para eu desejar dobrá-la, vencê-la, fazer com que se renda a mim, até que se desmanche em minhas mãos.

— Este hotel é mesmo espetacular, até o mensageiro é perfeito.

A mulher a minha frente não tinha nada daquela outra de língua afiada que me desafiava além dos limites, e mesmo assim me fazia querê-la mais do que nunca.

— Isso porque a senhorita ainda não viu como este mensageiro pode ser um bom súdito.

Ela merecia que eu fosse seu criado. Ansioso para tê-la em meus braços, não consegui tomar uma atitude de tão hipnotizado que estava por ver a maneira como ela olhava para minha boca, como se eu fosse o único a decidir qual o

próximo passo a tomar, e eu tentava incentivá-la a ir em frente.

— Faço parte do presente — murmurei.

Junto com as flores ela puxou minha gravata, antes de retrucar:

— Sendo assim, vou adorar me aproveitar da sua submissão ante minhas vontades. Ah, e antes que eu me esqueça: as flores são lindas.

A atmosfera entre nós ficou quente como sempre, com a proximidade das nossas bocas. Contentei-me em beijá-la; tudo parecia tão diferente e sublime. Carinhosamente, tracei meus dedos pelo contorno do seu rosto, de forma singela, até seus lábios tremerem ansiando e pedindo mais.

— A partir de agora, sou todo seu. Faça de mim o que quiser — sussurrei, e seus olhos me encararam quando aproximei minha boca da sua pele, perto o suficiente para vê-la arrepiada e seus lábios cor de rubi umedecidos.

— As palavras têm poder, meu rei.

Não consegui evitar um sorriso.

— Você me lisonjeia tornando-me seu rei, quando na verdade me ofereci apenas para ser seu súdito.

Por mais que eu não quisesse admitir, ela me conhecia muito mais do que eu pensava. Certamente notou minha falta de jeito, pois nunca a cortejei como merecia. Eu queria torná-la minha, mas do jeito certo.

— Não me importo com a nomenclatura desde que você esteja sendo sincero.

— Eu estava falando sério quando disse que queria conhecer você, saber se usava cabelos presos com maria-chiquinha na infância, aparelho ortodôntico ou bota ortopédica.

— E decidiu me conhecer parado na porta de um quarto de hotel? Sendo assim, prazer, muito prazer, eu sou Nathalia Lambertine.

Ela fazia meu tempo parar, e o som de uma porta se fechando no corredor me deu a dimensão de onde ainda estávamos. *Nathalia*, repeti seu nome mentalmente... Satisfeito por sua espontaneidade, beijei-a de leve nos lábios.

— Prazer, srta. Nathalia Lambertine. — Empurrei-a delicadamente para dentro do quarto. Puxando-a para meus braços, fechei a porta. — É uma honra conhecê-la.

Em uma cadência desesperada beijei-a com toda intensidade. Seus braços enlaçaram meu pescoço, retribuindo o mesmo desejo que o meu.



Capítulo 15

Nathalia

O percurso do quarto até o restaurante Jean-Georges, nas dependências do hotel, não levou mais que alguns minutos. Quando, ainda no quarto, trêmula em seus braços, ele me perguntou se estava com fome, não acreditei. Será que depois daquele beijo eu poderia pensar em nada além de estarmos um sobre o outro na cama? Mas ele estava determinado a me impressionar. Carinhosamente sugeriu que nos arrumássemos, pois tínhamos uma noite inteira pela frente.

Muito elegante, o restaurante de culinária francesa oferecia mais que uma vista bacana para o Central Park: o requinte. A cozinha, a vista, tudo era um espetáculo.

Às vezes, um decote discreto é mais atraente para um homem do que a visão completa dos seios, tendo em vista a forma como Caio me olhava. Quando ele me falou que jantariamos fora do quarto e que havia feito uma reserva em um restaurante, logo liguei os nomes e descobri que

seria o mesmo que eu tinha visto quando chegamos ao hotel. Como o ambiente exigia um traje formal, e nada vulgar, apostei em um vestido coral, frente única, que havia trazido do Brasil. Ele não era muito comportado porque mostrava um pouco de pele; partes estratégicas, como meio colo e costas, e seu comprimento terminava um palmo acima do joelho. Uma típica roupa para fazê-lo pensar nas partes principais do corpo feminino.

— Vou de *foie gras* de entrada. E você, Nathalia, o que vai pedir? — Caio fechou o cardápio e me olhou como se estivesse encantado. O menu degustação com orientações detalhadas do chef me salvou, porque eu não saberia o que pedir.

— Quero tartare de atum — orgulhosa, fechei o cardápio.

O garçom avisou a Caio que o sommelier viria em breve nos atender e indicar um bom vinho para o prato principal. Concluímos nosso pedido, eu com salmão e Caio, vitela.

— Como foi sua reunião?

— Um pouco melhor do que estava esperando. No ramo de telecomunicação as coisas acontecem muito depressa. Fechamos contrato com um produto novo que vai vir a somar nas minhas redes.

— Eu imagino. Nós, consumidores, mal terminamos de pagar um eletrônico e, três meses depois, já tem um aparelho mais moderno do que aquele que acabamos de comprar. Para vocês deve ser uma guerra de foices.

Ele começou a falar da evolução diária do seu mercado e eu prestava atenção em tudo. Sempre fui muito curiosa e fascinada em observar as pessoas falarem de suas profissões como grandes paixões, principalmente quando nessas histórias você descobre que a pessoa herdou a empresa do pai e que tem duas irmãs e mãe, mas pouco contato com elas. Os pratos foram servidos e ele não interrompeu o assunto, abrindo ainda mais sua vida para mim.

— Seu pai deve estar orgulhoso, onde quer que esteja, vendo o que você vem fazendo pela empresa que lhe deixou.

— Decerto ele não aprovaria muitas coisas. Acho que deve ter se revirado no túmulo por diversas vezes, mas sim, acho que, no fundo, ele deve estar orgulhoso.

— A ordem em que as coisas foram realizadas não importa. O importante é o que conquistou, com lojas espalhadas por todo o país em um período de crise como o atual. Isso é louvável.

Enquanto jantávamos, o assunto ia fluindo. Tentei me distrair e não ficar encarando-o tanto, principalmente a maneira como ele comia, demonstrando prazer em descobrir o sabor em cada garfada. Talvez fosse impressão minha, mas ele estava fazendo parecer que aquele jantar era diferente de tudo do que já havia feito antes.

— Você é muito especial, srta. Nathalia.

Estranhei sua observação, seu sorriso refletia a imagem de um conquistador e bajulador apaixonado.

— Por que diz isso, sr. Caio?

Limpei a boca com o guardanapo, tentando parecer indiferente à ânsia que tinha em saber o significado do que ele dizia.

— Porque você é interessada, parece vibrar com cada notícia nova que conto. Acho você diferente, é apenas isso.

— Sou uma boa ouvinte.

— Não, você é mais que isso. Você é uma companhia prazerosa e tem sempre na ponta da língua uma palavra confortável para falar.

— Que lisonjeiro vindo de você.

— De mim? Não se pode mesmo elogiar uma mulher que ela logo machuca o nosso ego. Agora, é sua vez, me fala um pouco da sua infância.

— Bom, respondendo às suposições que fez mais cedo, na porta do quarto, eu não usei aparelho e nem bota ortopédica. Fui uma criança sem muitas complicações. Cresci vendo minha mãe trabalhar para nos sustentar.

— O que ela fazia?

Não hesitei em dizer onde ela trabalhava. Orgulhava-me de ter sido filha dela com todas as minhas forças.

— Ela trabalhava no Sex Club. Por anos ela foi a atração principal, trabalhou lá até ficar doente. Éramos só ela e eu, não cheguei a conhecer meu pai.

E eu nem imaginava quem poderia ser. Para ela, sempre bastou me dizer que fui concebida em uma noite linda de amor, e eu, por outro lado, sempre aceitei sua resposta.

— Descobri o segredo. Quer dizer que você herdou dela o seu talento?

Ele agia naturalmente, como se eu tivesse seguido uma profissão qualquer, sem julgar minha mãe ou até mesmo a mim. Não podia dizer se isso me agradava ou não. Será que ele buscava em mim somente horas de distração e por esse motivo tanto fazia quem eu era e de onde tinha vindo?

— Pensando por esse lado, acho que vê-la ensaiar horas a fio foi bom para mim.

— Você assistia aos shows dela também?

Pela primeira vez vi um misto de horror e curiosidade estampado no rosto de Caio e eu segurei o riso, aliviada. Ele pensou que eu circulava durante os shows, entre os clientes, quando era criança?

— Não. Eu só ia ao clube durante o dia, enquanto a casa estava fechada. Eu fazia diversos cursos extracurriculares, inglês, informática, ginástica, mas às vezes acontecia de não ter algumas aulas e nem sempre minha mãe arrumava alguém com quem me deixar. Juarez, dono da boate, era muito amigo dela, me viu nascer e por esse motivo acabava fazendo concessões a minha mãe, permitindo que eu a acompanhasse. Acho até que os dois tinham um *affair* mal resolvido.

— Lembro-me bem dele. Arrisco dizer que ele gosta muito mesmo de você. Quando o procurei para conhecê-la melhor na noite em que a vi pela primeira vez, o cara só faltou me pedir um teste sanguíneo para saber meu DNA.

— Teve sorte, fiz uma concessão a você naquela noite. Desde a morte de minha mãe eu havia encerrado meus encontros com clientes. Deve ter sido muito persuasivo com ele.

— Eu disse a ele que se não tivesse assistido ao show que você fez só para mim, não precisava ir questioná-la sobre nos encontrarmos.

— Belo pavão exibido.

— Apenas um homem honrado por ter tido o privilégio de um show particular, bem sensual. Depois que sua mãe morreu você não quis saber do seu pai?

— Não, se em vida não pude forçá-la a me dizer quem foi meu pai, e ele nunca me procurou, não seria depois de sua partida que eu mexeria nesse passado. A ideia mais próxima de pai que conheci formei por meio dos cuidados e proteções proporcionadas por Juarez.

— Por que você...? — Sua expressão era indecifrável.

Antes de ele concluir a pergunta sob qualquer tipo de alcunha, resolvi contra-atacar. Levantei a cabeça para ele enxergar bem dentro dos meus olhos.

— Por que eu o quê, Caio? Você quer saber por que fui trabalhar como bailarina da boate ou por que também me

prostituí por um tempo? — Empenhei-me em ser o mais sarcástica possível. — É isso? Pois bem... Eu fui trabalhar na boate porque minha mãe ficou muito doente e não tínhamos como pagar seu tratamento. Eu cursava psicologia e sabia que a conclusão do meu curso seria um orgulho enorme para minha mãe. Ao contrário de como as coisas devem ter sido fáceis para você, que tinha dinheiro, para mim...

— Basta, Nathalia. — O comando brusco na sua voz me assustou. — Não projete nas suas palavras quaisquer dúvidas que possa ter a meu respeito quanto ao que penso sobre você. Nunca a julguei e nem mesmo a cobreí de nada. Eu ia apenas perguntar por que você decidiu sair da agência. Não concluí a pergunta porque estava procurando as palavras certas. — Ele segurou minha mão sobre a mesa e a afagou de forma consoladora. — Seu passado ficou para trás, apenas o que me interessa agora é seu presente. Quero me incluir nele.

Mal consegui olhar para ele, envergonhada. Não sei o que aconteceu comigo. Por um instante, enquanto falava, pensei em jogar o guardanapo na mesa e fugir, sentindo-me constrangida por falar em voz alta sobre meu passado. Tentei soar arrogante, como se ele tivesse culpa por ter nascido rico e eu, pobre. Uma atitude bem contraditória considerando o que sempre pensei sobre esse assunto. Ele estava coberto de razão, tudo o que disse fazia sentido.

— Acho que me excedi — respondi cabisbaixa.

— Tenho que dar o braço a torcer que desta vez você tem razão. Olha para mim, meu bem.

Parei de respirar por um minuto e timidamente levei os olhos na direção dele. Vi pelas suas sobrancelhas espessas em linha reta o quão relaxado e tranquilo ele estava.

— Juntos, somos cúmplices de muitas coisas que dividimos um com o outro esse tempo todo. Não há motivos para você ficar constrangida por dizer para mim o que pensa. Quero que tenha em mim seu porto seguro. Está me entendendo? — Sorri consternada com seu carinho. — Agora sim. Você fica linda sorrindo.

— Você está me saindo um belo galã de novela.

Caio soltou uma risada com a minha resposta.

— Essa era a minha intenção. Fico feliz que esteja conseguindo. Vamos terminar nosso jantar, que está excelente.

— Tudo está ótimo.

Os pratos vieram com uma combinação de ingredientes perfeitos, os sabores estavam memoráveis e a arrumação, uma verdadeira obra de arte! Sem dúvida alguma um dos melhores restaurantes que já fui.

— Sabe o que mais gostei no seu nome?

— O que?

— Que vou poder continuar chamando-a de Nat. Você conhece o significado do seu nome?

— Nascimento.

— É exatamente isso que sinto, que nasce dentro de mim um sentimento novo a cada dia que estou ao seu lado, Nat.

Desmanchei-me por dentro... Se ele tivesse dito que me amava eu não me sentiria tão tocada quanto diante da sua declaração.

— Tenho uma pergunta que não quer calar. Fio dental ou sem nada? — Eu já imaginava que a dúvida estivesse rondando sua mente desde o momento que entramos naquele elevador. Tomando um gole de vinho, ele fechou os olhos em prazer, como se pudesse deduzir o que estou usando. — Hum!

O som que ele fazia degustando o vinho criava em minha mente a imagem dele deslizando os dedos em meu calor úmido, acariciando-me. Meu núcleo crepitava. Céus, ele conseguia me levar ao êxtase em segundos.

— Sua imaginação masculina nunca me desapontou. Você não tem nenhum palpite?

Repeti seu gesto, mas antes toquei minha taça na dele.

— Independentemente do meu palpite, estou a ponto de ficar louco pensando no pouco que deve ter escondido.

— Não vou nem dizer que estou de cinta-liga para você não querer pular a sobremesa.

— A conta, por favor — ele sinalizou para o garçom. — Comeremos a sobremesa no quarto.

Ah, essa não! Não que eu não desejasse muito estar a sós com ele, mas ficar sem comer uma das sobremesas daquele lugar chegava a ser um pecado.

— No quarto não seria a mesma coisa. Vamos negociar.

— Sem negociações, não mais, minha querida. É doce que você quer? Então peça a sobremesa que desejar.

Fiquei sem chão e a vontade louca de experimentar qualquer sobremesa que vi no cardápio deixou de existir.



Capítulo 16

Caio

Se eu tinha alguma dúvida inquietante em relação a essa mulher, ela havia sanado todas. A palavra negociação estava fora do nosso vocabulário e discutiríamos qualquer coisa que precisássemos para convencer um ao outro. Negociar não mais. Já havíamos atingido nossa cota de negociações nessa vida e, se dependesse de mim, ela jamais precisaria negociar qualquer coisa daqui em diante.

Até hoje mantivemos uma relação que beirava a superficialidade, e por mais madura e sem desconfiança ou sem preconceito que ela fosse, as coisas começam a mudar. Um relacionamento começou a se delinear. Eu estava disposto a exercer um papel de companheiro em sua vida e a dar a ela toda a segurança necessária, suportando até mesmo a barra de depararmos com algum cliente do passado. Eu ainda não sabia o motivo que a levava a sair da agência. Tentei perguntar no jantar e ela acabou entendendo tudo errado, deixando um clima de mal-estar.

Talvez não fosse a melhor hora, mas também não vou seguir em frente sem saber onde estou me metendo. Imaginá-la com outro homem depois daquela viagem ia ser a minha morte.

Então, antes de eu dar um passo à frente e tê-la em meus braços, vou precisar confrontá-la.

Pela agressividade mostrada ao explicar os motivos que a levaram à prostituição, era fácil notar que Nat criou uma autodefesa à própria exposição. Isso me leva a crer que por trás daquela mulher durona e fatal tem uma menina carente e insegura, mal resolvida afetivamente e que provavelmente teve um passado doloroso.

Já no elevador, insisti:

— Você me deve uma resposta. — Envolvi-a em meus braços deixando-a presa e acuada. Algo instintivo desperta dentro de mim ao inspirar seu perfume cítrico misturado com uma fragrância doce, tornando difícil que eu não a aperte em meus braços, tocando meus lábios aos seus.

— Não me lembro de ter me perguntado nada. Aliás, você tem algum problema com corredores? Porque escolhe grudar em mim sempre que está em um corredor? — Sua boca chupou meu lábio inferior, me provocando.

— Vou refrescar sua memória: que tal me responder por que largou a agência.

Eu desejava muito sua resposta, mas minha boca não conseguia ficar sem se mover entre seus lábios. Receptiva a

mim como sempre, ela entreabriu a boca e eu aproveitei a deixa invadindo-a com minha língua, incendiando nossos corpos que se atracaram. Seus braços entrelaçaram no meu pescoço. Senti a maciez dos seus seios volumosos pressionarem meu peito e retribuí, roçando minha ereção em seu ventre, demonstrando o tamanho da minha excitação.

— Caio, eu larguei a agência por mim, por nós e porque economizei o bastante para me manter financeiramente. E...

Ela fez uma pausa longa demais para a minha curiosidade.

— ... você tem sido meu único amante desde Florianópolis. Eu não saí com mais ninguém desde a nossa única vez. Você me arruinou para todos os homens.

— Mas... e os clientes de São Paulo?

— Eu não dormi com eles. Fiz você pensar nessa possibilidade para ver se um pouco de desprezo podia machucar sua arrogância.

Por um momento minhas palavras morreram em minha garganta. Minha respiração parou. Suas palavras me causaram um profundo choque. Desejei muito ouvi-la me falar isso. Sua confissão foi poesia para meus ouvidos. Eu me afastei um pouco e olhei-a, intensamente.

— Você quer dizer que tenho sido seu único homem?

— Esse foi meu acordo com a agência. Eles nem sonham que um dia deitamos juntos.

Selei nossos lábios tentando ganhar tempo e me recuperar do choque.

Eu estava apaixonado.

— Senhorita Nathalia Lambertine, aceita namorar comigo? — Digo em um arroubo. — Não sei quando nem como me apaixonei por você, só sei que tudo o que eu quero agora é tê-la para mim, somente para mim. — Havia lágrimas em seus olhos, enquanto os lábios colados aos meus abriam-se em um enorme sorriso. — Você está chorando.

— Nunca imaginei ser pedida em namoro em um corredor. Você é o namorado mais romântico com que pude sonhar. Se prometer cumprir o preço que estipulei, me pagando com seu respeito, é claro que aceito, seu bobo.

Seus grandes olhos brilhavam enquanto seus cílios escuros e umedecidos piscavam com suas pálpebras. Será que ela tem ideia de quanto a acho linda? Ou ideia de como a quero? Peguei-a no colo e abri desajeitado a porta do quarto enquanto a beijava. Essa noite eu usarei todas as ferramentas necessárias para romper qualquer muralha que exista entre nós.

— Prometo ser o namorado mais respeitoso com que já sonhou. Mas isso depois... Porque agora quero ser muito pervertido. — Ela assentiu com a vontade nos olhos.



Capítulo 17

Nathalia

Em seus braços senti Caio me desafiar, invadindo cada espaço livre da minha boca com sua língua voluptuosa. Meus seios inclinados para cima se ofertam para que ele os desrespeitasse, como prometido.

— Está pensando em ser muito desrespeitoso? — Entro no seu jogo e interrompo o beijo. — Posso mudar de ideia e deixá-lo voltar para o restaurante. Quem sabe encontra por lá alguém que deseje um homem como você...

Caio me colocou no chão lentamente. Levantei meus olhos cruzando com os dele. Perturbadoramente quente, seu corpo firme me derretia... Suas mãos vieram ao meu rosto, segurando-o e fazendo com que eu olhasse para ele.

— Eu não quero mais ninguém na minha vida que não seja você.

— Não brinca comigo, Caio — sussurrei. — Três ou quatro taças de vinho não fazem ninguém ficar de pileque a ponto de prometer algo tão sério.

— Você acha que estou bêbado? Então olha isso. — Ele fez o quatro se apoiando com a perna direita na esquerda estendida. — Acredita agora?

Gargalhando com o meu típico bom humor e disfarçando o pânico que me tomava com a possibilidade de ele não estar me falando a verdade, eu brinquei:

— Não estou muito convencida, ainda.

— Não? — Puxando-me pela mão, Caio invadiu o banheiro e nos levou para dentro do boxe com roupa e tudo. — Um banho gelado nos fará ficar bem e muito conscientes das promessas que estamos fazendo.

— Você não é lou...

Louco? Sim, ele era louco. Abriu a ducha e a água gelada caiu sobre nós. Tentei segurar o grito, sem sucesso.

— Estou maluco por você Nat. Ainda não percebeu como estou atraído?

Congelei ao ouvir suas declarações, por me sentir feliz e pela água gelada que nos molhava. Seu olhar preguiçoso me encarava como um predador atento. Lutei para recuperar o fôlego que ele me roubou.

— Tire a roupa para mim, pequena. Assim como estou tirando para você.

Meu coração ordenava que eu o obedecesse, e o frio que estava sentindo foi substituído por um calor intenso, que me queimava ao vê-lo arrancar a roupa molhada sem dificuldade alguma.

— Deixe-me contar como estive pensando em você nesses últimos dias, com o coração apertado e ansiando de saudade. Conviver com a incerteza de que você poderia não estar aqui comigo agora tornou esses dias os mais infelizes da minha vida. Meu tempo ao seu lado passou a ter novo sentido. Convivi com uma enorme ereção como esta que está na minha mão imaginando mil maneiras diferentes de fazer você gemer sobre ela.

Ele se tocava enquanto falava com aquele sorriso indecente que conheço muito bem. A paixão palpitava dentro de mim com sua atitude viril. Algo vinha mudando na maneira como ele me tratava, ainda não sei dizer o que era, mas era muito bom sentir ao meu lado aquele novo Caio.

— Sua ideia arruinou minha surpresa.

Arranquei o vestido pelos braços e meus olhos se voltaram para os dele, que me devoravam furtivamente de cima a baixo. Senti-me tocada pelo seu olhar em cada parte do meu corpo, aquecendo-me de dentro para fora. Meus mamilos intumescidos latejaram sob a renda do sutiã. Envolvida completamente pelo seu feitiço, fui absorvida pela volúpia dos seus lábios próximos dos meus. O calor do seu hálito me deixava louca de vontade de beijá-lo. Seus dedos trilhavam quentes sobre minha pele. Qualquer murmuro ou palavra que eu tivesse para dizer se dissolviam em minha boca quando ele me beijava. Arfando, suspirei

de prazer totalmente entregue a ele enquanto meu corpo era tomado por chamuscas.

— Desta vez nós vamos fazer amor, srta. Nathalia Lambertini.

— Mal posso esperar. — Deslizei minha mão que parecia pequena sobre seu membro rígido e pulsante, acariciando-o da glândula até a base, na tentativa de ter também um pouco de domínio da situação. — Foi assim que se tocou nos dias que não estivemos juntos? — Provoquei-o, sentindo a tensão dentro de mim crescer.

— Exatamente assim. — Encobrimo minha mão, ele entrelaçou nossos dedos em torno de toda sua extensão. — E a cada segundo que me toquei era desse jeito que eu fantasiava.

A força da sua mão conduzia sua masculinidade à minha barriga, esfregando-a de cima para baixo e contornando meu umbigo, fazendo latejar cada parte.

— Hum... Adoro sentir a textura da sua pele macia.

— Também gosto quando você me toca.

— Mas quem está tocando é você. Sinta sua mão. Olha como é tão pequenina e ousada. É ela que está arrastando meu pau por toda a sua pele.

Sua boca sedenta descia pelo meu pescoço, aproximando os dentes do meu ombro enquanto a água fria escorria entre nossos corpos quentes. Fiquei na ponta dos pés, ansiando para que aqueles movimentos lascivos chegassem

ao meu núcleo, que clamava por sentir sua ereção. Impelida por um forte desejo, audaciosamente o surpreendi pressionando minha mão:

— Devo admitir que tem razão.

Levo-o para o topo da minha calcinha, simulando baixá-la o suficiente para ele sentir o quão bem-vindo era.

Quente, senti a ponta do seu membro encostar na minha feminilidade. Paralelo a mim, seu corpo emitia um calor atormentador, me torturando e aumentando minha libido.

— Meu furacão, você me devasta — ele rosnava no meu ouvido como um selvagem sendo acuado.

— Devasto? — Posicionei a cabeça do seu pau entre minhas dobras úmidas e quentes, contraindo meu ventre. Desafiando-o, observava sua tensão enquanto me movimentava. Um grunhido escapou de sua boca e ele abriu os dedos em rendição. Repeti o gesto, abrindo meus dedos, que o encobriam, deixando apenas sua ereção presa entre a calcinha e meu núcleo. — Essa era a minha intenção, devastá-lo de desejo.

— Está conseguindo. — Contive um sorriso de satisfação brincando em um vaivém, contraindo e relaxando meu ventre, fazendo a lisa e grossa rigidez dele deslizar na minha umidade. — Isso é tão bom, mas eu quero que esta noite dure como se não houvesse amanhã. Temo não aguentar tanta tortura.

Jogando o quadril para trás, seu membro escapou da minha calcinha. Sem fazer muita força, ele mudou minha posição, girando meu corpo, colocando-o de frente para a parede. Uma das suas mãos entrelaçou no meu cabelo molhado, até meu rosto ficar de lado para que eu pudesse olhá-lo. Seus olhos brilhavam sobre mim, luxuriosos, me fazendo estremecer.

— Eu disse a você que sonhei em lhe dar prazer de diversas maneiras e é isso que vou fazer. — Ele passou a me analisar como se estivesse apreciando uma obra de arte. — Que visão! Eu precisava ver essa bunda gostosa e redonda dividida por esse pedacinho de pano que você classifica de fio dental. E o que é essa cinta-liga? — Senti Caio me apertar, esfregando seu membro entre minhas nádegas. — Achou mesmo que eu estragaria a surpresa? Linda demais! Mesmo colada no seu corpo, essa visão é sexy para caralho. Vou te comer de quatro olhando bem para a sua bunda.

Empinei os quadris, precisando senti-lo mais forte. Sua mão apertou mais meu cabelo e a dor se aliviou com seus olhos famintos me observando.

— Eu poderia ter combinado a apresentação da minha bunda com uma dança para você — protestei, flexionando levemente meus joelhos e estendendo-os para massagear seu pau entre minhas ancas.

— Teremos todo o tempo do mundo para você fazer muitas danças para mim. Hoje só preciso que você saiba o quanto estou despido para você, mostrando-lhe minha alma. — Seus dentes afundaram no meu ombro. — Como você se atreveu a duvidar das minhas boas intenções? — Suas mãos abriram o fecho do meu sutiã tomara que caia e libertaram meus seios doloridos. — Enfim, livres...

Feito pão, ele me girou e meus seios expostos o saudaram. A água fria banhava minha pele febril, arrepiando os mamilos. Suas mãos seguraram minhas nádegas suspendendo meu corpo, me deixando quase na sua altura e louca como um inferno de desejo. Mergulhando em minha boca, sua língua me invadiu, lisa e sedosa, enquanto seus lábios me chupavam, duros.

Recuperando o fôlego, revelei como me sentia dominada e castigada de prazer.

— Lá em São Paulo, quando disse que seria um dominador, não imaginei que seus subterfúgios para me castigar poderiam incluir uma ducha gelada.

— Você nem sonha em como meus pensamentos imaginam castigá-la quando se mostra tão desafiadora aos meus sentimentos.

Ele sorri do modo que eu conheço tão bem.

Um tremor tomou meu corpo. A água corria sobre minha pele enquanto seu olhar sério me queimava, revelando exatamente que ele estava dizendo a verdade.

Sua força espontânea prensava meu corpo entre o seu e a parede gelada. Percebi vagamente um roçar do meu quadril no dele.

— Esse Caio me assusta.

— Assusta para o bem ou para o mal? — Ele me fitou antes de chupar meu lábio inferior.

— Ainda não sei. — Respirei fundo, sentindo-me acuada, e um murmúrio de satisfação escapou de sua boca. Meus seios doloridos se empinaram, dando a ele um breve vislumbre.

— Logo saberá. — Sua boca deslizava em meu pescoço, fazendo seu hálito quente me acariciar, estremecendo-me. Ele olhava para meus seios, fascinado. Segurou-os com firmeza, levando-me aos arrepios. Novamente saqueada por seus dentes, senti suas mordidas leves e quentes até chegarem nos meus mamilos intumescidos. — Não consigo sobreviver sem eles. — Seus dentes esfomeados deliciavam-se com eles, como se estivesse se alimentando da minha carne dolorida. Absorvi cada sensação de olhos fechados, desfazendo-me em pedaços.

— Céus... Isso é o apocalipse do prazer.

Com as mãos espalmadas no azulejo, tentei me segurar para que meu mundo não se acabasse e eu não me desmanchasse em sensações. Arqueei as costas para lhe dar melhor acesso. Ele sabia que estava à beira do caos. Uma das suas mãos habilidosas escorregou pelo meu corpo e

invadiu minha calcinha. Um dedo seu me penetrou e, ao não ver impedimentos da minha parte, ele acrescentou outro, impetuosamente.

— Que gostoso sentir que ainda está tão molhada e quente... — Ele investia ainda mais fundo. Seu polegar esfregava meu clitóris. — Quero comê-la de todas as maneiras, várias vezes, sem pressa.

— Caio... — Digo ofegante, envolvida pelo grande torpor e por sua declaração tão clara.

— O que é, minha namorada?

Abri as pernas para lhe dar mais passagem e para que movesse seus dedos habilidosamente enquanto eu me contorcia, quase chegando ao clímax. Ele percebeu o quanto eu estava perto de ter um orgasmo e pareceu querer me punir, provocando-me quando seus dedos recuaram e me penetraram fundo novamente. Contraí todos os nervos internos. Caio fez uma pausa e me olhou atrevidamente, me abandonando, levando seus dedos ao meu mamilo, lambuzando-o com meu mel. Como se estivéssemos em um duelo de prazer, Caio se divertia com o meu olhar de súplica enquanto sua língua me lambia e sua boca me chupava simultaneamente. Apertando meus seios, chupando-os com fome tamanha, fez com que eu quase me partisse ao meio de tão excitada.

— É delicioso saboreá-la de todas as maneiras. Nunca tenho o suficiente de você.

— Não precisa ter o suficiente, sou toda sua. — Eu quase não tinha forças para falar.

— Isso é poesia para meus ouvidos. — Tremi diante da expectativa dos seus próximos movimentos. Enfraquecida, acompanhei sua boca morder cada centímetro da minha barriga até chegar próxima da calcinha. — Adoro suas curvas, seu cheiro, seu sabor.

Suas mãos enrolaram o elástico do pequeno tecido que me encobria até a altura da minha coxa. Ajoelhado, como se precisasse pagar penitência por seus pecados, ele encarou minha feminilidade com devoção, aproximando a boca quente até eu sentir seu hálito me queimar. Suas mãos separaram meus lábios, dando acesso a sua língua para deslizar por meu clitóris e circular por toda a glândula sensível. Escandalosamente, gemi.

— Oh, oh, me come com sua língua, Caio.

Não precisei pedir mais que uma vez para sentir a maciez da sua língua circular dentro de mim, penetrando fundo como um lagarto, enquanto seus dedos trabalhavam em meu clitóris. Estremeci com seu toque insidioso, sentindo todo o sangue do meu corpo se concentrar no meu ventre; suas investidas eram potentes e libidinosas.

— Caio — clamei despidoradamente, pedindo mais.

Seus olhos lascivos assentiram, e ele me dava mais, abaixando por completo minha calcinha, tendo melhor acesso para levar um dedo ao meu ânus, massageando

como a outra mão que toca meu clitóris. Não conseguia pensar, só sentir. Sua língua e seu dedo trabalhavam no mesmo ritmo e, quando percebi, estava sendo invadida na frente por sua língua e por trás por seu dedo com toda pressão, fazendo meu clitóris inchar e minha vagina convulsionar. Eu sentia o orgasmo me atingir em sua plenitude. Minhas pernas, abertas e separadas por ele, amoleceram de vez e eu sentei em seu colo.

— Quero você desesperadamente.

Seus olhos escuros preenchidos por suas pupilas dilatadas me diziam o quanto ele me queria.

— Também quero muito. Mas não aqui. Vamos para cama?

Eu só pensava em retribuir toda a intensidade que ele foi capaz de me dar. Caio me beijava e nossos corpos se abraçaram. A força para nos reerguermos vinha de todo desejo lascivo que emanava entre nós. Ele fechou o registro sem me soltar. Ainda molhados, ávidos e sôfregos, chegamos à cama e deitamos juntos.



Capítulo 18

Caio

— Você disse que hoje faremos amor. Como eu falei antes, não saio com ninguém desde que estive com você. Nunca mantive relação com alguém desprotegida — ela comentou com uma risada tímida.

— Está dizendo que quer fazer amor comigo sem proteção?

— Desde que você me diga que está limpo também. Eu quero sim. Confio em você.

Eu seria um puto se tivesse me envolvido com Nicole sem proteção, e quanto a Bárbara, eu sabia que com ela não tinha riscos de contrair qualquer tipo de doença sexualmente transmissível. Mesmo assim, fizera todos os exames preventivos havia pouco tempo. E sim... Eu queria fazer amor com Nat sem qualquer tipo de barreira. Percebi sua respiração em um ritmo sem igual, na expectativa da minha resposta.

— Tudo que mais quero é tê-la sem qualquer barreira, Nat.

Seus olhos brilharam e ela pulou da cama como uma leoa pronta para me atacar.

— Isso é tudo o que eu preciso saber.

Levando as mãos ao cabelo molhado, ela deu um nó, me olhando intensamente. A mulher atrevida que tanto me atraía se encorajou, como se preparasse para ser tudo o que eu precisava: minha mulher, minha amante; sem amarras. Podíamos nos deleitar um com o outro sem qualquer tipo de preconceito. Fora daquelas quatro paredes, ela já me provara ser a dama que eu apreciava ter ao meu lado. Sorri ao lembrar que, quando somos só nós dois, não há um fetiche que não possa ser realizado.

Engatinhando entre minhas pernas, ela parou sobre mim.

— Você foi muito mau comigo no chuveiro.

— Fui?

— Por vezes quase fui ao orgasmo e você me torturou, parando.

— Fiz isso porque eu sabia que quando ele viesse seria mais intenso.

— Posso querer dar o troco... — Ela me mediu como se eu fosse seu maior objeto de desejo. Meu pau pulsava.

— Acho que não faria isso.

Provoquei-a, olhando-a de cima a baixo, de joelhos entre minhas pernas, me envaidecendo por ter seu corpo

tudo para mim enquanto, com sua peculiar ousadia, mordida os lábios como se estivesse pensando por onde começar. Nat estimulava minha mente a níveis que me deixava febril.

— Não faria o quê? Isso?

Abocanhou meu pau levando-o até a garganta, e eu tive o vislumbre de que minha fingida provocação acabara por me prender em uma armadilha. Nat parecia empenhada a me levar à morte de prazer. Livrando meu pau da tortura iminente, ela respirava fundo, como se buscasse ar.

— Ou isso?

Enganei-me com minhas suposições ao sentir sua língua lambar a ponta do meu pau, circulando a pele que envolve minha glândula como se fosse o sorvete mais gostoso que havia tomado. Minhas bolas pareciam se chocar. Ela debruçou a cabeça entre minhas pernas e as chupou, deixando a bunda virada para o céu. Eu sabia que não aguentaria tamanha tortura. Sedento, segurei com força seu cabelo enrolado, puxando-a até mim.

— O que acha de me deixar chupar você enquanto me chupa?

Descarada, fingiu pensar naquilo virando os olhos para o teto, voltando-os para mim e sorrindo, maliciosamente.

— Acho uma ótima ideia.

Ela me deu um beijo e, rápida como lince, mudou de posição, expondo sua boceta e seu rabinho para mim. Maestra, ela rebojava no meu rosto enquanto engolia meu

pau por inteiro. Ainda posso sentir na língua o doce do seu mel escorrer pelos seus lábios. Lambi seu núcleo, sorvendo o líquido que era liberado. Minha língua parecia se estender, permitindo-me deslizar com facilidade por seu clitóris, passar por sua abertura até lambê-la por trás. Ela se arrepiou toda, gemendo alto, enquanto, gulosa, do outro lado me chupava, me fazendo entrar em um colapso de tesão. Nat alternava entre meu pau e minhas bolas, chegando ao meu ânus, com uma lufada de respiração forte. Ela testava meus limites e continuava a passar a língua por ele, circulando e excitando minha zona erógena.

Barítono, ronronei, totalmente entregue a ela. Suas lambidinhas me levavam à loucura, e isso parecia excitá-la cada vez mais. Latejei, duro, como se não fosse aguentar, tentando concatenar meus pensamentos. Provocadora, ela voltou ao meu pau e o engoliu todinho, até a garganta. Deixei escapar murmúrios de prazer. Não me esquivei: chupei sua fenda, engolindo todo o fluido que ela expelia. Provocamo-nos numa brincadeira de repetições. Ela chupava minhas bolas e se abria mais para mim. Eu entendia que ela precisava da minha língua dentro dela e a comia junto com meus dedos, introduzindo um de cada vez. Lambi seu ânus e ela fazia o mesmo em mim, causando-me arrepios pelo corpo como se meu pau fosse convulsionar.

Nosso tesão foi aumentando mais e mais...

— Monta em mim, Nat — pedi, chegando ao meu limite.

— Oh, sim!

Ela engatinhou sobre mim e sentou de costas, deslizando sobre minha extensão rígida. Ardilosa, ela olhou para trás enquanto se adaptava a minha grossura, me engolindo por inteiro. Nat cavalgava como uma amazona domando meus sentidos em um vaivém frenético. Seu orifício se abria e se fechava para mim. Umedeci o dedo, levando-o até ele a fim de prepará-lo para receber meu pau.

— Você nasceu com o formato do meu pau. Olha, Nat, como você me abriga tão deliciosamente. — Ela me sugava enquanto levantava e abaixava o corpo. — Isso, bebê, me leve bem fundo.

— Oh, céus... — Ela sentou até o quadril se fundir com meu púbis. Empurrei forte, segurando-a e auxiliando com as mão na sua cintura. Mergulhar no seu calor macio e apertado me fez clamar de tesão.

Seu quadril se empinou mais para mim e seu ânus se abriu mais uma vez. Molhei o dedo e a penetrei. Ela me recebeu com veemência e gemidos escandalosos.

— Vamos ser expulsos deste hotel. Mas quer saber, foda-se... Quero vê-la gritando.

Estoquei fundo. Suas mãos apertaram minhas coxas e eu não aliviei a pressão. Cavalgando, ela deu outra olhadinha de lado para me mostrar o quanto estava apreciando, e levou o dedo à boca, chupando-o.

— Posso saber o que está pensando fazer com esse dedo?

Sua mão escorregou pela minha virilha.

— Dar a você o mesmo prazer que estou tendo.

Suas palavras chegaram aos meus ouvidos do mesmo jeito que senti seu dedo me estimular, umedecendo meu ânus até enfiá-lo dentro de mim. A sensação era de puro êxtase. Fiquei duro como nunca imaginei ficar, pulsando dentro dela.

— Sou todo seu, e você é toda minha.

— Caio, não sei se um dia serei capaz de não amar você.

Esse foi o jeito mais estranho de alguém dizer que me ama.

— Eu não quero que você deixe de fazê-lo...

Eu precisava ouvir que ela me amava acima de qualquer coisa. Isso me fez querer tê-la por completo. Assim, segui puxando seus quadris, abrigando-a, estimulando-a, diminuindo e aumentando a pressão com que ela se movimentava sobre meu pau. Senti suas paredes se contraírem, assim como me senti contrair.

— Vem para mim, Nat. Goza em mim.

Viçosa, ela empinou mais o traseiro e aumentou o ritmo. Seu ânus e o meu se contraíram ao mesmo tempo que senti sua vagina espremer meu pau dilatado dentro dela, golpeando meus testículos. Ela chamava meu nome e seu êxtase chegava junto. Deixei escapar um sorriso impudico,

sabendo que chegaríamos ao nosso limite juntos. Pela primeira vez, derramei dentro da minha mulher todo o meu gozo até a última gota, como nunca tinha feito antes, debatendo-me feito louco e gozando várias vezes seguidas enquanto ela se esfregava sobre mim.

Caindo de costas, sem sair de cima de mim, ouvi sua respiração ofegante. Virei-a de frente, passando o braço pelo seu corpo. Por instantes, ficamos nos encarando em um silêncio cheio de promessas. Colei nossos corpos molhados de suor e a beijei.

— Você é maravilhosa. Minha Nat.



Capítulo 19

Caio

Eu me recusava a acreditar que as duas semanas ao lado de Nat passaram tão rapidamente. Não lembrava se alguma vez tinha ficado tanto tempo afastado dos negócios, quanto mais para ficar ao lado de uma mulher. Era certo que supervisionei tudo de longe. Mas, ainda assim, foi como se tivesse realmente tirado férias.

Na noite anterior, antes de Nathalia adormecer no meu peito, o senti umedecido por suas lágrimas. A partida estava sendo difícil para nós dois. Não estávamos preparados para sair da redoma que criamos, onde apenas nossas vontades imperavam. Antes de ir para Nova York, ela me pediu apenas que eu a respeitasse, mas o que aconteceu foi muito além disso... Eu me apaixonei por ela e me encantei ainda mais.

Acabamos saindo como um casal de namorados, com direito a beijos e carinhos públicos. Encontrei mais conhecidos que imaginava morando em Nova York, e tive

certeza de que nenhum deles duvidou que não estivéssemos apaixonados. Nada foi encenado. Jantamos uma noite com meu fornecedor e sua esposa. Mais uma vez ela foi brilhante, se comportou como uma perfeita companheira de um homem de negócios. A mulher que eu queria para mim.

Conhecemos algumas casas fetichistas de Nova York. Ela encarou todas sem frescuras. Em outras vezes que estive na cidade participei de algumas festas do Behind Close Doors. Conquistei um convite Vip, por ter alguns contatos. A festa aprovava a cultura do sexo livre, porém achei prudente não levá-la. Eu não podia cogitar a possibilidade de ver alguém tocando nela. Acho que perderia o controle.

Talvez pudesse parecer hipocrisia da minha parte tornar-me possessivo, tendo em vista as circunstâncias em que a conheci. Mas não mandamos no coração. Como homem, senti-me honrado por ver outros olhando para ela. Ela é linda, atraente, sexy, elegante... Passaria o dia classificando seus atributos e não concluiria todos. Mas ela era minha! Confesso que talvez eu tivesse até me excedido um pouco nas últimas vezes que saímos e acabei deixando-a um pouco triste quando atribuí a ela a responsabilidade por chamar atenção de outros homens.

Ela não dizia nada. A tristeza em seus olhos dizia tudo.

Eu poderia ter me desculpado. Mas um macho alfa não faria isso. Quando chegávamos no hotel, tudo parecia ter

sido esquecido, tamanha a vontade de estarmos juntos. Não sabíamos quem era quem. A atração entre nós dois era maior que tudo. Na cama, duelávamos nossas diferenças.

A porta se fechou e de lado a vi entrar no quarto. Vendo-a toda suada, pensei que poderia me acostumar a acordar todos os dias com a visão da roupa colada em seu corpo.

— Que horas são?

— 9 h.

— Muito cedo — disse preguiçoso. Nunca na minha vida acordei a essa hora. — Onde você foi?

— Fui até a academia.

Meus olhos se moveram sobre seu corpo e avaliei sua silhueta.

— Você deveria ter me acompanhado. Vou sentir falta daquela academia.

— Não acho que tenho condições. Você tem acabado com minha energia.

— Duvido que isso aconteça — ela se alongou. — Você é que tinha de se sentir culpado. Tem me feito comer como nunca. Tenho problemas de peso.

— Você não tem problema com peso.

Minha ereção matinal me fez ter várias ideias de como fazê-la se exercitar. Uma gota de suor escorreu por sua testa enquanto ela levava a garrafa de água até a boca.

— Confie em mim. Quando sei que a maioria das roupas é feita para mulheres altas, sem bunda, você passa a ter um problema de peso.

— Quero que as magrelas fiquem com todas as roupas e você fique totalmente nua para mim. Seu corpo é perfeito.

— Vamos ver se falará isso quando eu ficar bem fofinha.

— Quando isso acontecer, e se acontecer, veremos como as coisas ficam. Agora preciso de você aqui comigo.

Virei-me na cama, saldando-a com uma enorme ereção.

— Vou tomar uma ducha rápida e já me junto a você.

— Nada disso. Acordei com a pressão baixa. Preciso lambê-la salgada para recuperar minhas forças.

— Está precisando de cuidados, Caio?

— Muito.

Puxando o top pelos braços ela se despiu para mim.

— É muito agradável saber que posso ser sua cura.

— Você será sempre minha cura. — Toquei minha ereção, encarando-a.

— Já ouviu falar de remédios que viciam?

— Ouvi e posso dizer que já me considero um dependente.

Fascinado, eu estava perdendo a capacidade de racionar assistindo-a arrancar até a última peça de roupa e se juntar a mim.

Eu gosto desse lado dela. Muito, para falar a verdade. Chegando a São Paulo, a primeira coisa que farei é

convencê-la a morar comigo. Não sei mais viver sem seu
sabor.



Capítulo 20

Nathalia

O almoço foi para lá de estranho. Percebi que Caio estava impaciente. Ele parecia desconfortável, como se reconhecesse alguém ao lado. Assim que me viu observando-o, fez um comentário, chamando a minha atenção.

— Você mal mexeu na comida. Quer pedir para trocar o prato?

Seu prato também estava intocado. A comida é excelente no Jean-Georges. Estivemos ali em dois jantares e um almoço. Senti que ele desejava me falar algo e não conseguia. O clima entre nós estava tenso há alguns dias. De repente, a cumplicidade havia se esvaído e eu não sabia dizer por quê. Será que ele queria me dizer que foi bom enquanto durou? Que eu não era mulher para ele?. Então não entendo porque rodear tanto um assunto, quando se sabe o que está pensando. Talvez a atração latente que ele

sentia por mim não era mais suficiente para planejarmos algum futuro. Percebi que ele me observava e respondi:

— Não costumo comer muito antes de viajar — menti sem demonstrar o quanto estava aborrecida com sua atitude. — Creio que você também esteja sem apetite.

— Deveríamos ter continuado no quarto. Comeríamos com mais prazer.

Ainda me impressionava com a transparência de seus olhos dizendo o quanto tudo é baseado em sexo entre nós dois.

— Acho pouco provável. Acredito que acordamos sem muito apetite.

— Discordo de você. Ou já esqueceu que minutos atrás estávamos atracados no quarto?

Sorrindo, ele levou a segunda taça de vinho à boca, sorvendo o líquido como se estivesse me provando. A malícia nos seus trejeitos era como um projétil direcionado atingindo todas as partes sensíveis do meu corpo.

— Justamente por isso estou dizendo. Deveríamos estar famintos. Já que pulamos o café da manhã direto para o almoço.

— Já ouviu falar em pessoa difícil?

— Tenho uma boa definição para isso... Homens que pensam que tudo é baseado no sexo.

— E não é?

Impossível. Eu não tinha ouvido o que ele acabara de falar.

— Fica sem comer para ver o que acontece.

— Você me alimenta. Passaria o resto da minha vida nos seus braços e morreria de inanição, feliz.

Suas palavras me tocaram, fazendo correr pela espinha uma sensação lancinante e ao mesmo tempo uma irritação por ele levar tudo para o lado sexual. Respirei fundo antes de responder para ele, mas fomos interrompidos.

— Vejam só se esse mundo não é mesmo pequeno. Caio, empresário brasileiro, almoçando com a estrela do Sex Club... Bem no mesmo restaurante que eu.

Ouvir a expressão Sex Club nunca tinha me causado tanto frisson. Meus olhos se voltaram para a figura com uma barriga enorme no encosto da cadeira. Reconheci muito bem o bigode desalinhado do homem asqueroso que frequentava o Sex Club. O cara era um esnobe que tinha se envolvido com a maioria das dançarinas, que se queixaram dos seus métodos masoquistas. Quando elas contaram para Juarez, ele não permitiu mais que o sujeito fosse cliente de nenhuma funcionária e o avisou que era bem-vindo para assistir aos shows, porém o atendimento se limitaria a isso. O homem sempre foi uma casquinha de ferida e por vezes arrumou confusão, até o dia em que foi proibido definitivamente de frequentar a casa.

— Como vai, Simon? Mundo pequeno, não é mesmo?

Eles trocaram apertos de mão e eu apenas acenei, cumprimentando-o.

— Pequeno mesmo. No Brasil, mesmo sendo parceiros de negócios, mal nos esbarramos. Temos que dar uma fugidinha para acabar nos encontrando.

— Não seja tão dramático. Não faz dois meses que fechamos um contrato para sua rede de *fast food*.

— Caio, devo presumir que o ramo de telecomunicação esteja dando rios de dinheiro.

O homem me encarava como se eu fosse uma mercadoria.

— Não posso me queixar.

— Nem eu me queixaria. Falando nisso, estamos muito contentes com a prestação de serviços da sua empresa.

— Vou me lembrar de colocar um percentual maior em uma próxima negociação entre nós.

— Sou macaco velho, sei pagar o preço justo. Por exemplo, agora, pagaria talvez até o dobro do que está pagando para sua acompanhante só para tê-la comigo pelo resto da minha estada aqui na cidade.

— Sinto informar que isso não será possível. Estamos indo embora hoje, juntos.

A feição de Caio se transformou... Os músculos da sua face pareciam tensos e meu coração disparou por estar envolvida mais uma vez no assunto.

— Que isso, meu jovem. Já está bem grandinho. Tenho certeza de que a companhia aérea não objetará a você viajar sozinho. Conceda a este velho alguns dias de prazer. — Seus olhos remelentos se voltaram para mim. Ele se inclinou vagorosamente sobre a mesa em minha direção e eu pude sentir o cheiro de álcool no seu hálito. — E você, belezura, o que me diz de passar mais uns dias em Nova York? Tenho certeza de que nosso amigo não lhe mostrou toda a cidade.

— Ela não está à venda, Simon. Está em Nova York como minha convidada.

Convidada? Agora sou apenas isso? Levei o comentário como insulto. Não sei o que me ofendeu mais... Ser tratada como uma mercadoria ou saber que fui pedida em namoro quando, na verdade, era uma mentira. Como ele pôde? Afinal, foi assim que ele me tratou até esta manhã. Eu nunca seria para ele algo além de uma acompanhante ou convidada.

Um nó se formou em minha garganta. A esperança de que podíamos dar certos juntos se dissipou. Senti uma dor espremer meu coração com tanta força, que era como se o estraçalhasse em milhares de pedaços. O momento mágico e inquebrável que estávamos vivendo se transformara em caquinhos. Minha alma ficou em frangalhos, incapaz de ouvir algo que abrandasse aquela dor latente.

— Você se acha esperto, não é mesmo? Tenho idade suficiente para sentir o cheiro de uma garota como ela a distância. Sei muito bem o quanto ela custa. Veja bem, estou disposto a pagar.

Eu ia responder que ele pagasse seu dinheiro e enfiasse onde quisesse, porém Caio foi mais rápido do que eu.

— O que eu acho é que você deve ter bebido demais e perdeu a noção da onde estamos.

— De fato bebi um pouco com meus parceiros de negócio, que estão ali à mesa, sentados — ele acenou para uma mesa próxima e eu não fui capaz de olhar naquela direção. — Sou muito consciente das performances dessa moça e prometi aos meus colegas que mostraria para eles como as brasileiras podem ser perfeitas, como dão conta de vários homens ao mesmo tempo.

A cadeira de Caio arrastou bruscamente. Rubro, seu rosto parecia pegar fogo. Não sei se envergonhado com a situação ou por raiva. Os dias iluminados que vivi com Caio pareciam ser tomados por um dia sombrio, até mesmo destruidor. Se eu tinha dúvidas do mal que meu passado poderia causar a Caio, agora não tinha mais. Por amá-lo muito, entendi que o melhor a fazer era sumir da sua vida quando chegasse a São Paulo. Não poderia atrapalhar o empresário bem-sucedido que precisava de alguém ao seu lado que o representasse à altura.

— Simon, pegue seus amigos e os apresente o diabo a quatro. Some da minha frente, porque se você faltar ao respeito mais uma vez com a Nathalia, eu juro que perco a minha boa educação e rompemos até nosso contrato.

Simon parecia alheio à ameaça gélida de Caio, voltando-se a mim novamente com olhar de desdém:

— Seu nome é Nathalia? Pouco inteligente da sua parte usar Natally como nome de guerra, garota. Lembro muito bem o seu nome. Aliás, como me esqueceria? — Atrevido, ele passou o dedo pelo meu braço, me causando repulsa.

— Não toca em mim, seu verme.

Senti-me tão suja, humilhada e indignada que, quando percebi, eu estava torcendo o dedo do sujeito.

Aquela briga era minha. Não era justo que Caio tomasse partido. Não aliviei a torção. Sem trocar mais uma única palavra com ele, coloquei toda a minha força e fúria nos movimentos. Cega de ódio em ouvi-lo gemer de dor, não tive tempo de desviar do vulto violento que atingiu meu rosto.

Uma dor dilacerante invadiu meus sentidos e tudo de repente ficou escuro. Mal recobrei os sentidos, ainda atordoada, senti Caio ao meu lado me amparando.

— Você está bem, meu amor? — Ele beijou minha testa, preocupado.

Meu maxilar doía tanto que eu não conseguia responder.

— A vadia que pediu — a voz asquerosa se pronunciou.

As mãos que me amparavam me soltaram. Tudo aconteceu rapidamente. As vozes se alteraram e eu não consegui mais racionar.



Capítulo 21

Caio

Um pedaço de mim morreu no instante que a vi perder os sentidos. Poucos segundos depois, um aglomerado de funcionários e seguranças veio até a mesa me tirar de cima do que restava de Simon. O gerente do restaurante se solidarizou, oferecendo-nos toda a assistência necessária enquanto seguranças levavam meu oponente para fora.

Eu não deveria tê-lo deixado ir tão longe. Quando percebi sua presença no restaurante e a forma como ele ria olhando para a nossa mesa, desconfiei de que ele pudesse conhecer Nat. Ele era de Florianópolis, e conhecê-la era uma possibilidade. Isso não me incomodava, mas a forma como ele gesticulava para seus amigos, totalmente sem escrúpulo, sim.

Preocupado com o bem-estar de Nat, insisti em levá-la a um hospital. Ela não só se recusou a ir como também não quis prestar queixa. Meu coração sangrou ao vê-la tão vulnerável, com tamanha dor estampada nos olhos. Seu

único pedido foi que eu a levasse para o quarto, mal deixando que a tocasse.

Andando de um lado a outro, tentei examinar sua fisionomia, procurando algum indício de como abordá-la, mas ela rompeu o silêncio primeiro:

— Desculpa pelo que aconteceu. Perdi a razão quando senti aquele homem me tocar.

Como assim? Ela achou que foi culpada?

— Por que está se desculpando, Nat? O único culpado dessa situação toda é aquele... — eu me movimentava de um lado para o outro como uma fera enjaulada, sentindo o sangue ferver em minhas veias —... filho da puta! Você deveria ter prestado queixa. Aqui as leis são bem rigorosas para homens que batem em mulheres.

— Isso só atrasaria nossa volta ao Brasil — ela deu de ombros, parecendo se encolher. — Sei que você tem seus compromissos. — Como Nathalia podia pensar nos outros quando era nela que tínhamos que pensar. Ela jogava o resto das coisas na mala sem se voltar para mim.

— O que está fazendo?

— Está quase na hora de irmos. Estou terminando de arrumar minhas coisas.

— Não podemos partir assim. Não quando você sequer foi fazer uma radiografia do seu queixo.

— Vou sobreviver. Acredite em mim.

— Não é uma questão de sobrevivência. Nós simplesmente não vamos embarcar depois do que aconteceu.

— Fale por você, porque eu vou embarcar.

Ela estava magoada comigo. Conheci-a o suficiente para saber que não era o momento certo para eu fazer qualquer movimento em relação a ela. Já experimentara antes a dor das farpas que ela expelle quando se sente acuada.

— Se quer assim... Não vejo por que adiarmos mesmo a nossa volta.

— Será melhor para nós.

No lugar da voz sensual que sempre foi como um atear de fogo queimando palha seca dentro de mim, ela falava em um tom gélido, causando calafrios que atravessavam minha pele.

— O que será melhor? — Tentei me aproximar, mas ela se esquivava.

— Por favor, Caio! Vamos ser práticos. Foi bom enquanto durou.

— O que está querendo dizer?

— Acho que não preciso desenhar. Você foi muito claro com Simon. Esse tempo todo fui apenas sua convidada. As férias acabaram, *mon chéri*. — Ela fechou o zíper da mala e me olhou. — Seu chinelo está no banheiro. Esperarei na recepção.

— Nat, o que está pegando?

Tarde demais. A porta se fechou na minha cara.

Suas palavras martelavam na minha cabeça: *Esse tempo todo fui apenas sua convidada...*

Putz! Belo, idiota eu fui. Levo a mão ao cabelo, desesperado.

Percebi o quanto a enrolei, prendendo-a em jogos de sedução sem me preocupar com seus verdadeiros sentimentos. Eu a trouxe para cá com as melhores intenções, para estabelecer um relacionamento verdadeiro, diferente daquele que tínhamos no Brasil. Acredito que as expectativas que criei foram muito além. Porém, por um infeliz deslize coloquei tudo a perder. Eu não poderia voltar com ela para o Brasil, depois do que aconteceu no restaurante. Nos últimos instantes juntos acabei ficando cego, não vi que o que ela precisava era do meu abraço: ela estava sentida, perdida, precisando apenas que eu a deixasse chorar e expressar as suas emoções.

Eu estava fazendo com ela o mesmo que havia feito com Bárbara: pensando apenas no que era bom para mim. Chamei-a de convidada quando, na verdade, ela era minha namorada.

Tinha que arrumar a desculpa certa para garantir mais uma semana aqui juntos; isso era tudo o que precisava.



Capítulo 22

Nathalia

Impaciente, aguardei-o na recepção. Fingi inspecionar as unhas que havia feito no spa do hotel.

A porta dos elevadores abriam e fechavam e ele não aparecia. Por que ele está demorando? Será que é minha sina esperá-lo a vida inteira? Não mais! Vivi meu conto de fadas nessas duas semanas. Acontece que o final da história não foi feliz, tendo em vista o que ele disse à primeira pessoa conhecida que encontramos.

Outro alarme sinalizando que o elevador chegava ao térreo chamou minha atenção. Então finalmente Caio saiu dele, com uma firmeza no olhar que me fez encolher. Adverti-me a não encará-lo para não me enfeitiçar. Estava decidida a não vê-lo mais assim que chegássemos a São Paulo.

Resplandecente, ele se aproximou com calma, como se tivesse todo tempo do mundo, como se não fôssemos enfrentar um trânsito gigantesco pela frente.

Conforme ele ia chegando perto, o impacto sobre mim aumentava. O cabelo da minha nuca eriçava, as mãos ficavam frias e as pernas, bambas, pareciam não aguentar o peso do meu corpo.

— Onde estão as malas? — Eu disse a coisa mais insensata que me veio à mente.

— Elas ficaram no quarto — ele disse, sorrindo simpaticamente. — Recebi um telefonema de última hora. Houve um problema no contrato com meu fornecedor e precisaremos ficar aqui por mais uma semana.

— Não dá, Caio — tentei ser firme. — Você tem seu trabalho. Eu estou há duas semanas afastada. Preciso voltar e cuidar da minha vida.

Seu sorriso desapareceu e a expressão se tornou apreensiva.

— Está pensando em trabalhar no que exatamente?

A enormidade da sua presença a minha frente fez eu me sentir pequena.

— Algo na minha área — dei de ombros, tentando parecer convicta.

— Fica. — Ele pegou a minha mão e eu fechei os olhos, absorvendo todo o seu magnetismo. — Posso ver algo que agrade a você na minha empresa.

Resposta errada. Desapontada, virei a cabeça para não encará-lo.

— Não posso fazer isso.

Olhei para a mão que segurava meu braço e depois para seu rosto, evitando os olhos com medo de cair em tentação e não conseguir recusar a oferta.

— Não seria muito profissional, é isso? Não se preocupe, eu sei muito bem dividir as coisas.

Ele curvou os lábios em um sorriso, mas o desafio estava estampado em seus olhos.

Por que ele tem de me fazer pensar que estou errada? E essa história que recebeu uma ligação e tem que permanecer em Nova York me parece muito estranha...

— Minha área de trabalho não tem nada a ver com seu ramo.

— Então fica por nós.

Carinhosamente ele levou a mão ao meu rosto e o acariciou com o polegar.

Mas eu precisava ser forte.

Ficamos um de frente para o outro, em silêncio. Ele não disse o que eu precisava ouvir e eu entendi que aquela era a nossa despedida. Tentei conter as lágrimas com toda a minha força.

— Eu preciso mesmo ir.

Meu corpo inteiro ficou tenso. Pernas e braços doíam. Os olhos de Caio suplicavam para que eu o encarasse.

— Por que não nos darmos mais uma semana? — Ele sussurrou, chegando mais perto de mim.

Nossos lábios quase se tocaram. Por um momento senti que ele diria a palavra certa, mas apenas tocou seus lábios nos meus.

— Por favor, Caio! Nós sabemos que não daríamos certo juntos. Você tem uma carreira brilhante a administrar. Enquanto eu...

Contive as palavras devido ao enorme nó que se formou em minha garganta.

— Você? — Ele me olhou esperando uma conclusão.

Por uma fração de segundo não joguei tudo para o ar e disse que ficaria. Minha cabeça sussurrava: *é hora de partir*.

— A gente se vê no Brasil, *mon chéri*.

Dessa vez meus lábios tocaram os dele em um beijo cheio de sentimentos. Não tinha a invasão de línguas absorvidas pelo desejo.

— Nat, amo você!

— Fiquei feliz e triste ao ouvir isso. Foi preciso uma rejeição para ele dizer o que sentia.

— Eu sei. Como uma grande amiga e confidente. Mas isso não é o bastante, *mon chéri*. Você não está apaixonado por mim. Você ama ter o sexo bom que sempre tivemos.

— Não diga besteira. Não queira bancar a psicóloga quando estou sendo sincero e me declarando a você.

Dei um passo atrás, intimidada com a explosão do seu temperamento forte.

— A psicologia não tem nada a ver com o que eu acabo de dizer. Falei sobre o coração, Caio.

— Deixe eu provar a você.

Ele voltou ao tom civilizado. As pessoas começaram a nos notar no saguão do hotel.

— Você teve duas semanas. — Afastei-me e, em um gesto de desespero, ele segurou meu braço... Vi em seus olhos o medo do abandono.

— Espera! Eu vou com você.

Cruzei os braços como medida de proteção.

— Não, Caio! — Pronunciei as sílabas lentamente, um pouco dura demais. — Você precisa ficar. A não ser que esteja mentindo para mim, mais uma vez. Se for isso, essa mentira só me faria desacreditar ainda mais de nós. Prefiro que você fique e resolva seus problemas. Não quero causar mais nenhum aborrecimento...

Caio me interrompeu, sacudindo a cabeça, perplexo.

— Eu nunca menti para você.

— Não mesmo? Nem quando me pediu em namoro?

— Desculpa. Eu nem sei por que respondi para Simon que você era minha convidada. Ele estava nos testando.

— Chegou ao ponto. Não passamos juntos nem do primeiro teste. Resolva seus problemas aqui, Caio.

— Eu resolvo depois.

— Não vamos mentir um para o outro. Melhor não. Eu me sentiria pior do que já estou. — O telefone dele tocava

insistentemente. — Por favor, atenda.

Virei-me para a recepção a fim de pedir que descessem minhas malas. Enquanto aguardava, ele andava de um lado para outro falando ao telefone.

Desejei mentalmente que elas chegassem logo. A eficiência do hotel me ajudou.

Não olhei para trás. As lágrimas até então contidas escorriam pela minha face. A dor do adeus, bom, essa se agarrou a mim dilacerando meu coração, flagelando minha alma.

Acabou... É o fim.



Capítulo 23

Nathalia

Descobri muito nova que sofria de cinetose: tenho enjoos, com náuseas, toda vez que estou em um veículo em movimento. E ficar neste carro, sendo chacoalhada de um lado para o outro, com o motorista conduzindo como se estivesse em fuga, não me alivia em nada.

O suco biliar sobe a minha garganta por diversas vezes, e eu suplico:

- Por favor, para o carro. Preciso vomitar.
- Segura firme. Agora falta pouco para chegarmos.

Não tenho forças nem para perguntar aonde; levando rapidamente minha mão à boca, seguro o vômito. *Quem sabe se eu vomitar eles não param o carro?* Essa podia ser minha chance de fuga e um alívio. Minha cabeça adverte: eles são muito rudes para sentirem nojo de suco gástrico. Homens como esses têm sangue frio. Estão acostumados a sequestrar e fazer mal a pessoas indefesas.

O carro em alta velocidade vai desacelerando, passando para a pista da direita, bem próximo do acostamento. Atentamente, olho para todos os lados. De uma coisa tenho certeza, estamos na Rodovia dos Bandeirantes. Dos dois lados da pista só vejo plantações de eucaliptos. Não há nenhuma porteira ou estrada de acesso.

— Por favor, me digam para onde estão me levando. — O desespero aumenta dentro de mim.

— Preste atenção nos detalhes. Eles vão indicar a você qual pode ser seu destino. Quem vai levar você a algum lugar é você mesma.

— Por acaso isto é algum método de tortura?

— Apenas preste atenção.

O carro praticamente para. Aflita, tento me acalmar para encontrar uma saída. Penso até em pegar o cinto de segurança e tentar enforcar um dos homens, mas desisto. O outro me imobilizaria em segundos.

Um enorme *outdoor* chama minha atenção.

Srta. Lambert...

Quando decidiu se alojar dentro do meu coração, não imaginou como poderia ser perigoso me abandonar?

Caio? Não acredito que ele armou todo este circo.

— Vocês podem por gentileza ligar para o Caio? Eu exijo falar com ele.

— Não sei quem é Caio. Talvez você tenha se alojado em outros corações — disse o motorista com sarcasmo.

— Richard? — Espanto-me com meu grito aflito. — Ele só pode ser um desequilibrado.

Os homens se entreolham sorrindo. O carro novamente ganha velocidade.

Eu deveria saber que as mensagens que ouvi dele na caixa postal quando cheguei a São Paulo não eram de uma pessoa normal. Em todas ele dizia que não se importava com minha demissão, mas que se importava em não podermos mais nos encontrar. O teor de todas elas era o mesmo.

Como eu pude pensar que poderia ter sido Caio? Ele sequer me procurou nessas duas semanas. Concordo que dificultei um pouco as coisas ao mudar de endereço e de número do celular. Esse foi um meio que encontrei para evitar possíveis desconfortos, não com ele, mas com Richard.

Caio não era o todo-poderoso, rico e apaixonado? Se fosse mesmo, um investigador me encontraria fácil. Deixei pistas por onde passei. Inclusive meu novo endereço com o porteiro do meu antigo prédio.

Burra, não avisei que era para passar a mensagem só para o Caio, não para o Richard.

O carro entra na via de acesso. Procuro mais alguma pista, mas a única placa indica as cidades de Jundiá e

Itupeva.

O motorista segue na direção de Itupeva. Tento buscar dentro das minhas lembranças algo que eu possa ter ouvido falar dessa cidade e nada vem.

Pela velocidade do carro, entendo que, por enquanto, não terei mais pistas. Meu estômago não dá trégua. As vertigens e as náuseas se apertam quando o carro entra em uma estrada arborizada, em um lugar que parece uma serra.

As curvas fechadas me levam quase a desfalecer. Uma coisa é certa. Quando descobrir quem é o mandante deste desatino, ele levará um belo chute entre as pernas. Posso até me arrepender, mas disso não abro mão.

Entre a vegetação passamos por diversos condomínios e chácaras. Lugar propício para um cativo. O carro desacelera e uma nova placa aparece sinalizando o limite do município de Itupeva com Indaiatuba.

O nome da cidade me deu um clique. Não tenho dúvidas de quem é o mandante. Caio. Não foram poucas as vezes que ouvi ele falar do seu sítio em Indaiatuba. Um misto de alívio e surpresa ajudam a amenizar meu mal-estar.

O carro reduz a velocidade e para na beira da pista. O vidro traseiro se abre e um homem parado à margem me entrega um arranjo com apenas uma flor ao centro.

— Com os cumprimentos do sr. Sampaio.

O carro arranca. Não sei descrever em palavras o que sinto. Um turbilhão de emoções me confunde. Sinto mal-

estar e, ao mesmo tempo, fúria e alegria, tenho vontade de chorar e rir. Trago a flor branca esverdeada com seu tubular delgado para perto de mim, sorvendo seu poderoso perfume doce. Apertando-a forte junto ao meu corpo, percebo que há um cartão.

Caio...

Sorrindo como boba, me dou conta de que não é a primeira vez que recebo flores dele, porém esta tem um motivo especial. Ele não desistiu de mim.

Dama da noite.

Radiante, me percebo infantil ao fazer careta para o homem sentado no banco da frente, me observando. Ainda assim me sinto vingada pelo tratamento que sofri da parte dele.

Caio não é nenhum príncipe encantado que veio me salvar com um cavalo branco, nem é tão gentil como Richard Gere ao ir atrás de Julia Roberts em *Uma Linda Mulher*. Seus métodos não são convencionais e mesmo assim eu vibro de felicidade. Não sei aonde isso vai nos levar. Mas quem se importa?

Há diversas mensagens em placas pela estrada rochosa, perdidas entre a vegetação.

Em todas uma declaração de amor diferente: elas dizem que tenho o rebolado que o encanta, o toque que lhe dá paz, o perfume que ele precisa para viver e o amor que o coração dele precisa para continuar batendo.

O motorista não passa da terceira marcha para que eu possa ler todas as mensagens espalhadas pela estradinha, e logo à frente ele para o carro. Desta vez é uma senhora que me entrega uma braçada de damas da noite. Junto vem um CD e um cartão.

— Coloque o CD para tocar. — Austera, abuso da minha nova condição sendo implacável. Sei que estão fazendo o trabalho deles, mas poderiam ter sido mais gentis comigo.

Straight to Number One começa a tocar e eu me lembro de quantas vezes me apresentei com essa música.

Apressada, abro o cartão querendo entender por que ele enviou o CD junto.

Direto ao número um...

Essa é a tradução da música que tocava quando a vi dançando. A mesma coisa que você representa para mim... ÚNICA.

A música que virou até o toque do meu celular. A música com que você me envolveu na primeira vez que nos vimos.

Ouça, Nathalia, como a simples letra nos deu motivos para ser perfeitos juntos.

Dez: lembre como nossos lábios se encaixam bem.

Nove: como era bom ter meus dedos enlaçados em seus cabelos.

Oito: suspiro só de pensar em nosso toque.

Espera! Vamos direto para o número um.

Longe de você sou um zero. Um nada. Volta para mim.

Caio.

De súbito, o carro parece quente. Ele conseguiu me fazer lembrar de cada segundo que passamos juntos. Memórias do seu corpo pressionado contra o meu, da sua boca macia, do seu beijo quente e sôfrego invadiram minha mente.

Desvio os olhos do cartão e dou de cara com o passageiro da frente rindo de mim pelo retrovisor. Desta vez sou eu que faço cara de desdém para ele, torcendo a boca.

Envolvida com a situação criada por Caio, mal percebo que o carro percorreu um longo caminho e para novamente à frente de uma grande porteira.

Uma menina pequena se aproxima do carro, bate com suas mãozinhas gordas no vidro traseiro e o homem não abre.

— Como vocês são insensíveis. Não vão abrir o vidro para ela?

— Pode abrir você mesma. O vidro já está destravado — o debochado passageiro responde, ironicamente.

Ouçõ as portas se destravarem e não perco tempo. Saio do carro.

A menina estende para mim uma caixinha e eu a pego com as mãos trêmulas, logo desmanchando o laço.

— Obrigada, minha pequena.

— A senhorita é muito bonita.

— Você também é linda.

De longe, uma mulher parece chamá-la e a garotinha corre em direção a ela.

Dentro da caixa tem uma chave e um bilhete amarrado.

Nathalia

Aqui está a chave do seu cativeiro. Você tem a chance de abrir a porta e entrar para viver o resto dos seus dias ao meu lado ou simplesmente voltar para o carro que a trouxe e ir embora rumo a seu ponto de origem.

Torço para que você abra essa porta e deixe eu provar, por todos os dias da minha vida, o quanto a amo.

Casa comigo?

Ansioso...

Caio.

Olho a porteira e um carro parado dentro dela me espera. Aqui fora, a porta do carro que me trouxe continua aberta, também me aguardando. Ele faria tudo isso se não me amasse? Meu coração dispara, incerta do que devo fazer. Respiro fundo e entro no carro.

— Eu não poderia ir embora antes de dizer a vocês, dois brutamontes insensíveis, que passem bem. — Puxo minha

bolsa da mão do homem que a segura. — Vou me lembrar de falar para o Caio que o senhor é um péssimo motorista.



Capítulo 24

Caio

O momento é de pura aflição. O passado e o futuro se misturam ao presente.

Desde que ela foi embora de Nova York venho pensando o quanto tenho sido insensível por uma vida inteira. Os sentimentos que alimentei até hoje dentro de mim sempre foram muito rasos. Não habituado à introspecção, me tornei inquieto e inquisitivo. O que eu conhecia do amor? Nada.

Nathalia tinha razão todas as vezes que mencionou que eu nunca tinha amado ninguém que não fosse eu mesmo.

Acostumado a viver com base em planejamentos na minha vida profissional, me dei conta de que nunca havia planejado um futuro com ninguém. A verdade era que sempre fui impulsivo, insensato e egoísta. Cresci como um menino mimado tendo tudo o que queria e quando queria.

Tenho um carinho muito grande por Bárbara. Acredito que, quando ela me deixou, tive o primeiro choque de

realidade. Se eu disser que a amei, estarei indo contra tudo que descobri sobre o amor. Ela sempre foi a mulher certa para um homem na minha posição. Mas nunca foi a mulher que preenchesse meu ser, que me fizesse querer ser melhor. Aquela pessoa de quem você quer conhecer os segredos, as necessidades; aceitar as diferenças e se moldar ao seu jeito único de ser.

Nat. Nathalia.

Foi duro para mim quando ela me deixou, e pior ainda descobrir do entregador de flores que ela havia se mudado. Se ao menos eu tivesse seguido o que realmente tinha vontade de fazer naquele dia, no saguão do hotel: carregado-a em meus braços e a levado para o quarto a fim de repetir incessantemente que a amava, até convencê-la disso... Mas, pensando bem, eu não teria conseguido nada. Porque nem eu estava convencido ali de que era amor de verdade. Morria de medo de perdê-la, mas não sabia definir o porquê.

Na verdade, tenho que agradecê-la por ter partido. Foi por meio da dor que eu descobri os meus verdadeiros sentimentos.

Voltei a São Paulo e a procurei, descobrindo que ela se mudara. Desesperado, sem sequer saber por quê, estacionei o carro em frente ao seu novo endereço, esperando por um vislumbre de sua presença sem ao menos ter ensaiado nada para falar. O que eu diria?

Adormeci e acordei no dia seguinte às seis da manhã, todo amassado, dentro do carro.

Não imaginava vê-la naquela hora. Sei como Nathalia nunca teve um bom humor matinal. Quando pensei em dar a partida no carro meus olhos congelaram na figura que saiu porta afora.

Ela estava linda. Olhando para os dois lados da rua, não percebeu meu carro e começou a andar. Eu quis ser complacente, chamá-la com uma desculpa qualquer e lhe oferecer uma carona, mas o que eu diria?

Segui-a até onde pude e a vi entrando em uma escolinha. Estacionei o carro e senti inveja ao ver crianças abraçando-a pela cintura. As pessoas a tratavam com carinho. Com facilidade descobri que Nathalia era a nova psicóloga da escola. Meu peito parecia explodir de alegria! Fiquei feliz em saber que ela estava seguindo em sua área profissional, como planejava, para a qual tinha se empenhado tanto em estudar...



Capítulo 25

Nathalia

Não sei quem comete a insanidade maior: eu, por aceitar me casar com Caio sem um pedido formal; ou ele, por me pedir em casamento.

Poderia dizer que somos dois aventureiros. Estamos fazendo algo que une as pessoas de maneira totalmente nova. Entrando em uma relação pela janela, em vez de usar a porta da frente. Encurtando o caminho sem nos importarmos com a distância. Estamos a um passo de nos unirmos sem nenhuma promessa. Confiantes apenas no que o amor está pedindo para fazermos: vivê-lo intensamente sem pensar no amanhã.

Linda, toda de branco, seguro a cascata de flores do campo que ganhei da senhora no caminho até aqui. Momentos antes, descobrira que tinha à minha disposição um celeiro enorme, lindo, que parecia novo e perfeitamente adaptado para a ocasião, com uma equipe de maquiadores, cabeleireiros e estilistas me esperando.

Tinha uma arara com vários vestidos brancos, que me deixaram indecisa sobre qual escolher; um é mais lindo que o outro! Mas quando vi o justo, todo trabalhado em seda, com uma grande cauda, não pensei duas vezes. Era ele.

Vamos lá, Nathalia...

Dou um passo e percebo o quanto estou trêmula. Ajeitando a cauda do vestido com olhos baixos, verifico os arremates que a costureira fez de última hora. Distraída, uma voz conhecida e emocionada chama minha atenção:

— Você é a noiva mais linda que já vi.

Meus olhos se encontram com os dele e começo a sorrir.

— Você está muito bem também, Juarez! — Foram raras as vezes que o vi de terno. Se buscar na minha memória, acho que só o vi vestido assim na minha formatura e no enterro da minha mãe. A lembrança me faz emotiva, sensível. Como eu queria que ela estivesse presente. — Não acredito que você está aqui.

— Não perderia um dia tão especial na sua vida.

— Pelo que vejo, você ficou sabendo que o dia seria especial antes de mim.

— Digamos que é tradicional o noivo pedir a mão da noiva antes para o pai dela.

De repente, seus olhos parecem sombrios.

— Você foi a figura mais paternal que conheci.

— Não tão presente como um pai deveria ser com sua filha de sangue. — Seu olhar baixou com pesar e

arrependimento. — Sei que pode ser tarde para você me querer acompanhando-a até o altar, mas eu não podia adiar mais lhe contar toda a verdade... Não depois de ouvir Caio dizer que não se acovardaria diante das circunstâncias, que faria de tudo para tê-la em seus braços. Naquele momento eu percebi que perdi a mulher que mais amei na minha vida por ser um covarde. A lição chegou muito tarde. Sua mãe não está mais aqui.

Meu mundo congela; o sangue para de correr pelas veias. Um misto de raiva e ressentimento se principia em meu peito.

— Por que não me disse antes?

Lágrimas escorrem pela minha face copiosamente, como rolam pela dele.

— Fiz uma promessa a sua mãe... — Ele estende a mão e toca meu rosto, limpando minhas lágrimas com o polegar. Enrijeço o corpo, na defensiva.

— Resolveu quebrá-la agora, por quê? — Sarcasticamente o questiono.

— Prometi a ela que nunca contaria nosso segredo. Quando descobrimos que ela estava grávida, eu ia largar Manuela. Estávamos tão felizes. Fizemos tantos planos juntos, passamos a noite listando tudo o que faríamos — seus olhos parecem viajar no tempo.

— Planos que, acho, não deram muito certo, não é mesmo? — Alheio ao que digo, ele continua:

— Quando cheguei em casa para falar com Manuela, a vi caída no chão, e ao seu lado, um frasco vazio de tranquilizantes. Depois de tentar socorrê-la, descobri que ela tinha deixado uma carta, dizendo que eu a perdoasse, pois ela estava fazendo aquilo para me deixar livre para viver um grande amor com sua mãe. Ela havia descoberto tudo... — Ele leva a mão no cabelo.

— Meu Deus!

— Se não fosse pelas grandes responsabilidades que eu tinha pela frente, acho que, naquele momento, eu tiraria minha própria vida; me senti tão culpado. Sua mãe e eu não tínhamos planejado nos apaixonar. Simplesmente aconteceu. A demora em socorrer Manuela ocasionou lesões cerebrais graves e o médico informou que ela vegetaria pelo resto da vida. Entrei em desespero. Por um lado, eu tinha uma mulher que estava me dando uma vida, e por outro, tinha uma que tentara tirar a dela. Sua mãe, quando descobriu, me fez prometer que eu cuidaria de Manuela pelo tempo que precisasse, e que de você ela cuidaria. Seria assim ou ela sumiria da minha vida e eu jamais as veria novamente. Você sabe como sua mãe era determinada e orgulhosa.

— Por que não me contou quando ela se foi? Eu tinha esse direito! — disse, triste naquele momento que deveria ser o mais feliz da minha vida.

— Fui um fraco.

Sensibilizada, me aproximo dele. O homem vulnerável a minha frente sempre foi para mim um grande sábio, dono de conselhos assertivos. É difícil imaginá-lo como meu pai, mesmo mantendo a proximidade que sempre tivemos. Quem sou eu para julgá-lo quando nunca passei por uma situação como a dele? Minha mãe sempre foi muito difícil de lidar. Se ela teimasse que algo era pedra, não tinha quem provasse que não era.

— Não está na hora de o pai da noiva conduzi-la ao altar? — Abro os braços para ele.

— Você me perdoa? — Ele pede, os olhos fixos nos meus.

— Quem tem que se perdoar é você.

Seu sorriso aflora.

— Vejo as melhores partes de sua mãe em você, minha filha.

— E suas? Quais são as partes que vê?

— Você é muito perfeita para ter algo de mim.

— Discordo. Sou uma ótima conselheira, sabia? Olha onde estou?

— Esse homem vê muito mais em você do que apenas uma conselheira. — Ele aperta o abraço. Um aconchego paternal me envolve. — Pronta?

— Prontíssima! Como nunca imaginei estar.



Capítulo 26

Caio

Meu celular vibra e eu leio a mensagem que me enche de emoção.

A noiva está a caminho.

A insegurança me atinge. *Será que é isso que ela quer?* Poderia não ser, tendo em vista as circunstâncias com que a cerquei. Talvez ela esteja aceitando se casar comigo por pura pressão.

Tento não encher a cabeça de dúvidas. Se ela está ali é porque me ama como eu a amo. Sinalizo para que os músicos fiquem a postos, sob a grande tenda armada, para começar a marcha nupcial. Não perco tempo, já que são apenas alguns metros do celeiro ao jardim onde está tudo montado. Aperto na memória do telefone o número do Juarez.

— Olá, meu rapaz. Estamos chegando.

— Juarez, me ouça. Pare alguns metros antes e saia do carro, preciso de dois minutos com Nathalia.

Ouço-a falar algo para ele em seguida.

— A noiva está dizendo que se quer desistir não precisa nem se dar o trabalho de vir até ela, já que você também não se deu o trabalho de pedi-la em casamento pessoalmente.

— Diz a ela que essa hipótese é improvável. Eu caso com ela nesta vida nem que seja amarrada.

Ele repete o que eu digo.

— Ela está dizendo que, sendo assim, você espere para dizer o que o aflige depois da cerimônia.

Ouço-a dizer: “Dê aqui esse telefone!”

Tento comentar algo, mas ela dispara:

— Escuta aqui, Caio. Ver a noiva antes da cerimônia dá azar. Você já conseguiu meu sim sem ao menos se dar o trabalho de me procurar. Não vai agora querer quebrar mais um protocolo, vai?

— Estava com saudade também... — Digo calmamente, com o sorriso no rosto.

— Poderia ter dito isso pessoalmente, e não ter enviado dois brutamontes para me sequestrar.

— Eles a machucaram?

— Não mais que você.

Mal consigo ouvi-la. Entendo que ela fala comigo e com o pai.

— Entende agora por que precisamos conversar antes da cerimônia? Tenho tantas coisas a dizer. Tanto sentimento a

declarar.

Ouço sua risada. A ligação está cheia de chiados.

— Bobo, eu me regenero rápido. Estou curadinha. —
Fico em silêncio por instantes. — Caio?

— Oi, meu amor.

— Olha para a frente.

Parada na ponta do tapete vermelho estendido até o altar, vejo-a de braços dados com Juarez.

— Os convidados estão esperando, *mon chéri*. A ideia foi sua de convidar minhas amigas do sul? — Mal tenho tempo de assentir quando ela continua. — Não me envergonhe perante elas me deixando parada na porta! O que pensariam do meu futuro marido?

Como a intenção era deixar Nat o mais confortável possível, convidei os parentes mais próximos, alguns amigos e me dei a liberdade de convidar algumas meninas que tinham trabalhado com ela. Mas a minha satisfação maior era vê-la com tamanha cumplicidade de braços dados com seu pai. Fiz questão de ir a Florianópolis conversar com Juarez.

Quando ele chegou ainda esta manhã no sítio, onde fiz questão que ele e as meninas se hospedassem, Juarez me chamou para conversar. Disse que tinha uma revelação para fazer a Nathalia e me contou tudo.

Os convidados nos olham. Fico tímido e um pouco nervoso quando escuto ressoar na acústica da tenda a

marcha nupcial e a avisto caminhar pelo tapete vermelho com Juarez. Minhas mãos formigam, ansiando para que ela ande logo o trecho que a separa de mim. Os receios dão lugar à certeza incondicional de que ela é a pessoa certa para mim. Sinto-me puramente feliz, apaixonado. Um homem de muita sorte.

Estava esperando ver uma noiva linda, mas ela está deslumbrante. Caminha com ar aristocrático, segura de si. Por um instante, assim que ela se aproxima do lugar onde a espero, nossos olhos se cruzam e todos a nossa volta deixam de existir; me apaixono de novo por ela nesse momento. Casaria com Nathalia todos os dias para ver nos seus olhos o brilho que estão irradiando. Meu mundo gira em torno deles.

— Cuida dela, meu jovem.

Juarez me entrega a mão delicada da filha. A sensação de estar recebendo a pessoa mais preciosa da minha vida é de pura felicidade. É uma experiência única. Nossos dedos se entrelaçam.

— Olhando nos meus olhos, me responde uma coisa, Caio: que ideia foi essa?

Se ela não me afrontasse, não seria a mulher por quem me apaixonei. Astuta, ela abre um sorriso.

Fechando sua cintura com meu braço, levo sua mão junto com a minha às suas costas. Puxo-a de encontro com meu corpo, deixando nossos rostos a uma pequena

distância. Percebo-a claustrofóbica, sem ar. Desarmá-la sempre foi meu maior prazer.

— Acredito que foi a melhor ideia que tive em toda minha vida.

Sua respiração acelera. Vejo pelo seu peito, que sobe e desce, delineado pelo vestido tomara que caia, o quanto está ansiosa.

— Você foi muito ousado.

— Sou um homem apaixonado. Amo você.

— Nunca imaginou que só seu amor poderia não ser suficiente para um passo tão importante em nossas vidas?

— Imagina, Nat. Eu não tomaria qualquer decisão se não soubesse que também me ama.

— Nunca disse isso para você.

— Não com essas palavras. Mas disse que não era capaz de não me amar. — Segurando-lhe o rosto com minha mão grande e livre, passo o polegar pelo seu queixo de maneira sensual. — Você me ama, Nathalia?

Meus lábios se aproximam dos dela, provocando-os, pedindo permissão para se abrirem e abrigar minha língua.

— Sempre o amei. — Sua resposta escapa junto com um gemido baixinho entreabrindo os lábios para mim.

— E quando estava pretendendo me contar?

— Em um momento como este.

Aproveito-me da sua permissão e deslizo a língua para dentro de sua boca quente. Ela me abriga e nossas línguas

se entrelaçam em um beijo tórrido, perdido no nosso mundo exclusivo.

Um pigarrear mexe com nossa concentração. O pastor nos fita com um olhar de reprovação.

— Ilustres noivos, estamos todos aqui reunidos para celebrar sua união. Vocês podem esperar pelo beijo no momento exato?

— Era a saudade, pastor.

A gente se recompõe, com sorrisos de lado a lado, sem graça.

Cada vez que olho para o lado, vejo-a sorrindo. Uma inigualável sensação de felicidade, tranquilidade, sorte e alívio me toma. Hoje eu sei que o amor existe de verdade. O pastor, em seu discurso, fala sobre a cumplicidade no casamento e ela balança a cabeça afirmativa, concordando com tudo. Comprometo-me naquele instante, aconteça o que acontecer, a cuidar dela, protegê-la enquanto eu viver. Ela é a mulher que me faz querer ser melhor. Quero conquistá-la dia após dia.

O pastor faz a pergunta de praxe: “Você a aceita como sua legítima esposa?”

— Aceito. Mas antes que o senhor faça a pergunta a ela, eu preciso fazê-la.

Ele nos olha sem entender nada e os convidados sorriem. A maioria deles sabe que é um casamento surpresa.

Eu a encaro absorto. Ajoelhando-me aos seus pés, idolatrando-a e jurando a ela todo o meu respeito, eu faço o que deveria ter feito antes de deixá-la partir de Nova York.

— Nathalia Lambertine, aceita ser minha esposa? —
Abro a caixa de veludo com nossas alianças.

— Aceito.

Eu esperava essa resposta. Porém ouvi-la é como uma música para meus ouvidos.

Levanto as mãos para trocarmos as alianças e não conseguimos parar de nos olhar até que ouvimos:

— Eu os declaro marido e mulher. Agora pode beijar a noiva.

Ele não precisa nos autorizar porque nós já estamos nos beijando. Nossos convidados ovacionam enviando-nos boas vibrações.

Deixarei de narrar nossa história aqui, em seu momento mais especial. Nesse encontro não existe um desfecho que não seja o amor pairando sobre nós. O ser humano, quando encontra sua cara-metade, torna-se completo, satisfeito por inteiro. Antes de conhecer Nathalia, eu era arrogante o bastante para imaginar que um homem tem livre-arbítrio em relação a quem ele quer amar. Porém, o amor me ensinou que quando se trata de sentimentos,

quem governa sua vida é o coração. Estou feliz por tê-la encontrado e juntos podermos escrever o nosso final feliz.

Fim



Agradecimentos

Por todo empenho e dedicação engajado ao sucesso do meu trabalho e carreira quero agradecer todo o departamento comercial da editora, representado aqui por verdadeiros profissionais talentosos e queridos: Daniela Kfuri, diretora comercial da HarperCollins Brasil, Belkiss Siqueira, responsável pelo canal digital, Bruno Maia, Alecsander Ferreira, Fernando Garcia e Rodrigo Sampaio, muito obrigada. E também agradeço ao departamento de marketing: Tati Ramos, Fernanda, Nathalia Barone, Renata Bonavita, Andrea Guatiello e meu anjo da guarda, Tábata. Vocês estão desempenhando um papel brilhante em minha trajetória.

Sue Hecker, pseudônimo criado para Débora Gastaldo por uma grande amiga, nasceu em 1972 em São Bernardo do Campo (SP).

Escrever histórias começou como um passatempo, mas logo se transformou em uma experiência mágica. Desde a postagem de seu primeiro capítulo, Sue se surpreende com a receptividade de milhares de leitoras que não só passaram a acompanhá-la fielmente, como também se tornaram suas amigas.

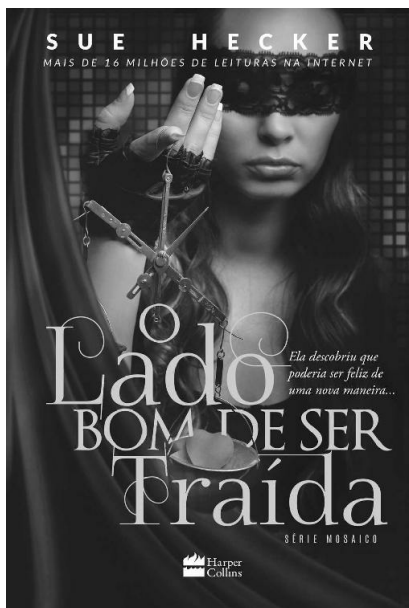
Sempre uma devoradora de livros, Sue não raro se flagra sonhando em criar mais histórias.

Com mais de 16 milhões de leituras na internet e imensamente prestigiada por suas leitoras, Sue Hecker é autora de *Tutor*, *O lado bom de ser traída*, *Sr. G*, *Eu, ele e*

Sr. G, além dos ebooks exclusivos *Prelúdio do cinismo* e *Consequências*.

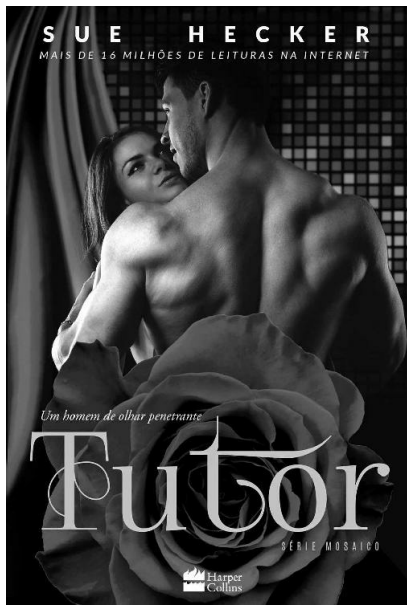


Confira os outros livros de Sue Hecker:



O lado bom de ser traída

<http://www.harpercollins.com.br/livro/o-lado-bom-de-ser-traida/>



Tutor

<http://www.harpercollins.com.br/livro/tutor/>